

**MASS MÍDIA**

---

DEMOCRACIA  
E POLÍTICAS  
DA CULTURA

**Grau  
Zero**

REVISTA DE CRÍTICA CULTURAL

Volume 7, número 1, jan./Jun. 2019 ISSN 2318-7085

ISSN 2318-7085

# GrauZero

■■■ Revista de Crítica Cultural

**Dossiê:**

**Mass mídia, Democracia e Políticas da Cultura**

Organização:

Ariel Dantas Barbosa  
Felipe Santos da Silva  
Jailda Passos Alves

ISSN 2318-7085

# GrauZero

■■■ Revista de Crítica Cultural

**Dossiê:**

**Mass mídia, Democracia e Políticas da Cultura.**

Organização:

Ariel Dantas Barbosa

Felipe Santos da Silva

Jailda Passos Alves

Fábrica de Letras  
Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural (Pós-Crítica)  
Departamento de Educação do Campus II da  
Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

Grau Zero	Alagoinhas	v. 7	n. 1	p. 1-180	jan./jun. 2019
-----------	------------	------	------	----------	----------------

© 2019 by Editora Fábrica de Letras  
Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus II  
Departamento de Educação  
Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural (Pós-Crítica)  
Rodovia Alagoinhas/Salvador BR 110, Km 3  
Telefone: (75) 3421-4594  
Alagoinhas — BA  
CEP: 48.040-210

*Organização deste número:*

Ariel Dantas Barbosa  
Jailda Passos Alves

Felipe Santos da Silva

*Comissão editorial:*

Ariel Dantas Barbosa  
Felipe Santos da Silva  
Jailda Passos Alves

Pollyanna Araújo Carvalho

*Preparação de texto:* Felipe Santos da  
Silva, Jailda Passos Alves e Pollyanna  
Aarújo Carvalho

*Apoio técnico:* Gleison Fernandes da  
Silva

*Acompanhamento editorial:* José Carlos  
Felix

*Capa:* Gleison Fernandes da Silva

*Concepção da capa:* Calila das Mercês  
Oliveira

*Revisão linguística:* Felipe Santos da  
Silva

*Revisão de inglês:* Jailda Passos Alves

*Editora Fábrica de Letras*

*Coordenação:* Profa. Dra. Edil Silva Costa

*Editor:* Prof. Dr. José Carlos Felix

*Editor Adjunto:* Roberto Henrique Seidel

*Editora assistente:* Pollyanna Araújo Carvalho

*Revista Grau Zero*

*Endereço eletrônico:* [grauzero.uneb@gmail.com](mailto:grauzero.uneb@gmail.com)

*Sítio de internet:* <http://www.revistas.uneb.br/index.php/grauzero>

---

Ficha Catalográfica

Grau Zero — Revista de Crítica Cultural, do Programa de  
Pós-Graduação em Crítica Cultural, da Universidade  
do Estado da Bahia, Alagoinhas: Fábrica de Letras, v. 7, n. 1, jan./jun. 2019.

Semestral  
ISSN 2318-7085 online

1. Crítica cultural. 2. Cultura. 3. Literatura. 4. Modos de produção.

---

Os conceitos emitidos em artigos são de absoluta e exclusiva responsabilidade dos autores. É proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem autorização expressa da Editora. Todos os direitos reservados à Fábrica de Letras.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA (UNEB)

Reitor: José Bites de Carvalho

Vice-Reitor: Marcelo Duarte Dantas de Avila

Pró-Reitoria de Extensão: Maria Celeste de Souza Castro

Pró-Reitoria de Pesquisa Pós-Graduação: Tania Maria Hetkowski

Pró-Reitoria de Graduação: Kathia Marise Borges Sales

Departamento de Educação II: Maria Neuma Mascarenhas Paes

Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural (Pós-Crítica)

Coordenador *pro tempore*: Prof. Dr. Osmar Moreira dos Santos

Vice-Coordenadora *pro tempore*: Profa. Dra. Áurea da Silva Pereira Santos

Dossiê: Mass mídia, Democracia e Políticas da Cultura. *Grau Zero: Revista de Crítica Cultural*. Revista do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Alagoinhas, v. 7, n. 1. 2019. ISSN 2318-7085 online.

*Conselho Editorial:*

Anna Palma (UFMG)

Bruno Omar Souza (PUC-Rio)

Edil Silva Costa (UNEB)

Renata Rocha Ribeiro (UFG)

Adriana Angelita da Conceição (UFAM)

Rafael Ferreira da Silva, (UFC)

Antônio de Pádua Dias da Silva (UEPB)

Dirceu Rodrigues da Silva (UNESP)

Carla Moreira Barbosa (UFF)

Christina Bielinski Ramalho (UFS)

Jailma dos Santos Pedreira Moreira (UNEB)

Frank Nilton Marcon (UFS)

Lauro José Siqueira Baldini (UNICAMP)

Lucília Maria Sousa Romão (USP)

Marcelo Alario Ennes (UFS)

Marilda Rosa Galvão Checcucci Gonçalves da Silva (UFMA)

Sônia Maria dos Santos Marques (UNIOESTE)

Patricia Patricia Peterle (UFSC)

Georg Otte (UFMG)

Ismael Moreira Jardim (UFRGS)

*Pareceristas Convidados:*

Vera Lucia Casa Nova (UFMG)

Georg Otte (UFMG)

Rafael da Silva (UFC)

Elcio Cornelsen (UFMG)



## SUMÁRIO

Apresentação <i>Ariel Dantas Barbos, Felipe Santos da Silva e Jailda Passos Alves</i>	09
Narrativa sobre dois anos após o rompimento da barragem da Samarco: a organização narrativa do discurso no jornal o liberal, de Mariana (MG) <i>Lúcia Magalhães Torres Bueno e Mônica Santos de Souza Melo</i>	13
As relações de saber e poder na cultura e na literatura <i>Adriana Ferreira de Souza</i>	41
Vendem-se causas, compram-se lutas! A apropriação de questões sociais pela indústria cultural <i>Júlia dos Anjos Costa</i>	57
Protagonistas de si: representatividade e intelectualidade negra no Youtube <i>Gisele Moreira Santos</i>	77
Cultura e representatividade negra no mundo da cibercultura <i>Alesandra de Jesus Silva</i>	93
Homem e sociedade - do pós-crítica à cultura: entendendo a violência impressa contra os LGBTQI+ <i>Renato Silveira</i>	111
Pontos de Cultura do Litoral Norte e Agreste Baiano: produção e conexões estético-políticas <i>Tárcio Leonardo Santos Mota</i>	129

Resenha	145
Maria da Glória Gohn - movimentos sociais e redes de mobilizações civis no brasil contemporâneo – Resenha do livro GOHN, Maria da Glória. Movimentos sociais e redes de mobilizações civis no Brasil contemporâneo. Petrópolis: Vozes, 2010. 190 p. <i>Rogério da Silva de Jesus</i>	
Entrevista:	153
Entrando no bosque #leiamaismulheres – Entrevista com a <i>Profa. Dra. Juliana Cristina Salvadori Jilda Passos Alves</i>	
Entrevista:	161
Impasses com o artefato literário: Teoria, acadêmica da literatura e os critérios de valor – Entrevista com o <i>Prof. Dr. Fabio Akcelrud Durão José Carlos Felix e Felipe Santos da Silva</i>	
Sobre as autoras e os autores	171
Política de publicação	175

## APRESENTAÇÃO

O vol. 7, n. 1, da Revista Grau Zero, organizada pelos estudantes do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural da Universidade do Estado da Bahia (DEDC - Campus II) tem como proposta a temática Mass mídia, Democracia e Políticas da Cultura, apresentando a respeito das noções e os papéis desempenhados na mídia de massa e nas políticas da cultura contemporânea. Desse modo, o dossiê propôs refletir sobre a mídia de massa dentro do contexto da democratização de informação e entretenimento, funcionando não apenas como um mero difusor de conteúdo, mas seu poder de produzir e legitimar artefatos culturais por meio de suas mais diversas formas de produção, reprodução e representações da cultura, sobretudo aquelas comprometidas a atender interesses e demandas, políticas e econômicas neoliberais.

Lúcia Bueno e Mônica Melo, no artigo Narrativa sobre dois anos após o rompimento da barragem da Samarco: a organização narrativa do discurso no jornal O Liberal, de Mariana (MG), analisam, a partir da Teoria Semiolinguística de Patrick Charaudeau, a organização narrativa da notícia “Dois anos após a tragédia, atingidos pela barragem de Fundão cobram mais ação da Samarco e Renova”, publicada em 10 de novembro de 2017, pelo Jornal O Liberal, de Mariana (MG), no que tange as estratégias discursivas adotadas na notícia. Isto é, como os aspectos concernentes ao rompimento da barragem foram apresentados e quais os imaginários sociodiscursivos se destacaram.

No artigo, As relações de saber e poder na cultura e na literatura, a autora, Adriana Ferreira de Souza, analisa as relações de saber e poder que perpassam o campo linguístico-literário e cultural. Problematicando, especificamente, as inquietações sobre cultura e literatura no que concerne ao desenvolvimento do conhecimento e as formas de dominação. Associando às transformações sociais, as quais permei-

am as categorias de historicidade e temporalidade apresentando a partir de diferentes referenciais teóricos, os dispositivos do saber-poder que buscam a dominação das massas e seus contradispositivos capazes de combater a reprodução das ideologias repressoras por meio do campo linguístico-literário.

Em Vendem-se causas, compram-se lutas! A apropriação de questões sociais pela indústria cultural, a autora Julia Costa analisa alguns modos de apropriação de questões sociais pela indústria cultural, que visualiza nestas um lucrativo nicho de mercado a ser constantemente explorado. No intuito de analisar as ideias que podem auxiliar na compreensão sobre as amarras capitalistas, que moldam a subjetividade dos indivíduos na busca por dominá-los de modo totalitário, buscando examinar também como essa apropriação ocorre ao fazer uso da força midiática (tais como moda, publicidade e cinema) como ferramenta de alienação da massa, citando casos relevantes ocorridos em setores distintos, relacionando com os malefícios que a indústria cultural promove.

No artigo Protagonistas de si: representatividade e intelectualidade negra no YouTube, Gisele Moreira Santos traz para o centro de discussão o lugar ocupado pelos youtubers negros no Brasil, essa análise dá-se a partir da explanação de uma pesquisa publicada em 2018 que indica um ranking dos dez maiores canais do YouTube no país. Ademais, a autora atenta-se ainda às formas de conhecimento que estão sendo produzidas, lendo-as como uma iniciativa que pode ser ao mesmo tempo individual, protagonistas de si, e coletiva, pelo viés da representatividade.

Em Cultura e representatividade negra no mundo da cibercultura, Alesandra de Jesus Silva traça um panorama do conceito de cultura do século XVIII até as significações que a expressão tomou com a chegada dos Estudos Culturais. O intuito é refletir as formas de cultura, por meio da cibercultura, que tem possibilitado um maior intercâmbio cultural atra-

vés de plataformas que contribuem para representatividade, afirmação e empoderamento negro como o blog Negra Rosa e o Blogueiras Negras.

O pesquisador Renato Silveira, apresenta uma discussão sobre LGBTQI+, no seu artigo, Homem e sociedade - do pós-crítica à cultura: entendendo a violência impressa contra os LGBTQI+, o qual ele faz um estudo sob o viés do método crítico cultural, o homem e sua relação com a comunidade LGBTQI+ associados à violência nos periódicos impressos (Zero Hora - RS, A Tarde e Correio da Bahia – BA) focando o comportamento social para entender e até mesmo quebrar os paradigmas culturais. Como fundamento de uma teoria discursiva de leitura sobre a violência no mundo dos periódicos, o autor pautou-se nas investigações do campo das ciências sociais e como estratégia se utilizou autores que respaldam a crítica cultural, indicando a praxiologia do referido tema. As leituras em conjunto com as produções bibliográficas positivaram a cultura das margens viabilizando a difusão da linguagem escrita facilitando a compreensão das identidades de gênero e sexualidade.

No artigo intitulado Pontos de cultura do litoral norte e agreste baiano: produção e conexões estético-políticos, Tarcio Leonardo Mota propõe analisar por meio dos Pontos de Cultura implantados pelo Programa Cultura Viva as relações estético-políticas e seus impactos diretos nos territórios do litoral norte e agreste baiano. Para o autor, o Ponto de Cultura é um modo de afirmação cultural e de difusão democrática da cultura para aqueles que sofreram com o monopólio do saber por meio das disparidades impostas pela classe dominante.

A obra Movimentos sociais e redes de mobilizações civis no Brasil contemporâneo de Maria da Glória Gohn referencia o tema de forma a categorizar a conjuntura e os debates atuais relacionados às redes e a mobilização social. Apresenta ao leitor os aportes teóricos e históricos, mapean-

do os modos de ação e as principais disputas relacionadas a direitos e conquistas sociais; apresenta dados advindos de pesquisas e produções de quatro décadas de esforços e estudos dos movimentos sociais no Brasil. Visa contribuir para o debate voltado para a organização e transformação social, ressaltando as questões de emancipação, autonomia e justiça social, de atores e o controle social regulatório estabelecido para limitar as ações desses.

Na entrevista realizada por Jailda Passos Alves, a professora Dra. Juliana Cristina Salvadori discorre sobre o projeto Entrando no bosque #LEIAMAISMULHERES, um trabalho que se volta tanto ao fomento da leitura de textos literários escritos por mulheres quanto à formação de leitores e o fortalecimento de pesquisas que abordam tais temas. Discutiuse acerca dos fatores que impulsionaram a criação do projeto, os seus objetivos, dificuldades, estratégias e resultados, bem como sobre a significância do apoio de políticas públicas.

Na entrevista, Impasses com o artefato literário: teoria, academização da literatura e os critérios de valor, realizada por Felipe Silva e José Carlos Felix, o professor Dr. Fábio Akcelrud Durão propõe uma discussão em torno da institucionalização da literatura na universidade e seus impasses no campo da teoria, estética, os critérios de valor e do próprio artefato literário.

A todos, uma boa leitura!

Ariel Dantas Barbosa  
Felipe Santos da Silva  
Jailda Passos Alves

## NARRATIVA SOBRE DOIS ANOS APÓS O ROMPIMENTO DA BARRAGEM DA SAMARCO: A ORGANIZAÇÃO NARRATIVA DO DISCURSO NO JORNAL *O LIBERAL*, DE MARIANA (MG)

Lúcia Magalhães Torres Bueno<sup>1</sup>  
Mônica Santos de Souza Melo<sup>2</sup>

*Resumo:* Os atingidos pelo rompimento da Barragem de Fundão, da Samarco Mineração, em Mariana (MG), em novembro de 2015, continuam enfrentando problemas, principalmente relacionados ao atraso no reassentamento das famílias por parte da empresa e Fundação Renova. A Fundação Renova, criada no ano seguinte, busca gerenciar a reparação e compensação de danos causados pelo rompimento. Este trabalho objetiva descrever e analisar a organização narrativa da notícia “Dois anos após a tragédia, atingidos pela barragem de Fundão cobram mais ação da Samarco e Renova”, publicada em 10 de novembro de 2017, pelo *Jornal O Liberal*, de Mariana (MG), a partir da Teoria Semiociológica de Patrick Charaudeau. A encenação narrativa na notícia descrita e analisada ocorre em uma situação de comunicação que envolve um projeto de escrita e as experiências vividas dois anos após o rompimento, com suas respectivas consequências.

*Palavras-Chave:* Rompimento da barragem de Fundão. Semiociológica. Modo de Organização do Discurso Narrativo.

- 
- 1 Aluna do Programa do Mestrado em Letras da UFV/Universidade Federal de Viçosa, na área de Concentração Linguística e Linha de Pesquisa Estudos do Texto e do Discurso. Endereço eletrônico: [luciatbueno@gmail.com](mailto:luciatbueno@gmail.com)
  - 2 Professora Doutora do Programa de Mestrado em Letras da UFV/Universidade Federal de Viçosa. Endereço eletrônico: [monicamelo@ufv.br](mailto:monicamelo@ufv.br)

**NARRATIVE ON TWO YEARS AFTER THE BREAKING OF SAMARCO DAM: THE NARRATIVE ORGANIZATION OF THE SPEECH IN THE NEWSPAPER *O LIBERAL*, FROM MARIANA (MG)**

*Abstract:* Those affected by the rupture of the Fundão dam, that's belong to the Samarco Mineração, in Mariana (MG), in November 2015, continue to live with problems, mainly related to the delay in the re-settlement of the families by the company and Fundação Renova. The Renova Foundation was created in the next year to manage the repair and compensation of damages. This paper aims to describe and analyze the narrative organization of the news "Dois anos após a tragédia, atingidos pela barragem de Fundão cobram mais ação da Samarco e Renova", published on November 10, 2017 by the newspaper "O Liberal" from Mariana (MG) using the Semiolinguistic Theory of Patrick Charaudeau. The narrative staging in the news described and analyzed situations of communication that involves a writing project and the experiences lived two years after the breakup, with their respective consequences.

*Keywords:* Breaking of the dam of Fundão. Semiolinguistics. Mode of Organization of Narrative Discourse.

## **Introdução**

"Contar representa uma busca constante e infinita; a da resposta às perguntas fundamentais que o ser humano se faz: 'quem somos? qual é a nossa origem? qual é nosso destino?' Dito de outro modo: 'qual é a verdade do nosso ser?' Como essa não se deixa descobrir, o homem, através do seu imaginário, produz

narrativas que, falando de fatos e gestos dos seres humanos, liberam parcelas de verdade.”

Patrick Charaudeau (2008)

De acordo com a prefeitura de Mariana (MG), a cidade teve sua origem com a chegada de Bandeirantes paulistas, em 16 de julho de 1696, a um pequeno rio ao qual deram o nome de Ribeirão do Carmo, onde encontraram muito ouro. Ainda conforme a prefeitura, foi neste local que surgiu o Arraial de Nossa Senhora do Carmo, primeiro nome recebido pela cidade de Mariana, que ficou marcada no cenário brasileiro por ter sido um dos principais locais de fornecimento de ouro para Portugal no período colonial e que, posteriormente, passou a ter o minério de ferro como sua maior fonte geradora de empregos e de receita.

Foi justamente nas nascentes do Ribeirão do Carmo, onde se implantou o primeiro grande garimpo de ouro do Brasil, que ocorreu o maior desastre conhecido envolvendo a mineração, conforme afirma Schaefer et al. (2015). Trata-se do rompimento da barragem de Fundão, da empresa Samarco Mineração, ocorrido no dia 5 de novembro de 2015.

De acordo com Schaefer et al. (2015), desde o século XVII, no início da História da Capitania de Minas, a economia desta região centrou-se em grande parte na exploração mineral, atividade cercada por muitas variáveis complexas. Os autores destacam que o rompimento da barragem de Fundão repete uma lógica que teve começo nos tempos coloniais em que a atividade de mineração já se valia do represamento de água, sendo que a lama gerada nos ciclos antigos acabava por se espalhar e dispersar, embora menos concentrada, pelos rios da Capitania. Ainda, conforme os autores, é urgente que se procure conciliar os ricos ganhos com a mineração no estado de Minas Gerais com sistemas mais seguros, minimizando os riscos.

Como consequência trágica do rompimento da barragem de Fundão, encontra-se a morte de 19 pessoas. Outra grave consequência é que, à jusante<sup>3</sup> da barragem, em Mariana (MG) e Barra Longa (MG), foram destruídos povoados e suas populações ficaram sem suas moradias, seus pertences, a convivência comunitária a que estavam acostumados, ou seja, sem a vida vivida e construída por eles. Passados mais de dois anos, ainda convivem com problemas em relação ao cadastro definitivo (como atingido) e em relação ao reassentamento.

O presente artigo tem como *corpus* uma notícia que relata a posição dos atingidos frente às ações da Samarco e da Fundação Renova em relação às demandas relativas ao cadastro dos atingidos e sobre o processo de reassentamento das famílias dos povoados destruídos. Ele se relaciona à temática de uma pesquisa que envolve a análise de um grupo de notícias de jornais de Mariana (MG), Governador Valadares (MG) e Linhares (ES), municípios diretamente impactados pelo desastre, que analisa o modo como os aspectos ligados ao rompimento da barragem de Fundão têm sido apresentados e quais os imaginários sociodiscursivos têm se destacado.

Este artigo tem como objetivo descrever e analisar as estratégias discursivas adotadas na notícia intitulada “Dois anos após a tragédia, atingidos pela barragem de Fundão cobram mais ação da Samarco e Renova”. Ela foi publicada no dia 10 de novembro de 2017, pelo Jornal *O Liberal*, de Mariana (MG), e será aqui descrita com base na Teoria Semiológica de Patrick Charaudeau.

---

3 O sentido da correnteza num curso de água (da nascente para a foz).

## Referencial Teórico

O aporte teórico deste artigo é a Teoria Semiolingüística de Patrick Charaudeau. Esta é uma teoria que contrapõe dois tipos de abordagem: uma em que a linguagem é vista como um objeto transparente, que utiliza o método de abstração<sup>4</sup> e que se interessa pelo “do que” ela está falando; e outra que se caracteriza por uma concepção de linguagem como um objeto não transparente, que utiliza o método de elucidação<sup>5</sup>, e que se interessa pelo “como” a linguagem diz algo.

Conforme Charaudeau (2008), a maioria das práticas lingüísticas corresponde, simultaneamente, à concepção de linguagem como objeto transparente e à utilização do método de abstração; já as práticas semióticas, nas quais a Teoria Semiolingüística também se baseia, encontram-se divididas entre a atividade de abstração – na qual se retorna a uma imanência (busca de essência) do tipo lógico-conceitual ou lógico-cultural; e a atividade de elucidação. Portanto, segundo o autor, a Análise Semiolingüística do discurso constitui-se como Semiótica porque se interessa por um objeto que só se constitui em uma intertextualidade (que depende dos sujeitos, que procuram extrair da linguagem possíveis significantes).

A Teoria Semiolingüística se preocupa, sobretudo, conforme Charaudeau (2008), com as condições que presi-

- 
- 4 Neste sentido se refere à busca de uma essência nas manifestações languageiras passíveis de ser classificadas e que representem uma estrutura de pensamento, ou seja, uma busca dos universais da linguagem, de acordo com Charaudeau (2008).
  - 5 A atividade de elucidação se dá, conforme Charaudeau (2008), pelo percurso da manifestação languageira de acordo com um contexto, com dados que variam, com a finalidade de fazer com que surjam, de confrontações sucessivas, conjuntos significantes, que testemunhem a relação do ato de linguagem com as condições em que foram produzidas e interpretadas.

dem a construção do mundo, ou seja, estuda a forma como a linguagem fala, e em outros termos, como a significação é significada. Porque, de acordo com o autor, entende-se a linguagem como um fenômeno que se dá somente na circunstância particular que a produz, testemunhando não somente o mundo, mas como o sujeito “fala” a linguagem e é falado por ela.

Um ato de comunicação, na visão de Charaudeau (2008), pode ser representado por um dispositivo no qual se encontra uma situação de comunicação composta por parceiros do ato de comunicação ligados por um contrato comunicacional<sup>6</sup>; a língua; o texto; e os Modos de Organização do Discurso. Estes, conforme Charaudeau (2008), constituem os princípios de organização da matéria linguística, os quais dependem da finalidade comunicativa do sujeito falante, a saber; enunciar (promover a organização enunciativa através do Modo de Organização Enunciativo); descrever (promover a organização descritiva através do Modo de Organização Descritivo); contar (promover a organização narrativa através do Modo de Organização Narrativo); e argumentar (promover a organização argumentativa através do Modo de Organização Argumentativo). Na teoria da Semiologia, descrever Modos de Organização do Discurso (Enunciativo, Descritivo, Narrativo e Argumentativo) é fazer com que fiquem evidentes os componentes e procedimentos de cada um para que se compreendam melhor as numerosas significações de um texto.

---

6 “A noção de *contrato* que os indivíduos pertencentes a um mesmo corpo de práticas sociais estejam suscetíveis de chegar a um acordo sobre as representações linguageiras dessas práticas sociais. Em decorrência disso, o sujeito comunicante sempre pode supor que o outro possui uma competência linguageira de *reconhecimento* análoga à sua. Nesta perspectiva, o ato de linguagem torna-se uma *proposição* que o EU faz ao TU e da qual ele espera uma contrapartida de convivência.” (CHARAUDEAU, 2008, p. 56)

Este artigo destaca o Modo de Organização Narrativo que, em geral, predomina no gênero notícia. De acordo com Charaudeau (2008), contar não é só descrever uma sequência de ações; envolve também um contexto; é uma atividade posterior à existência de uma realidade que se apresenta passada, mesmo no caso de ser inventada, fazendo surgir em seu conjunto, o universo contado, que predomina sobre a outra realidade e que passa a existir somente através deste universo.

A descrição do Modo de Organização do Discurso Narrativo permite evidenciar, dentre outros aspectos, quais são os elementos da encenação deste modo de discurso. Em toda narrativa, há uma encenação, como em toda atividade de comunicação, na qual se encontram articulados dois espaços de significação, o espaço externo e o espaço interno ao texto. No espaço externo, encontram-se dois parceiros da troca linguageira, o autor e o leitor “reais”, como seres de identidade social. No espaço interno, se encontram dois sujeitos da narrativa, o narrador e leitor-destinatário, como seres de identidade discursiva.

O Modo de Organização Narrativo, conforme Charaudeau (2008), constitui-se de uma organização lógica, que possui componentes (os actantes, os processos e as sequências) e procedimentos de configuração (ligados à motivação intencional, à cronologia, ao ritmo e à localização espaço-temporal). Uma encenação narrativa possui como componentes o dispositivo narrativo e os parceiros e protagonistas e, como procedimentos de configuração, as intervenções e identidades do narrador, o estatuto do narrador e os pontos de vista do narrador.

Além dos pressupostos teóricos, a Teoria Semiológica de Charaudeau oferece procedimentos metodológicos para se fazer a descrição dos diversos gêneros textuais. Neste artigo foi selecionada para descrição e análise uma notícia do Jornal *O Liberal*, que publica notícias de Mariana,

Ouro Preto e Itabirito e que, portanto, circula nestas cidades. O jornal foi escolhido, por circular de forma impressa no município de Mariana (MG) e a notícia, por tratar de problemas pelos quais passam os atingidos pelo rompimento da barragem de Fundão, mesmo depois de dois anos.

O trabalho envolve o resumo da notícia, a contextualização sobre os personagens ou seres que dela fazem parte e são importantes para a narrativa, a descrição segundo as categorias propostas por Charaudeau (2008) sobre a lógica e a encenação narrativa. Para referir-se à situação de comunicação e ao dispositivo da encenação narrativa da notícia estudada, foram realizadas adaptações dos esquemas produzidos e apresentados em Charaudeau (2008).

## Descrição e análise

### 1. A notícia

#### 1.1 Resumo

Inicialmente, a notícia informa sobre os seguintes aspectos: completaram-se dois anos da maior tragédia socioambiental do Brasil, o rompimento da barragem de Fundão; 279 famílias ainda esperam por reassentamento, cadastro definitivo e oportunidade para reconstrução de suas vidas. Estes assuntos foram tratados em coletiva de imprensa com atingidos e autoridades no dia 4 de novembro de 2017. Em continuidade, foram apresentados os depoimentos de uma moradora de Bento Rodrigues, de uma moradora de Paracatu de Baixo e do Promotor de Justiça de Mariana, pelos quais cobraram ações da Samarco e da Renova, principalmente devido a atrasos no reassentamento das famílias e problemas quanto a cadastro definitivo. A informação de que, após a coletiva, a imprensa pôde visitar as localidades de Bento Ro-

drigues e Paracatu de Baixo encerrou a narrativa sobre as cobranças de mais ações da Samarco e da Renova, pelos atingidos. Em seguida, a notícia foi completada com outra narrativa, relacionada à principal, na qual se apresentam algumas informações divulgadas em nota da Fundação Renova, dizendo que ela tem cumprido os prazos do reassentamento, tendo concluído os ajustes com o acompanhamento da comunidade e da Cáritas, e que continua seguindo os processos de reassentamento.

## 1.2 Personagens

A notícia faz menção aos seguintes seres<sup>7</sup>: a barragem de Fundão, a empresa Samarco, a Fundação Renova (relacionados à responsabilidade pelo desastre); a imprensa (relacionada à divulgação, informações e até mesmo influência sobre o tema); os atingidos (a Comissão dos Atingidos, Janaína Cecília, Luiza Queiroz, as comunidades de Bento Rodrigues, Paracatu de Baixo e Gesteira); as autoridades, citando o promotor de Justiça Guilherme Meneghin (aliado aos atingidos); o Jornal *A Sirene*, Cáritas (aliados aos atingidos) e o Comitê Interfederativo (relacionado ao acompanhamento de trabalho da Fundação Renova).

A barragem de Fundão teve seu processo de licenciamento ambiental iniciado em 2005, e sua primeira Licença de Operação foi concedida em 2008 e se encontrava em processo de renovação quando ocorreu o desastre, segundo Mansur et al. (2016). De acordo com estes autores o EIA-RIMA<sup>8</sup> desta barragem possui sérios problemas técnicos, o que impossibilitou previsão dos efeitos, agravando os impactos nas comu-

---

7 Termo utilizado por Charaudeau, ao tratar do Modo de Organização Descritivo, para designar tanto o que é nomeado por nomes comuns ou próprios.

8 EIA-RIMA: Estudo de Impacto Ambiental e Relatório de Impacto Ambiental.

nidades vizinhas. Eles informam também que sua operação era conduzida pela Samarco Mineração S.A., empresa que foi constituída em 1973, pela PHP Billiton Brasil Ltda, que se uniu à Vale S.A. em 2000.

Sobre a imprensa, a notícia não identifica quais os veículos de comunicação que participaram da coletiva. Pensa-se que este setor da sociedade exerce um papel de destaque na comunicação sobre o desastre. Segundo André Prous, editor dos Arquivos do Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG:

os jornais brasileiros e os programas de rádio e de televisão logo passaram a divulgar os depoimentos dos moradores vitimados e as declarações contraditórias feitas por ambientalistas e pelos representantes das empresas envolvidas. Todos opinavam sobre as responsabilidades, os riscos a curto e longo prazo consecutivos ao fluxo de partículas transportadas e depositadas, ou sobre as medidas a serem tomadas a curto e médio prazo. Era muito difícil para os leitores avaliar o que seria palpito, oportunismo, ou ainda, opinião credenciada (PROUS, 2015, p. 7).

Como atingidos, a notícia se refere, na narrativa principal, aos moradores das comunidades de Bento Rodrigues e Paracatu de Baixo. Esta narrativa apresentou a fala de Janá-fina Cecília, de Bento Rodrigues, e de Luzia Queiroz, moradora de Paracatu de Baixo. Na segunda narrativa, que se relaciona à narrativa principal, foi também citada a comunidade de Gesteira, do município de Barra Longa (MG). A coletiva de imprensa de que trata a notícia foi organizada pela Comissão de Atingidos. De acordo com o Ministério Público de Minas Gerais (MPMG, 2016), esta Comissão foi constituída por re-

presentantes legítimos de famílias e comunidades de Mariana afetadas pela lama, mesmo com todas as dificuldades e tensões, no dia 28 de novembro de 2015.

Quanto às autoridades, a notícia utiliza esta denominação geral, não identificando outros tipos de Poder, além do promotor de Justiça Guilherme Meneghin, da Comarca de Mariana, que representa o Poder Judiciário.

Outro personagem apresentado na notícia é o Jornal A Sirene. Este jornal é publicado desde fevereiro de 2016, produzido pelos próprios atingidos, com apoio da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e de outros movimentos sociais e coletivos. Ele é lançado no dia 5 de cada mês, que coincide com o dia do mês em que ocorreu a tragédia.

Além do Jornal A Sirene, a Cáritas também foi citada na notícia como instituição que apoiou a Coletiva de Imprensa. Esta é uma entidade da Igreja Católica que atua na promoção dos direitos humanos, da segurança alimentar e do desenvolvimento sustentável, atuando junto a excluídos em defesa da vida. Ela foi contratada para assessorar os atingidos na tomada de decisões em relação a seus direitos e possibilidades.

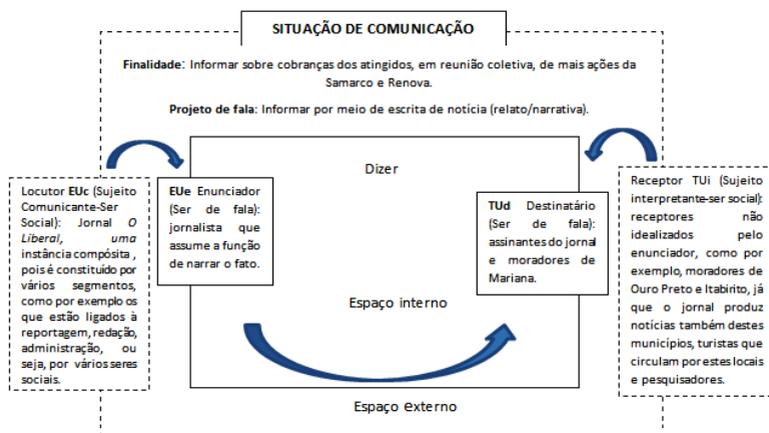
Na notícia, os atingidos cobram ações da Samarco e da Fundação Renova. Esta fundação, conforme informações do seu site, é fruto do Termo de Transação e Ajustamento de Conduta (TTAC), assinado pela Samarco Mineração (com apoio de suas acionistas, Vale e BHP Billiton), pelos Governos dos estados de Minas Gerais e Espírito Santo e por outros órgãos governamentais, no dia 2 de março de 2016, tendo sido constituída em 30 de junho de 2016, iniciando suas operações no dia 2 de agosto do mesmo ano. O site também informa que a responsabilidade da fundação é criar, gerir e executar ações de reparação e compensação das áreas e co-

munidades atingidas pelo rompimento da barragem de Fundão.

Além da Fundação Renova, outro órgão que surgiu como desdobramento do desastre provocado pelo rompimento da barragem de Fundão e que é citado na notícia é o Comitê Interfederativo (CIF), presidido pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA). Segundo o IBAMA (BRASIL, 2016), ele tem como função orientar e validar os atos da Fundação Renova; e é composto por representantes do Governo Federal, dos governos dos estados de Minas Gerais e Espírito Santo, das pessoas atingidas, da Defensoria Pública e do Comitê de Bacia Hidrográfica do Rio Doce.

## 2. Situação de Comunicação

O ato de linguagem, de acordo com Charaudeau (2008) não corresponde somente a um ato de comunicação, ele também não é somente resultado de uma intenção única do emissor, nem de um duplo processo simétrico entre Emissor e Receptor. Ainda, segundo o autor, todo ato de linguagem é o resultado de um jogo entre o explícito e o implícito, que nasce de circunstâncias de discurso específicas, que se realiza em pontos de encontro dos processos de produção e de interpretação, e que é encenado pelos sujeitos de fala, o Enunciador (EUE) e o Destinatário (TUD), e pelos sujeitos sociais, o Locutor (EUC – Sujeito Comunicante) e o Receptor (TUI – Sujeito Interpretante). O esquema apresentado na figura a seguir procura mostrar a situação de comunicação da notícia estudada neste artigo.



**Figura 1:** Adaptação do esquema elaborado por Charaudeau (2008, p. 52) que representa a situação de comunicação da notícia descrita e analisada neste artigo.

A partir das considerações de Charaudeau (2008), pode-se dizer que a situação de comunicação da notícia representada no esquema da figura 1, envolve: o circuito interno, onde seres de fala estão instituídos e relacionados a um saber ligado às representações da linguagem em uso, as representações languageiras das práticas sociais (EUE e TUD); e o circuito externo, onde se encontram os sujeitos agentes, instituídos de acordo com um saber que está ligado ao conhecimento da organização dos aspectos psicossociais que os sobredeterminam (EUC e TUI).

### 3 A organização narrativa

#### 3.1 Primeira narrativa

A notícia compõe-se de uma narrativa principal que envolve o tema exposto em seu título: “Dois anos após a tragédia, atingidos pela barragem de Fundão cobram mais ação da Samarco e da Renova”. Os componentes da lógica narrativa compõem-se de actantes, processos e sequências. A Comissão de Atingidos é a iniciadora, a responsável e a executante da ação (actante), com apoio do Jornal *A Sirene*, Cáritas e o promotor de justiça Guilherme Meneghin. A Comissão realiza a ação como oponente, contrariando os projetos e ações de um outro actante: a Samarco e a Fundação Renova; de forma voluntária, intencional. À Comissão de Antigos pode ser atribuída a qualificação positiva de legitimidade para fazer as cobranças porque tem como lugar de fala sua própria realidade. Ao promotor de Justiça de Mariana, Guilherme Meneghin, que apoia os atingidos, pode-se atribuir qualificações positivas como prestígio, poder e credibilidade.

O ato da Comissão de Atingidos recai sobre outros: a Samarco e a Fundação Renova. Este ato tem como função um tipo de retribuição (solicitação de justiça). Atos de fala<sup>9</sup> que podem ter uma influência sobre os atos potenciais do outro foram apresentados na notícia, conforme mostram os trechos em negrito dos excertos 1, 2, 3, 4 e 5 que podem ser caracterizados como sendo de informação. Nos mesmos excertos encontram-se também verbos dicendi destacados em itálico>.

---

9 “A **Teoria dos Atos de Fala** surgiu no interior da **Filosofia da Linguagem**, no início dos anos sessenta, tendo sido, posteriormente apropriada pela Pragmática. Filósofos da Escola Analítica de Oxford, tendo como pioneiro o inglês **John Langshaw Austin**(1911-1960), seguido por **John Searle** e outros, entendiam a linguagem como uma forma de ação (“todo dizer é um fazer”). Passaram, então, a refletir sobre os diversos tipos de ações humanas que se realizam através da linguagem: os ‘atos de fala’, (em inglês, ‘*Speech acts*’).” (Disponível em: <<http://filosofiadalinguagembci.blogspot.com/>> Acesso em: 17 dez. 2018).

- (1) “Eu acho que tem pessoas que vão morrer sem ter suas casas pela Fundação Renova, que hoje eu praticamente nem me reconheço mais, porque ela veio para fazer uma reparação que não está sendo feita. Há dois anos estamos aqui sem apoio. Não tivemos nenhum retorno positivo da empresa. Nós não estamos caminhando”, *reclama* Janaína Cecília, de Bento Rodrigues. (Grifo nosso).
- (2) O promotor, Guilherme Meneghin, *ênfatiza* que o atraso no processo de reassentamento é devido a erros da Samarco e da Renova. ‘Eles cometeram uma série de erros no processo, o que acabou atrasando o início das obras. O reassentamento depende de uma autorização do Estado de Meio Ambiente, por meio de um licenciamento ambiental, só que o licenciamento só pode ser iniciado com o projeto regular das obras com o registro dos terrenos onde será feito o reassentamento. Essas são duas coisas que a Fundação Renova e a Samarco não fizeram’, *disse* Meneghin. (Grifo nosso)

- (3) O promotor ainda *revela* que o MP entrou com uma nova ação no dia 1 de novembro. **'Dessa vez, cobrando que a empresa cumpra com o dever de fazer o reassentamento de vítimas até o dia 31 de março de 2019, como prometido, sob pena de multa de 20 milhões de reais por dia de atraso. Essa ação é necessária, porque todos os problemas que foram relatados são frutos de um padrão de atuação desrespeitoso, com ausência de transparência, que levou aos atrasos no processo'**. (Grifo nosso).
- (4) A empresa me negou o cartão, sou atingida e a empresa fala que eu não preciso. A minha casa não foi levada pela lama, mas não posso voltar para lá. Quando eu chego a algum lugar para apresentar um currículo eles falam: **'você não pode trabalhar, você não precisa, você é atingida, você tem o cartão da Samarco'**. **'Mentira, eu não tenho o cartão, eu fui negada'**, *depõe* Janaína. (Grifo nosso)
- (5) Já para moradores de Paracatu de Baixo, como Luiza Queiroz, falta apoio da empresa. **"A Samarco é responsável por**

**esses dois anos de abandono, por esse sofrimento. Nós trabalhamos em uma equipe do cadastro que foi conquistada em audiência. Nós conseguimos a reformulação desse cadastro. Esse cadastro já foi aplicado por Barra Longa abaixo e agora o povo está penando, entrando na justiça. Nós não queremos o mesmo fim. Nós temos o nosso direito, o direito de Mariana fazer um cadastro que tenha a nossa participação”, reivindica Luiza. (Grifo nosso).**

Nos excertos 1, 2, 3 e 4, são dadas informações sobre a situação dos atingidos, com a respectiva cobrança de ações por parte da Samarco e da Fundação Renova. Já o excerto 5, pode-se considerar, também, o sentido de encorajamento, de estímulo à esperança, quando se observa o trecho “Nós temos o nosso direito, o direito de Mariana fazer um cadastro que tenha a nossa participação”.

A narrativa apresenta de forma destacada o discurso relatado. Este tem a ver com a organização ou dimensão enunciativa da notícia, pois faz parte das escolhas do enunciador apresentar discursos de origem através de citações em estilo direto ou estilo indireto. Nos excertos, a ocorrência foi de citações diretas. Algumas interpretações sobre a utilização de citações diretas em notícias podem ser: dar voz a alguns sujeitos ou instituições ou procurar transmitir neutralidade e em relação ao que é relatado.

Na notícia, pode-se dizer que eles (os discursos relatados) deram voz aos atingidos e a um de seus aliados, o Ministério Público de Minas Gerais, através do promotor de Justiça de Mariana, Guilherme Meneghin. Ao utilizar-se os verbos *dicendi*<sup>10</sup> destacados em itálico nos excertos: “reclama” (excerto 1), “ênfatiza” (excerto 2), “revela” (excerto 3), “depõe” (excerto 4), e “reinvidica” (excerto 5), esta neutralidade torna-se apenas aparente, pois as escolhas sobre a característica do depoimento marcadas por estes verbos são oriundas de escolhas subjetivas do enunciador. Tal fato também pode se relacionar à organização ou dimensão argumentativa, tendo em vista que a utilização de tais verbos, pelo enunciador, pode fazer parte do posicionamento do sujeito em relação ao que é relatado pelo outro.

Relações que podem ser estabelecidas com os outros modos de organização do discurso, como as que foram estabelecidas anteriormente, estão de acordo com Charaudeau (2008), já que ele afirma que cada modo de organização possui seus princípios, mas que é a partir da descrição de todos, e da análise em seu conjunto, que torna-se possível compreender as significações dos diferentes gêneros discursivos.

Quanto às sequências, a notícia se organiza por um princípio de coerência, com uma função de abertura que apresenta dois fatos: o fato 1 que é uma retrospectiva de um fato passado para contextualizar o leitor (excerto 6) e o fato 2

---

10 “Os verbos *dicendi* – também chamados de verbos de elocução – têm a função básica de introduzir a voz do outro (podendo o Falante também integrar – ou não – a opinião desse outro ao seu discurso). Como visto, porém, não raras vezes o Falante utiliza-se desses verbos para introduzir também a própria voz ao seu discurso, retomando ou prevendo outra enunciação sua. O que poderia parecer redundante é, na verdade, uma estratégia criada pelo usuário para ênfatar (“É por isso que eu digo sempre [que a franqueza é fundamental no diálogo]”) ou modalizar (“Sugiro [que você não chegue atrasado novamente]”) uma opinião ou um ato de fala.” (SPERANÇA-CRISCUOLO, 2014, p. 153).

que informa que o evento foi organizado pela Comissão dos Atingidos e o Jornal *A Sirene*, e contou com o apoio da assessoria técnica da Cáritas (excerto 7).

- (6) A maior tragédia socioambiental do país completou dois anos no domingo (5). O rompimento da barragem de Fundão destruiu casas, distritos, rios e matou 19 pessoas. Dois anos depois, 297 famílias esperam pelo reassentamento, o cadastro definitivo e a oportunidade de reconstruir suas vidas. Esses assuntos foram abordados durante uma coletiva de imprensa com atingidos e autoridades na manhã do sábado (4) no Centro de Convenções da cidade.
- (7) O evento foi organizado pela Comissão dos Atingidos e o Jornal *A Sirene*, e contou com o apoio da assessoria técnica da Cáritas.

O princípio de localização também fez parte da organização narrativa. Como exemplo de ponto de referência da localização da sequência no espaço apresenta-se o excerto 8 e como ponto de referência da sequência no tempo apresentam-se os exemplos dos excertos 9, 10 e 11.

- (8) Esses assuntos foram abordados durante uma coletiva de imprensa com atingidos e autoridades

na manhã do sábado (4), no **Centro de Convenções da cidade.**" (Grifo nosso).

- (9) **Além da coletiva, foi realizada** uma programação diversificada **para marcar a data** e cobrar mais agilidade de autoridades para que as famílias possam ser reassentas. (Grifo nosso).
- (10) **Durante a coletiva,** a Comissão de Atingidos de Bento Rodrigues, Paracatu de Cima, Paracatu de Baixo e o promotor de Justiça, Guilherme Meneghin, fizeram um balanço do que foi realizado **até o momento.** (Grifo nosso).
- (11) **"Após a coletiva,** a imprensa pôde visitar as localidades atingidas pela lama, Paracatu de Baixo e Bento Rodrigues. (Grifo nosso).

A encenação narrativa tem como componentes o dispositivo narrativo e também os parceiros e protagonistas. De acordo com Charaudeau (2008), aquele que conta uma história, não é aquele que escreve um livro, nem aquele que é o mesmo da vida social, e só aparentemente, é a mesma pessoa, pois até mesmo em uma autobiografia, se pode distinguir o indivíduo (ser psicológico e social) e o narrador (ser de papel). Conforme o autor, também, em relação ao leitor, há a distinção entre o indivíduo e o leitor real (para o qual há uma exigência de competência de leitura); e há distinção também do leitor real com o leitor (ser de papel) que se encontra implicado no destinatário de uma história contada por um nar-

rador. Portanto, explica Charaudeau (2008), que, assim como na comunicação geral, toda narrativa depende de uma encenação narrativa, que se articula entre dois espaços de significação: um espaço externo ao texto (extratextual) e um espaço interno ao texto (intratextual).

Na figura 2, apresenta-se um esquema do dispositivo da encenação narrativa da notícia estudada neste artigo, no qual apresentam-se como indivíduos que participam da vida social, o autor (sujeito falante) e o leitor real (receptor interpretante), que fazem parte do espaço extratextual e têm o texto como objeto de troca. No espaço intratextual, apresentam-se o narrador (enunciador) e o leitor-destinatário (destinatário do dispositivo geral da comunicação), que são seres de identidade discursiva, cujo objeto de troca é um tipo particular de texto, são seres de papel.



**Figura 2:** Adaptação do esquema elaborado por Charaudeau (2008, p. 184) que mostra os componentes (espaços interno e externo), parceiros e protagonistas da encenação narrativa na notícia descrita e analisada neste artigo.

A encenação narrativa também envolve os procedimentos de configuração. Dentre estes procedimentos está o que se relaciona com a identidade e intervenção do autor. Neste aspecto, o narrador pode ser classificado como Narrador-historiador, que conta acontecimentos a *posteriori* após reunir testemunhos. Ele procura aparentar objetividade, não intervenção aparente, ou seja, apenas aparentemente, é imparcial. Quanto ao seu estatuto, este narrador conta a história de um outro, é totalmente exterior, não é personagem da narrativa. Em relação a seu ponto de vista, apresenta-se como externo e aparentemente objetivo.

### 3.2 Segunda narrativa

Há uma narrativa que está relacionada com a primeira, mas que se apresenta com aspectos diferentes. Ela fala sobre uma nota divulgada pela Fundação Renova dizendo que tem cumprido os prazos de reassentamento. Nela, o actante que age (divulga nota, executa a ação) é a Fundação Renova, e tem como beneficiários, os atingidos de Bento Rodrigues, Paracatu de Baixo e Gesteira. A ação é realizada de forma voluntária, consciente. A Fundação Renova (actante que age) apresenta-se com qualificação positiva, como instituição responsável (que cumpre os prazos), e também que leva em conta a participação de órgãos públicos e comunidades atingidas.

Quanto aos processos narrativos, o ato da Fundação Renova recai sobre o outro (atingidos); o outro é beneficiário, e este ato tem por função melhorar um estado inicial, por intervenção em favor do outro (auxílio).

As sequências são marcadas pelo princípio de coerência, em que apresenta-se a função de abertura (excerto 13) e função de fechamento (excerto 14). Sobre o excerto 14, po-

de-se notar que não há indicação de quem está falando, se é o jornal ou a Fundação Renova.

- (13) Em nota, a Fundação Renova enfatiza que todos os prazos do reassentamento estão sendo cumpridos.
- (14) A Renova concluiu os ajustes, com acompanhamento da comunidade e da Cáritas, e segue com os processos de reassentamento.

A encenação narrativa compõe-se do mesmo dispositivo narrativo já apresentado na figura 2 e que, provavelmente, pode ser aplicado ao gênero situacional notícia, de modo geral. Fazem parte dos procedimentos de configuração da encenação narrativa as seguintes características: o narrador pode ser classificado como Narrador-historiador, aquele que conta acontecimentos *a posteriori* após reunir testemunhos, procurando aparentar objetividade, e intervenção não aparente. O narrador conta a história de um outro, é totalmente exterior, não é personagem da narrativa, tem ponto de vista externo e aparentemente objetivo.

### **Considerações finais**

A notícia compõe-se de uma narrativa principal e outra que a ela se relaciona. A narrativa principal possui como actantes os atingidos pelo rompimento da barragem de Fundão e a segunda narrativa possui como actante a Fundação Renova, alvo de cobranças dos atingidos na narrativa principal, juntamente com a empresa Samarco Mineração. Aos atingi-

dos, ou seja, à Comissão de Atingidos, pode-se atribuir a qualificação positiva de legitimidade para fazer as cobranças porque falam de problemas que estão sendo vivenciados por eles, têm como lugar de fala o de “atingidos”. Como aliado dos atingidos, apresenta-se atos de fala do promotor de Justiça de Mariana, sobre o qual pode-se atribuir como qualificação positiva a credibilidade e prestígio pelo cargo que exerce. Pela exposição da Fundação Renova, na segunda narrativa, pode-se dizer que ela atribui a si qualificações positivas como responsável (que cumpre prazos), e que toma decisões a partir de abertura à participação da comunidade e da Cáritas.

Destacam-se nesta notícia os atos de fala da narrativa principal que realçam os problemas pelo ponto de vista de atingidos, sob a forma de informações que envolvem exposição de problemas, reclamações, cobranças e reivindicações. Estes atos de fala constituem-se de discursos relatados, que podem trazer como consequências dar voz a determinados personagens sociais e ao mesmo tempo podem refletir, por parte do enunciador, uma tentativa de apagamento, ao transmitir os relatos de outros. Neste atos de fala, são utilizados verbos *dicendi*, os quais podem refletir a subjetividade do enunciador (narrador-historiador), numa narrativa em que aparentemente o narrador procura mostrar-se objetivo. Os verbos *dicendi* utilizados pelo enunciador têm carga semântica relacionadas à reclamações, à cobranças e à reivindicação.

É possível que a segunda parte da notícia (narrativa relacionada à principal) produza efeitos contrários à primeira porque: ao ser apresentada por último pode trazer um efeito de neutralização das cobranças apresentadas pelos atingidos e pelo promotor; o último parágrafo é iniciado com a fala da Fundação Renova, mas, ao final, parece haver uma ambiguidade, pois torna-se difícil descobrir quem está falando, se é o jornal ou a Fundação Renova. Há um amálgama entre as duas vozes, o que pode levar o leitor a pensar que o que foi dito é fala da Fundação Renova, sendo que pode ser a fala do jornal

As afirmações, desta forma, podem gerar efeitos de verdade aceita pelo jornal e não somente uma informação relatada pela Fundação Renova.

## Referências

BRASIL. IBAMA. *Ministério do Meio Ambiente*. Comitê Interfederativo (CIF). 2016. Disponível em: <[https://www.ibama.gov.br/areas-tematicas-qa/relatorios-de-comercializacao-de-agrotoxicos/index.php?option=com\\_content&view=article&id=699&Itemid=817](https://www.ibama.gov.br/areas-tematicas-qa/relatorios-de-comercializacao-de-agrotoxicos/index.php?option=com_content&view=article&id=699&Itemid=817)>. Acesso em: 10 out. 2018.

CÁRITAS BRASILEIRAS. *Cáritas Brasileiras*: Organismo da CNBB. 2015. Disponível em: <<http://caritas.org.br/>>. Acesso em: 8 out. 2018.

CHARAUDEAU, Patrick. *Linguagem e Discurso*: modos de organização. [coordenação da equipe de tradução Angela M. S. Corrêa & Ida Lúcia Machado]. São Paulo: Contexto, 2008.

GRACIOSO, Luciana et al. *Austin, Grice & Searle*: os atos de fala. 2015. Elaborado por: Adrielli Carolina; Isabelle Santos; Julia Wilmers; Mariana Jordani; e Tainara Toriká. Disponível em: <<http://filosofiadalinguagembci.blogspot.com/search?q=ato+de+fala>>. Acesso em: 12 out. 2018.

*JORNAL A SIRENE*. Disponível em: <<http://jornalasirene.com.br/sobre>>. Acesso em 11 dez. 2017.

LOPES, Letícia; DRUMOND, Rafael; CAMPOS, Wandeir. Em Mariana e Barra Longa, redes de apoio auxiliam as comunidades na tomada de decisões. *A Sirene*. Mariana (MG). Elaborado por Assessorias Técnicas de Mariana e Barra Longa. Disponível em: <<http://jornalasirene.com.br/cotidiano/2017/11/28/mariana-barra-longa-redes-de-apoio-comunidades-atingidas-decicoes>>. Acesso em: 8 out. 2018.

FUNDAÇÃO RENOVA. *Sobre o Termo*. Disponível em: <<https://www.fundacaorenova.org/sobre-o-termo/>>. Acesso em: 11 dez. 2017.

MANSUR, Maíra Sertã et al. *Antes fosse mais leve a carga*: introdução aos argumentos e recomendações referente ao desastre da samarco/vale/bhp billiton. In: ZONTA, Marcio;

TROCATE, Charles (Orgs.). *Antes fosse mais leve a carga*: reflexões sobre o desastre da samarco/ vale / bhp billiton. Marabá, Pa: Editorial Iguana, 2016. Cap. 1. p. 17-50. (A questão mineral no brasil - Vol. 2). Disponível em: <<http://www.ufjf.br/poemas/files/2016/11/Livro-Completo-com-capa.pdf>>. Acesso em: 11 dez. 2017

MPMG. *Atingidos*: um olhar sobre a atuação das comunidades, das organizações populares e do Ministério Público de Minas Gerais após o desastre de Mariana. Belo Horizonte: Gráfica e Editora O Lutador, 2016.

PREFEITURA DE MARIANA. Disponível em: <<http://www.mariana.mg.gov.br/historico>>. Acesso em: 4 out. 2018.

PROUS, André. Editorial. In: *Arquivos do Museu de História Natural e Jardim Botânico* - UFMG Belo Horizonte. v. 24, n.1, 2015. Disponível em: < <https://www.ufmg.br/mhnpj/revista-arquivos/volume-24-n-1-2/>> . Acesso em: 11 dez. 2017.

SCHAEFER, Carlos Ernesto G. Reynaud et al. *Cenário histórico, quadro fisiográfico e estratégias para recuperação ambiental de Tecnosolos nas áreas afetadas pelo rompimento da barragem do Fundão, Mariana, MG*. *Arquivos*: do Museu de História Natural e Jardim Botânico, Belo Horizonte, v. 24, n. 1, p.104-135, dez. 2015. Disponível em: <<https://www.ufmg.br/mhnpj/wp-content/uploads/2017/02/Vol24n1.pdf>>. Acesso em: 11 dez. 2017.

SPERANÇA-CRISCUOLO, Ana Carolina. A língua como um sistema complexo. In: *Funcionalismo e cognitismo na sintaxe do português: uma proposta de descrição e análise de orações subordinadas substantivas para o ensino* [online]. São Paulo: Unesp, 2014. Cap. 5. p. 149-160. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/sxg7f/pdf/speranca-9788568334454-07.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2018

[Recebido 17 dez. 2018 — Aceito: 06 mar. 2019]





## AS RELAÇÕES DE SABER E PODER NA CULTURA E NA LITERATURA

Adriana Ferreira de Souza<sup>1</sup>

*Resumo:* O presente trabalho analisa as relações de saber e poder que perpassam o campo linguístico-literário e cultural. Problematisa, especificamente, as inquietações sobre cultura e literatura no que concerne ao desenvolvimento do conhecimento e as formas de dominação. Assim, as reflexões sobre cultura e literatura estão associadas às transformações sociais, por onde permeiam as categorias de historicidade e temporalidade. Portanto, a partir de diferentes referenciais teóricos, apresentamos os dispositivos do saber-poder que buscam a dominação das massas populares e seus contradispositivos capazes de combater a reprodução das ideologias repressoras por meio do campo linguístico-literário.

*Palavras Chave:* Campo linguístico-literário. Cultura. Saber-poder.

## THE RELATIONS OF KNOWLEDGE AND POWER IN CULTURE AND LITERATURE

*Abstract:* This paper analyzes the relations of knowledge and power that permeate the linguistic-literary and cultural field. It specifically problematizes concerns about culture and literature regarding the development of knowledge and forms of domination. Thus, the reflections on culture and literature are associated with social transformations, through which permeate the categories of historicity and temporality.

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB), linha de pesquisa: Letramento, Identidades e Formação de Educadores. Endereço eletrônico: afsadriana73@gmail.com

ty. Therefore, from different theoretical references, we present the devices of knowledge and power that seek the domination of the popular masses and their counter-devices capable of combating the reproduction of repressive ideologies through the linguistic-literary field.

*Keywords:* Linguistic-literary field. Culture. Knowledge-power.

## Introdução

A cultura está associada aos interesses de uma classe dominante que seleciona, com base nas crenças e tradições de um povo, um modelo de cultura que a represente. Assim, a elite, ao escolher saberes do seu agrado, cria modelos de conhecimento em diversas áreas do conhecimento. Podemos observar isso na literatura que discriminou os saberes minoritários desde a época da colonização, quando desprezou os grupos de etnia africana e também das populações indígenas. Isto significa que a busca pelo conhecimento está associada às relações de poder, que a partir das instituições públicas tentam controlar e definir a cultura, agindo sob seu desenvolvimento.

Este ensaio analisa as relações de saber e poder que perpassam o campo linguístico-literário e cultural, problematizando, especificamente, as inquietações sobre cultura e literatura no que concerne ao desenvolvimento do conhecimento e as formas de dominação.

Com base nesse contexto, o presente ensaio tem por objetivo tratar, no primeiro momento, das relações de saber e poder na cultura, onde utiliza os meios de comunicação como instrumentos poderosos de poder, capazes de controlar e direcionar as massas populares, fazendo-as consumir e se conformar com o seu destino.

Dando continuidade, temos no segundo momento deste ensaio, as relações de saber-poder na literatura e seus contradispositivos que atuam como força libertária das ideologias reproduzidas que oprimem as massas.

Finalizando, há a conclusão do ensaio, destacando as concepções de cultura e o seu poder de controle na sociedade. Essas reflexões perpassam o campo da língua e da literatura, considerada uma potência capaz de oferecer instrumentos que anulariam os dispositivos do poder que se manifestam por meio da linguagem.

### **Os dispositivos do saber-poder na cultura**

A partir do século XIX, a Europa intensifica o processo de dominação ao subjugar sociedades isoladas, incorporando-as à influência europeia, ao seu controle político e econômico, e também da imposição de suas próprias culturas às sociedades que estavam sob seu domínio. Passando a considerar como superior tudo que pertencesse à cultura ocidental, legitimando a dominação ocidental. Assim, para Santos (1991),

ao longo da história a cultura dominante desenvolveu um universo de legitimidade própria, expresso pela filosofia, pela ciência e pelo saber produzido e controlado em instituições da sociedade nacional, tais como; a universidade, as academias, as ordens profissionais [...]” (SANTOS, 1991, p. 55).

Nesse caso, todas as sociedades dominadas passam a ter como referência a cultura dominante do ocidente. Portanto, as inquietações sobre cultura partem ou estão associadas às relações de saber e poder, consideradas sinônimos, segundo Adorno e Horkheimer (1985), estando a “serviço de

todos os fins da economia burguesa na fábrica e no campo de batalha, assim também está à disposição dos empresários, não importa a sua origem” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 20).

Desde essa época, há inquietações em estudar sobre o que é cultura, mas nunca se estabeleceu uma definição clara e objetiva, que fosse aceita por todos sobre o seu significado. Segundo Santos (1991), uma dessas inquietações diz respeito à concepção de cultura como o local de conhecimento literário, filosófico, científico e artístico produzido por uma sociedade que cria modelos em diversas áreas do conhecimento, tal como a literatura, o que nos leva a acreditar que é muito raro estudar numa sociedade como a nossa, saberes que não sejam aprovados pelas classes dominantes.

Dentre as diversas concepções atribuídas ao termo cultura, não podemos nos esquecer que ao nos determos às suas características, podemos cair na armadilha de pensar a cultura como algo pronto, acabado, uma vez que as culturas humanas são dinâmicas. Em “Versões da Cultura”, Eagleton (2000) afirma que há diferentes significados da palavra cultura. Cultura vem do verbo *colere* que quer dizer cultivar. A princípio, o termo cultura esteve ligado à atividade agrícola, em seguida, passa a ter ligação com o processo espiritual. “Nesse sentido, cultura significa uma atividade e passar-se-ia muito tempo até designar uma entidade” (EAGLETON, 2003, p. 11).

Com o passar do tempo, o conceito de cultura vai se transformando, devido a algumas viradas no pensamento ocidental que ocorre desde o século XVIII, quando deixa de ser considerada uma atividade agrícola e passa a designar civilidade, em consequência das ideias Iluministas que consideram como civilizado o homem com educação erudita ou refinada e que não estivesse relacionado com a atividade do campo. Entretanto, Adorno e Horkheimer divergem desse pensamento, uma vez que criticam o Iluminismo, uma vez

que afirmam que o conhecimento não ajudou ao homem a se harmonizar como outros homens, nem com a natureza.

Cultura fez parte do espírito geral do Iluminismo. Civilização era, em boa parte, uma noção francesa – então, como hoje, os franceses julgavam-se detentores do monopólio da civilização - e designava simultaneamente o processo gradual de auto-aperfeiçoamento e o utópico *telos* par o qual se dirigia (EAGLETON, 2000, p. 20-21).

Portanto, o significado de cultura passa a se referir ao refinamento pessoal de uma pessoa. O que também pode estar associada “à alta cultura, à cultura dominante como oposição à selvageria, à barbárie; ou seja, uma marca da civilização” (SANTOS, 1991, p. 35).

Eagleton (2003) argumenta que o homem da cidade é que é civilizado ou erudito, sendo uma ideia oposta ao cultivo agrícola, própria do homem que trabalha no campo, efetuando-se através de uma atividade materialista. Assim, a cultura como civilização seria uma atividade restrita àqueles que têm tempo para se educar.

Santos (1991) parte das concepções sobre cultura a partir da realidade social ou do conhecimento que um grupo social tem da realidade e da maneira como se expressam. Para ele, o sentido da cultura está associado ao conhecimento como uma forma não só de descrever e compreender a realidade, “mas também para apontar-lhe caminhos e contribuir para a sua modificação” (SANTOS, 1991, p. 43).

As inquietações sobre cultura, segundo Santos (1991), podem partir de aspectos sobre a realidade social de um determinado grupo de uma mesma sociedade ou de sociedades distintas. Dizem respeito também ao conhecimento da língua, da literatura, referem-se também ao conhecimento

científico e artístico produzidos por um determinado grupo social. O que pode tornar o conhecimento sobre cultura algo pronto, acabado, estático. No entanto, cultura se refere às transformações sociais pelas quais passam as sociedades em todos os aspectos da vida social.

Para Eagleton (2003), o homem pode agir sobre o mundo (natureza), modificando-o, e este pode também agir sobre o homem, estabelecendo, uma harmonia entre ambos, o que lembra que “se somos seres culturais, também somos parte da natureza sobre a qual vamos trabalhar” (EAGLETON, 2003, p. 16). Isto significa que podemos modificar a cultura com os próprios elementos da natureza (mundo). Adorno e Horkheimer (1985) convergem também dessas ideias ao se referir ao homem como conhecedor da natureza a fim de dominá-la e a outros homens: “O que os homens querem aprender da natureza é como empregá-la para dominar completamente a ela e aos homens” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 20).

Em um outro sentido de cultura, Eagleton (2003) afirma que a natureza não está só a nossa volta, mas dentro de nós. O homem é uma continuidade da natureza e vice-versa. Assim,

assemelhamo-nos à natureza na medida em que nós próprios, tal como ela, devemos ser modelados, mas distinguimo-nos dela na medida em que podemos fazê-lo a nós próprios, introduzindo desta forma no mundo um grau de auto-referencialidade ao qual o resto da natureza não pode espiar (EAGLETON, 2003, p. 17).

A atitude de nos cultivarmos, pode ser algo que não dependa só de nós mesmos, mas pelo aparelho do Estado que exerce o domínio para conciliar os indivíduos que vivem

“num estado de antagonismo crônico, movidos por interesses opostos” (EAGLETON, 2003, p. 17). Com base nesse contexto, o Estado emerge como uma instituição mediadora de conflitos, harmonizando as relações entre os indivíduos com interesses divergentes. Assim, os cidadãos são formatados de acordo com as necessidades políticas. O que significa que “os interesses políticos governam os culturais, e ao fazê-lo define uma determinada versão da humanidade” (EAGLETON, 200, p. 19).

As inquietações com cultura têm acontecido já algum tempo, quando voltaram-se para compreender as sociedades modernas e industriais quanto as que começaram a perder suas características originais ou desapareceram devido ao contato com outras sociedades.

Em “A formulação da teoria crítica da indústria cultural na dialética esclarecimento”, de Duarte (2007), Adorno e Horkheimer afirmam que a cultura não é feita pelas massas para o seu próprio consumo, mas pela indústria responsável pela produção de mercadorias culturais, que se inicia com o declínio da religião e outros resquícios capitalistas paralelo ao surgimento “de um verdadeiro sistema de cooptação ideológica, composto pelo cinema, pelo rádio e pelas revistas ilustradas” (DUARTE, 2007, p. 50). Dentre esses meios de comunicação, o rádio, segundo Adorno e Horkheimer (1985), é o dispositivo mais democrático porque possibilita uma comunicação de massa, embora possua um caráter autoritário. Já o cinema, hoje, traz a necessidade de transcendência, como se a vida cotidiana continuasse ao assistirmos a um filme, a uma novela, transferindo a arte para a esfera do consumo.

Assim, as instituições dominantes fornecem e criam esses dispositivos que controlam as massas humanas, fazendo-as consumir e se conformar com seus destinos. Para isso, é necessário que existam mecanismos culturais que transmitam mensagens, ao mesmo tempo, com rapidez e para uma grande quantidade de pessoas. O que, segundo Santos, seria

“uma cultura capaz de homogeneizar a vida e a visão de mundo das diversificadas populações que formam essas sociedades, ultrapassando barreiras de classe social e facilitando, por essas razões, o controle das massas”, embora pareçam se dirigir a cada indivíduo em particular. (SANTOS, 1991, p. 68).

Nas sociedades modernas, a indústria cultural é um elemento importante que busca a homogeneização da cultura e o controle das populações por meio desses meios de comunicação de massa, fundamentais à prática do poder e à organização da vida social. Eles possibilitam que a produção e o consumo acelerado acompanhe uma comunicação rápida e generalizada. A própria indústria cultural é uma atividade econômica, uma vez que promove o desenvolvimento “de novas técnicas, produção de bens e consumo, controlando o que deve ser transmitido.” (SANTOS, 1991, p. 68), embora não representem a cultura da sociedade. O que é consumido também é escolhido pela indústria cultural, não é o público quem escolhe. Para Duarte (2007), é falácia dizer que é o público que escolhe os produtos, pois eles são ofertados pela indústria cultural de acordo com as suas necessidades.

Dentro desse contexto, esses meios de comunicação são instrumentos poderosos, uma vez que interferem diretamente na vida social, não apenas transmitem informações, mas “também difundem maneiras de se comportar, propõem estilos de vida, modos de se vestir, maneiras de falar e de escrever, de sonhar, de sofrer, de pensar, de lutar, de amar” (SANTOS, 1991, p. 69). Mas isso não significa que esses meios consigam de forma eficaz substituir a percepção que seus consumidores têm de seu convívio social e de suas vidas.

Para entendermos melhor a cultura de massa na vida social, é necessário que não acreditemos nas mensagens que os meios de comunicação expressam, que os mesmos resumem a cultura da sociedade contemporânea. Afinal, “as mensagens da indústria cultural, com propósitos de homo-

geneização e controle das populações, podem ser um projeto dos interesses dominantes da sociedade, mas não são a cultura dessa sociedade” (SANTOS, 1991, p. 71).

### **O saber-poder na literatura e seus contradispositivos**

Tratando-se da literatura, no século XVIII, na Inglaterra, segundo Eagleton (2006), o conceito de literatura abrangia todas as obras valorizadas pela sociedade. Atualmente, se limita aos escritos “criativos” e “imaginativos”. Os critérios eram ideológicos, pois expressavam valores e “gostos” determinados pela classe social dominante. Dessa forma, os textos só seriam considerados literários se atendessem aos critérios das “belas letras”.

Na era moderna, a literatura adotou a poesia como paradigma por ser a menos engajada socialmente, porém duvidava se era literatura a nova forma do romance. E é nesse século, período romântico, que a literatura começa a se definir como tal, e seu sentido moderno só começa a surgir no século XIX. Foi nesse contexto que a literatura recebeu a função de difundir os valores sociais e culturais da classe média. O que torna, segundo Eagleton (2006), a literatura uma arma ideológica para opressão das massas, propagando as relações de poder. A literatura como um dispositivo de controle social para benefício da classe dominante, vista como algo compensador, que conforta a mente humana, atuando na emoção e na experiência. Portanto, “[...] a literatura devia transmitir verdades *atemporais*, desta forma distraindo as massas de seus interesses imediatos, alimentando nelas um espírito de tolerância e generosidade, [...]” (EAGLETON, 2006, p. 39).

As relações de poder se efetivaram através do estudo do inglês como matéria acadêmica, uma atividade civilizadora, “a essência espiritual da formação social” (EAGLETON,

2006, p. 47). O que significou uma dominação da população por meio da língua.

Segundo Barthes, o poder está emboscado em todo e qualquer discurso, mesmo quando essa parte de um lugar fora do poder. Para ele, o poder é sempre uno, um objeto político-ideológico que está em todos os lugares, seja nas instituições, nos ensinamentos, mas, em suma, que ele é sempre uno. Barthes (2013, p. 11), nos mais finos mecanismos do intercâmbio social: no Estado, nas classes, nos grupos, e até mesmo nos impulsos libertadores que tentam contestá-lo. E “esse objeto em que se inscreve o poder, desde toda a eternidade humana é: a linguagem – ou, para ser mais preciso na expressão: a língua” (BARTHES, 2013, p. 12-13) porque se obriga a dizer, estando a serviço do poder quando é preferida.

Com relação aos conhecimentos em literatura brasileira, Santos (1991) afirma que, no passado, houve uma certa disputa para escolher qual dos três elementos formadores (europeu, indígena e africano) seria o representante de nossa nacionalidade. No entanto, houve discriminação dos grupos de etnia africana, por privilegiarem as elites brasileiras, e a valorização das populações indígenas, devido “a consolidação da independência do país do domínio colonial e à busca de diferenciação em relação às sociedades brasileiras” (SANTOS, 1991, p. 75). O que não poderia ser diferente, uma vez que a literatura foi inventada pela burguesia que defende os valores da modernidade ocidental. Assim, era da responsabilidade da elite intelectual, a escolha de cânones que servissem de registros da representação dominante produzida no Brasil em espaços acadêmicos.

Em Memória Literária Arquivada, de Marques (2008), Foucault afirma que por meio da universidade moderna, há um disciplinamento dos saberes literários que discriminam os saberes menores e excluem os saberes selvagens, aqueles que estão fora dos muros da universidade. As disciplinas

constituem também o seu arquivo específico sob o pressuposto de que nas obras literárias se expõe o espírito nacional. Um exemplo disso, é o livro “História Concisa da Literatura Brasileira”, de Alfredo Bosi, que apresenta os cânones da literatura brasileira, excluindo os autores e obras não-representativos da literatura.

Mas atualmente, os cânones já não são mais procurados pela população menos favorecida financeira e culturalmente porque prefere ler livros que estejam ao seu alcance. O que, segundo Barthes (2013), ocasionou uma dessacralização da literatura porque os valores antigos deixaram de circular, de serem transmitidos, o que fez com que deixassem de ser vistos como um modelo produzido pela subjetividade humana. O que significa que a literatura está sempre se renovando por meio da pesquisa, para que possamos esquecer todos os nossos pressupostos e organizarmos nosso conhecimento, impedindo que os saberes se tornem algo consolidado e, dessa forma, possamos receber uma outra cultura. Assim, para Barthes, “a literatura faz girar os saberes, não fixa, não fetichiza nenhum deles; ela lhes dá um lugar indireto, e esse indireto é precioso. Por outro lado, ele permite designar saberes possíveis” (BARTHES, 2013, p. 19).

A literatura é a única maneira de ouvirmos a língua fora do poder, sendo considerada uma força de liberdade. Liberdade que não depende de quem a escreve, mas do “trabalho de deslocamento que ele exerce sobre a língua” (BARTHES, 2013, p. 13). Miranda (2018) segue essa mesma linha de pensamento ao considerar a literatura como um exemplo de discurso onde ninguém pode se apropriar, podendo ser lida em qualquer época. Afinal, a literatura não trabalha com meias verdades ou verdades e meia porque não existe a verdade, mas reflexões sobre as coisas, sobre os homens, nos ensinando a ler o mundo.

Em “Essa estranha instituição chamada Literatura”, Derrida apresenta a literatura como uma potência na sociedade atual, onde se pode dizer tudo.

Um poder literário que configura mais um despoder, o poder de dizer o não dito, em reserva, de trazer à discussão temas pouco ou maltratados pela mídia, pela filosofia, pela história e por outras ciências humanas. O empenho literário, verdadeiro penhor para poder dizer tudo e, paradoxalmente, também poder silenciar [...] (DERRIDA, 2014, p. 26).

Para o autor, há um diálogo entre o poder de dizer tudo e de silenciar no campo literário, embora este último, leve a uma reprodução de ideologias que pode ser desmontada com o uso da linguagem literária como um dispositivo mobilizador e questionador para a desmontagem do poder.

Santos (2016), em “A luta desarmada dos subalternos”, cita a partir da obra de Deleuze “O que é pensar?”, tratando de uma obra de Foucault que diz que seria necessário romper com o discurso de que o pensamento é inato e adquirido, mas produzido a partir da relação do ser com o mundo, onde o indivíduo pode questionar “as formas de saber, de poder e de constituição de si, fazendo emergir um falar que afrontasse o próprio ver e fizesse expandir suas paisagens” (SANTOS, 2016, p. 16). Assim, segundo o autor, a literatura ou o campo linguístico-literário seriam capazes de oferecer ferramentas que anulariam os dispositivos do poder que se manifestam por meio da linguagem.

O que interessa como posição política e crítico-cultural não é a análise de um texto literário com base em seus símbolos, “mas como esse ato de conhecer e simbolizar o despejado linguístico, cultural, territorial e ontológico”

(SANTOS, 2016, p. 138) é capaz de levar o leitor a uma auto-representação, levando-o a simbolizar o mundo para afirmar a sua existência, criticando-a e colocando-se como um ser capaz de atribuir sentidos, resignificando o mundo sem os entraves da cultura burguesa.

Ao pensarmos em cultura, salientamos que o conhecimento, a ciência e a tecnologia produzidos nas universidades e centros de pesquisas são controlados pelas classes dominantes. A ciência burguesa visa a ciência pela ciência, uma ciência com hegemonia para controlar tudo. “O seu controle é um dos aspectos das relações de poder contemporâneas” (SANTOS, 1991, p. 77) que causam impactos nas sociedades atuais.

A literatura nacional muda a sua direção “na medida em que o nacional deixa de ser pensado como aquilo que permite dar um significado homogêneo ao que é heterogêneo” (MIRANDA, 1998, p. 17), passando também a representar as vozes silenciadas pela cultura hegemônica.

### **Considerações finais**

Com base no texto, o poder controlador da cultura se legitima quando subjuga outras sociedades, coloca-as sob seu domínio. A formatação dos cidadãos segue os interesses políticos que determina, assim, a versão da humanidade.

Assim, podemos observar que cultura apresenta vários conceitos, percorrendo um caminho que se inicia desde o seu conceito original até as configurações atuais, perpassando pelas categorias de temporalidade e historicidade. Uma dessas inquietações diz respeito também ao conhecimento da língua, da literatura, referindo-se também ao conhecimento científico e artístico produzidos pela classe dominante, que estabelece saberes em diversas áreas do conhecimento.

Em contraposição temos, Barthes (2013), Santos (2016), Miranda (1998) e Derrida (2014), que defendem que a literatura é uma potência capaz de fazer girar os saberes, que nos permite refletir sobre as coisas, sobre os homens. Um discurso que ninguém pode se apropriar, podendo ser lida em qualquer época porque não se prende a uma verdade absoluta.

Portanto, apesar de sabermos que as classes dominantes controlam a cultura, a fim de fortalecer os seus interesses, não podemos jogá-la fora, afinal não podemos viver sem cultura, pois é ela que define tudo na sociedade, determina as nossas ações, nos obrigando a seguir padrões. Mas para reverter essa realidade, a luta pode começar no campo linguístico-literário como um contradispositivo da opressão política, econômica e cultural.

## Referências

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Trad. Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

BARTHES, Roland. Aula: aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França, pronunciada dia 7 de janeiro de 1977. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 2013.

DERRIDA, Jacques. *Essa estranha Instituição chamada Literatura: uma entrevista com Jacques Derrida*. Tradução Marileide Dias Esqueda. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2014.

DUARTE, Rodrigo. *Teoria Crítica da Indústria Cultural*. Belo Horizonte. Editora UFMG: 2007.

EAGLETON, Terry. *A ideia de cultura*. Trad. Sofia Rodrigues. São Paulo: Editora UNESP, 1ª ed. 2003.

\_\_\_\_\_. *Teoria da Literatura: Uma Introdução*. Trad. Waltensir Dutra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MARQUES, Reinaldo. Memória, Literária Arquivada. *Revista AL-TRIA*, jul.- dez. – v. 18, 2008.

MIRANDA, Wander Melo. Projeções de um debate. *Revista Brasileira de literatura Comparada*, nº 4, 1998.

\_\_\_\_\_. O Pós-crítica e o que vem depois dela. *Suplemento Pernambuco*, nº 144, fev. 2018.

SANTOS, José dos. *O que é cultura?*. 10. ed. Editora brasiliense: 1991.

SANTOS, Osmar Moreira dos. *A luta desarmada dos subalternos*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2016.

[Recebido: 20 nov. 2018 — Aceito: 14 fev. 2019]



## VENDEM-SE CAUSAS, COMPRAM-SE LUTAS! A APROPRIAÇÃO DE QUESTÕES SOCIAIS PELA INDÚSTRIA CULTURAL

Júlia dos Anjos Costa <sup>1</sup>

*Resumo:* O presente ensaio discute e analisa alguns modos de apropriação de questões sociais pela indústria cultural, que visualiza nestas um lucrativo nicho de mercado a ser constantemente explorado. Esta análise se desenvolverá a partir do conceito de esclarecimento abordado por Immanuel Kant (1784) e em seus desdobramentos através de Teodor Adorno e Max Horkheimer (1947), no intuito de explorar as ideias que podem auxiliar na compreensão sobre as cínicas amarras capitalistas, que moldam a subjetividade dos indivíduos na busca por dominá-los de modo totalitário. Com isso, busca-se examinar também como essa apropriação ocorre ao fazer uso da força midiática (tais como moda, publicidade e cinema) como ferramenta de alienação da massa, citando casos relevantes ocorridos em setores distintos, relacionando com os malefícios que a Indústria Cultural promove.

*Palavras-Chave:* Questões Sociais; Esclarecimento; Indústria Cultural; Mídia.

## SELL CAUSES, BUY FIGHTS! THE APPROPRIATION OF SOCIAL ISSUES BY THE CULTURAL INDUSTRY

*Abstract:* This essay discusses and analyzes some ways of appropriation of social issues by the cultural industry, which envisions in these a lucrative market niche to be constantly explored. This analysis will be developed from the concept of enlightenment ad-

---

1 Graduada em Comunicação Social pela Unidade de Ensino Superior de Feira de Santana (UNEF/FAN). Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural (PósCrítica UNEB-Campus II). Endereço eletrônico: [julia.anjoscosta@hotmail.com](mailto:julia.anjoscosta@hotmail.com)

dressed by Immanuel Kant (1784) and its developments by Teodor Adorno and Max Horkheimer (1947), in order to explore the ideas that can help in understanding the cynical capitalist motives, which shape the subjectivity of individuals in the quest to dominate them in a totalitarian way. The aim is to examine how this appropriation occurs by making use of the media force (such as fashion, advertising and cinema) as a tool for the alienation of the mass, citing relevant cases in different sectors, relating to the harms that the Cultural Industry promotes.

*Keywords:* Social Issues; Clarification; Cultural Industry; Media

## Introdução

Diante das transformações frenéticas em um mundo rotulado de “globalizado”, a busca pela homogeneização do desejo das massas resultou na confusa ideia de que somos todos iguais. Ainda que essa afirmativa possa ser considerada correta (porém nem sempre concreta) quando nos referimos ao senso e ação da justiça, a ideia de igualdade entre os sujeitos acaba provocando um esvaziamento das suas subjetividades, fomentando intolerâncias sobre aquilo que é considerado “incomum” ou “anormal”, pois “a unidade da coletividade manipulada consiste na negação de cada indivíduo” (ADORNO; HORKHEIMER, 1947, p. 9). Antes de adentrar por esse “mundo de injustiça globalizada”, como intitularia Saramago<sup>2</sup>, se faz necessário compreender as colunas que sustentam esse processo.

---

2 Esse mundo de injustiça globalizada é um texto de autoria de José Saramago, apresentado por ele no encerramento do V Fórum Social Mundial de 2002, realizado em Porto Alegre, e que faz uma crítica ao processo de “globalização”, afirmando que o poder do capital é que rege o “mundo globalizado” e que a democracia faliu em face de uma liberdade ilusória. Disponível em

## Conceito de esclarecimento e a indústria cultural

O conceito de esclarecimento<sup>3</sup> foi abordado por Immanuel Kant em 1784, exposto no texto Resposta à Pergunta: Que é “Esclarecimento”?, que inserido no contexto da Revolução Francesa, firmava suas ideias na razão. Logo nas primeiras linhas, Kant afirma:

Esclarecimento [*Aufklärung*] é a saída do homem de sua menoridade, da qual ele próprio é culpado. A menoridade é a incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo. O homem é o próprio culpado dessa menoridade se a causa dela não se encontra na falta de entendimento, mas na falta de decisão e coragem de servir-se de si mesmo sem a direção de outrem. *Sapere aude!*<sup>4</sup> Tem coragem de fazer uso de teu próprio entendimento, tal é o lema do esclarecimento (KANT, 1784, p. 1).

O questionamento feito por Kant parte da premissa de que, estando libertos da ignorância combatida pelo esclarecimento, qual justificativa haveria para o homem permanecer em sua menoridade? Se seus ditos instintos animais não mais

---

<<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ph000302.pdf>>  
Acesso em 20 set. 2018.

- 3 O Iluminismo ou Esclarecimento foi um movimento intelectual que surgiu durante o século XVIII na Europa, que defendia o uso da razão (luz) contra o antigo regime (trevas) e pregava maior liberdade econômica e política.
- 4 Traduzido do latim como “ouse saber”.

o comandavam, podendo fazer uso do próprio entendimento, o que o impedia de exercitar a razão? Esses questionamentos são duramente respondidos por Kant logo depois:

É tão cômodo ser menor. Se tenho um livro que faz às vezes de meu entendimento, um diretor espiritual que por mim tem consciência, um médico que por mim decide a respeito de minha dieta etc., então não preciso esforçar-me eu mesmo. Não tenho necessidade de pensar, quando posso simplesmente pagar; outros se encarregarão em meu lugar dos negócios desagradáveis (KANT, 1784, p. 1).

Em síntese, segundo Kant, o que leva os sujeitos a não esclarecimento é a preguiça e a covardia, por ser mais cômodo ser menor. Essa condição acomodada e conformada de quem toma para si um apego a própria ignorância, não foi um diagnóstico feito pelo filósofo com validade somente para a época em que ele escreveu *Resposta à Pergunta: Que é "Esclarecimento"?* Ao que nos parece, tal conduta não se transformou de modo tão significativo ao longo do tempo. Ainda vivemos nas sombras, porém não mais por desconhecer a luz, mas por escolher não vê-la, haja visto que ela elucida aquilo que não estamos prontos para ver, ou não estamos dispostos a enxergar, pois, esse processo de desconstrução do que nos foi imposto não é algo simplório, se trata de um movimento doloroso que requer uma coragem a qual desconhecemos possuir.

Pouco mais de um século após Kant explicar o conceito de esclarecimento, em 1947, Teodor Adorno e Max Horkheimer escreveram *Dialética do Esclarecimento*, onde buscaram fornecer um diagnóstico a respeito do processo que levou a sociedade da época (pós II Guerra Mundial) a encontrar-se em vias de declínio social e humano. O texto indagava

como o avanço da técnica e da tecnologia pavimentaram a estrada que lentamente levava o mundo para um abismo sem volta. O acontecimento da modernidade vem como “triumfante calamidade” traída pelo projeto de emancipação, como os próprios autores afirmam. Mais que isso, questionavam por que o esclarecimento, que deveria levar a humanidade a um nível de evolução intelectual e social e, consequentemente, a um estado de maioridade, foi brutalmente sufocado, resultando em catástrofes sociais como o apoio massivo ao nazifascismo.

Ao afirmar que “a superioridade do homem está no saber” (ADORNO; HORKHEIMER, 1947, p. 5), os autores reforçam que o conhecimento adquirido diante das transformações proporcionadas pelo esclarecimento também trazia consigo um poder de dimensões a priori desconhecidas, mas que, aos poucos, foi revelando-se de fato. Se “o verdadeiro objetivo e função da ciência” residem em “obrar e trabalhar e na descoberta de particularidades antes desconhecidas, para melhor prover e auxiliar a vida”<sup>5</sup> (ADORNO; HORKHEIMER, 1947, p. 5), questionamo-nos em que ponto da história da humanidade todo nosso conhecimento passou a ser utilizado para munir e sustentar guerras e conflitos, ao mesmo tempo que também omite-se esse conhecimento que proveria a resolução de problemas devastadores para a população mundial. A resposta para tal indagação talvez resida em uma afirmação simples: “o preço que os homens pagam pelo aumento de seu poder é a alienação daquilo sobre o que exercem o poder” (ADORNO; HORKHEIMER, 1947, p. 7).

Quando o pensamento humano foi racionalizado pelo Esclarecimento, ele foi obrigado a aplicar o método científico, impossibilitando-o assim de qualquer outro discurso para

---

5 Referente a BACON, *Valerius Terminus: Of the Interpretation of Nature*. *Miscellaneous Tracts*, op. cit. Vol. I, p. 281. Citado no texto de Adorno e Horkheimer em *Dialética do Esclarecimento* (1947).

enfrentá-lo, resultando no fim completo do caráter imaginário das interpretações do mundo. Sendo o método científico pura técnica e cálculo, as formas de controle da natureza se elevaram de tal modo que as incertezas antes produzidas pelo mito foram eliminadas por essas interpretações objetivas e extremamente racionalizadas. Desse modo, o projeto de modernidade, definido como “desencantamento do mundo”<sup>6</sup> ou perda da magia evocada pela mitologia, tornou o conhecimento uma fonte de poder irrefreável e cada vez maior. Em outras palavras, “a racionalidade técnica hoje é a racionalidade da própria dominação. Ela é caráter compulsivo da sociedade alienada de si mesma” (ADORNO; HORKHEIMER, 1947, p. 57).

Entendido o conceito de esclarecimento, que tinha como programa o “desencantamento do mundo” e como meta “dissolver os mitos e substituir a imaginação pelo saber”, Adorno e Horkheimer nos dão suporte para compreender a ligação entre a iluminação da razão e como isso culminou no processo de declínio da humanidade em que estamos aprisionados desde então, utilizando como exemplo a submissão à Indústria Cultural, causadora de passividade nos sujeitos. A força contraditória do esclarecimento está galgada na técnica e na tecnologia, que aumentam as possibilidades de saberes ao passo que ampliam o nível de dominação e exploração dos submissos. Por conseguinte, tais eventos subjulgadores acontecem de muitas formas.

## Questões sociais como nicho de mercado

Provocado por uma nova circunstância, onde os sujeitos com acesso a mais informações e desenvolvendo saberes já se põem a questionar determinados padrões e dogmas, o

---

6 WEBER, M. A ciência como vocação. In: **Três tipos de poder e outros escritos**. Lisboa: Tribuna da História, 2005.

sistema de poder absoluto do capital que nutre a Indústria Cultural passou a enxergar nessa nova conduta uma oportunidade de continuar mantendo o controle. Se antes esse sistema exercia o domínio sobre os sujeitos impondo parâmetros sem respeitar as individualidades e nos obrigando a uma adequação, hoje ele lucra se fazendo acreditar que se importa com as subjetividades dos indivíduos.

O entretenimento e os elementos da indústria cultural já existiam muito tempo antes dela. Agora, são tirados do alto e nivelados à altura dos tempos atuais. A indústria cultural pode se ufanar de ter levado a cabo com energia e de ter erigido em princípio a transferência muitas vezes desajeitada da arte para a esfera do consumo, de ter despido a diversão de suas ingenuidades inopurtas e de ter aperfeiçoado o feitio das mercadorias (ADORNO; HORKHEIMER, 1947, p. 63-64).

Desse modo, a Indústria Cultural permite uma dominação ideológica completa dos sujeitos com a mercantilização da cultura através da lógica midiática, com a função de transformar os sujeitos em seres passivos, ou seja, sujeitos ociosos, adaptáveis e desencantados que tomam o mercado como legitimador de crenças e valores, transferindo para a esfera econômica a responsabilidade de dizer o que é relevante para suas vidas. O domínio da Indústria Cultural não está em fomentar convicções ou promover reflexões sobre o mundo, e sim, evitar os impulsos que tornariam os sujeitos, de fato, ativos.

Essa passividade é perceptível em diversos setores, sendo abordados nesse ensaio alguns exemplos pertinentes dentro da abrangente área de comunicação. As campanhas publicitárias, por exemplo, transformam marcas/empresas em “salvadoras da pátria” e “resolutoras de conflitos” perante os olhos dos sujeitos mofados

em sua própria passividade. São marcas/empresas que se apropriam vergonhosamente de questões sociais visando lucrar sobre elas, sem que os envolvidos pela sua falácia percebam o jogo ativo nas entrelinhas. Como afirmam Adorno e Horkheimer (1947), “o mundo inteiro é forçado a passar pelo filtro da indústria cultural”.

## **Apropriação cultural: visibilidade desfocada**

O conceito de apropriação cultural é definido como, segundo o site Geledés<sup>7</sup>, “a adoção de alguns elementos específicos de uma cultura por um grupo cultural diferente.” O termo refere-se ao processo de aculturação ou assimilação de uma cultura minoritária por uma cultura dominante. Uma situação bastante recorrente de apropriação cultural ocorre entre as marcas do segmento de moda. Um caso emblemático se deu no ano de 2015, quando a estilista francesa Isabel Marant foi acusada de cometer plágio<sup>8</sup> ao lançar em sua coleção de verão do referido ano uma túnica com elementos gráficos específicos de vestimentas Tlahuitoltepec, confeccionadas artesanalmente pela comunidade mexicana de Santa Maria Tlahuitoltepec há 600 anos como símbolo de sua identidade. Enquanto as peças originais eram vendidas para sustento da comunidade pelo equivalente a R\$ 65, a estilista comercializava as “criações” por cerca de R\$ 1.000. A comunidade exigiu que Marant retirasse a blusa de sua coleção, além de convidá-la para visitar e aprender sobre as mulheres artesãs que têm feito essa peça por tantas gerações. Uma situação no mínimo “curiosa” que ocorreu concomitante-

---

7 O que é apropriação cultural? Disponível em <<https://www.geledes.org.br/tag/apropriacao-cultural/>> Acesso em 20 set. 2018.

8 Estilista francesa Isabel Marant é acusada de plágio. Disponível em <<http://ffw.uol.com.br/blog/moda/estilista-francesa-isabel-marant-e-acusada-de-plagio/>> Acesso em 20 set. 2018.

mente foi o fato da estilista ter sido notificada pela grife Antik Batik, que reivindicava a autoria sobre o design da mesma túnica. Surpreendentemente, as duas marcas utilizaram, simultaneamente, da cultura secular de um povo para se promover capitalmente.

Um outro caso emblemático obteve grande repercussão midiática na época em que ocorreu. Uma jovem branca, portadora de leucemia, divulgou em seu perfil no Facebook que havia sido ofendida por uma mulher negra, que a interpelou sobre o fato de estar usando turbante, adereço característico da cultura afro e que possui grande simbolismo para essa população, acusando-a de apropriação cultural. Isso foi o estopim de um grande conflito que invadiu as redes sociais com pessoa contra e a favor da jovem. A postagem original ultrapassou os 38 mil compartilhamentos, massificado principalmente porque a jovem justificou o uso do turbante pelo fato de estar em tratamento contra a leucemia e por ter usado a hashtag #VaiterBrancaDeTurbanteSim. Entre ofensas e explicações coerentes, o debate caloroso movimentou as redes sociais e suscitou uma importante discussão sobre a apropriação cultural.

É curioso observar como a cultura afro é amplamente difundida no Brasil por pessoas brancas: há babalorixás<sup>10</sup>, sambistas e capoeiristas brancos que acabam adquirindo mais espaço nos grandes veículos de comunicação do que pessoas negras, representantes dessa cultura. É o caso da

---

9 Hashtag é uma palavra-chave antecedida pela cerquilha (#) que as pessoas geralmente utilizam para identificar o tema do conteúdo que estão compartilhando nas Redes Sociais. A adesão delas se tornou popular no Twitter e se disseminou para as maiores mídias sociais da atualidade.

10 Sacerdote principal, chefe espiritual e administrador de um candomblé, de um xangô ou de alguns centros de umbanda, a quem cabe a distribuição de todas as funções especializadas do culto. Verbete disponível em <<http://michaelis.uol.com.br/busca?id=qMw8>>.

cantora Maria Rita, que pautou sua carreira cantando samba e tem mais visibilidade do que cantoras negras como as baianas Juliana Ribeiro e Mariene de Castro, por exemplo. Outro exemplo é o tradicional carnaval de Salvador-Ba, festa criada inicialmente como popular e acessível a todos e que nos últimos anos, com a elitização dos camarotes, espreme a população negra (em maior percentual absoluto no estado) em meio aos blocos caríssimos e a violência policial. Estes são alguns casos em que a Indústria Cultural revela-se extremamente segregadora e detentora de poder, alimentando a desigualdade social que ela mesma critica em tom deboche subliminar quando marcas/empresas fazem uso de causas como o combate ao racismo e representatividade negra para se promover.

## **Apoderamento do empoderamento**

Em 2018, a pauta feminista adquiriu ainda mais repercussão, fato impulsionado por, entre outros fatores negativos, os números assustadores de feminicídio, denúncias de abuso, assédio, entre outros horrores noticiados diariamente pelos meios de comunicação. Muitos indivíduos reverberam equivocadamente nas redes sociais e mesas de bar que o feminismo propaga o “ódio aos homens”, sem ao menos se dedicarem a entender as verdadeiras reivindicações do movimento, optando por disseminar o ódio que eles próprios criticam e apontam existir no feminismo.

No final do século XIX, após a Revolução Industrial, se delineava na Europa a chamada Primeira Onda do Feminismo, caracterizada por um conjunto de movimentações protagonizado por mulheres em torno da luta por igualdade política e jurídica entre os sexos. O eixo que marcou esse primeiro período de atividade feminista foi a reivindicação por direitos iguais de cidadania (direito à educação, propriedades e posses de bens, divórcio, etc.), tendo como auge a

luta sufragista pelo direito ao voto feminino, que aconteceu em diversos países no mundo.<sup>11</sup>

Com o passar dos anos, através das Segunda (início em meados dos anos 50 e se estende até meados dos anos 90 do século XX) e Terceira (a partir dos anos 90) ondas feministas e todas as transformações ocorridas na sociedade moderna, nos encontramos hoje em um patamar onde a luta do movimento está em evidência e por todos os lados. Ainda que muitas mulheres estejam envolvidas pelas amarras do machismo e sufocadas pelo patriarcado, por vezes engrossando o coro dos que definem erroneamente o sentido do feminismo, a luta daquelas que se encorajam e vão para linha de frente é por todas as mulheres e homens também, afinal, o mal provocado pelo machismo arraigado em nossa sociedade não fomenta submissão, tragédia e sofrimento apenas no meio feminino. Diante deste novo cenário, em que as mulheres modernas vislumbram perspectivas diferentes de vida e liberdade (ainda que não sejamos realmente livres vivendo sob o desdobramento maléfico do esclarecimento), as marcas identificaram nesse espaço novas oportunidades de lucro.

O termo “empoderamento” vem se tornando um dos mais buscados na internet desde 2011. A palavra é um neologismo cunhado pelo educador Paulo Freire e tem origem no termo inglês “*empowerment*”<sup>12</sup>. Os dicionários da língua portuguesa<sup>13</sup> conceitua o termo basicamente como o ato ou efeito de promover conscientização e tomada de poder de

---

11 As sufragistas e a primeira onda do feminismo. Disponível em <<https://movimentorevista.com.br/2018/02/3801/>> Acesso em 20 set. 2018.

12 A origem do conceito de empoderamento, a palavra da vez. Disponível em <<https://www.nexojournal.com.br/expresso/2016/10/06/A-origem-do-conceito-de-empoderamento-a-palavra-da-vez>> Acesso em 20 set. 2018.

13 Verbetes *empoderamento* no Dicionário Michaelis. Disponível em <<http://michaelis.uol.com.br/busca?id=Ind8>> Acesso em 20 set. 2018.

influência de uma pessoa ou grupo social, geralmente para realizar mudanças de ordem social, política, econômica e cultural no contexto que lhe afeta. Portanto, o ato de empoderar a si e ao outrem busca desencadear uma tomada de consciência e poder pelas minorias a respeito de direitos individuais e coletivos para que estes promovam transformações benéficas a todos. É um conceito fundamental que caracteriza os movimentos sociais que defendem mais participação social e oportunidades para minorias, como mulheres, a comunidade LGBTQ+, pessoas com deficiência, entre outros. Contudo, a relevância do empoderamento é notado e discutido para além daqueles que o buscam como forma de tornar suas lutas visíveis. Eis aí mais um momento em que o capital faminto se apodera do discurso social e transforma tudo em mercadoria, como previram Adorno e Horkheimer. Nesse caso, empoderamento também vende.

Grandes marcas do segmento de beleza como *Avon*, *Natura*, *O Boticário*, *Dove* e afins vêm explorando a alguns anos em campanhas publicitárias o ideal de liberdade de escolha das mulheres, que elas devem “se sentir lindas do jeito que quiserem e que podem ocupar o lugar que quiserem na sociedade”. Trata-se de uma fantasia mercadológica para vender cremes, perfume e maquiagem, e que, apesar de todo discurso florido, ainda perpetua o uso da imagem da mulher (correspondente a um determinado padrão imposto pelo mito da beleza<sup>14</sup>) no clichê capitalista de tornar tudo e todos passíveis de comercialização. Outro exemplo está presente na indústria de brinquedos. Temos visto nos últimos anos o surgimento de bonecas Barbie em versão negra, cadeirante, *plus size*, entre outras versões, sempre alinhado ao falso discurso de representatividade direcionado às crianças. E quan-

---

14. Conceito cunhado por Naomi Wolf que afirma: “estamos em meio a uma violenta reação contra o feminismo que emprega imagens da beleza feminina como uma arma política contra a evolução da mulher: o mito da beleza” (1992).

do citamos as crianças, estamos nos referindo especificamente as meninas, afinal, em uma sociedade machista não seria de bom tom colocar meninos brincando de boneca em propagandas da boneca Barbie. Obviamente, é importante ver representações femininas que abrangem toda sua diversidade nos mais variados espaços, não somente na indústria de brinquedos (que vem perpetuando há séculos a ideia da divisão entre “brincadeira de menino e brincadeira de menina”), mas também em revistas, no cinema, na televisão, etc.

### **Diversidade e representatividade de minorias no cinema**

No ano de 2017, a 89ª edição do Oscar, maior premiação do cinema mundial, foi envolvida em questões relacionadas a presença de profissionais negros na indicação das diversas categorias. Nas duas edições anteriores, apenas brancos foram indicados nas categorias relativas à atuação. A premiação de 2017 destacou-se por conta da reação das pessoas ao fato de ter sete atores e atrizes não-brancos indicados, além de três longas protagonizados por negros e disputando a categoria de Melhor Filme. A repercussão foi percebida na internet com a substituição da *hashtag* *#OscarsSoWhite* (“Oscar tão branco”, que viralizou nas redes sociais nos últimos anos) pela *#OscarsNotSoWhite* (“Oscar não tão branco”).

No entanto, todo fervor envolvendo a suposta alta representatividade com a maior presença de negros na história do prêmio quase ocultou um fato importante. Quinze anos antes, na edição de 2002, os atores Halle Berry e Denzel Washington, ambos negros, ganharam respectivamente os prêmios de Melhor atriz e Melhor ator. Já o ator Sidney Poitier, primeiro negro vencedor na categoria em 1964, ganhou um Oscar honorário pela obra. Os dois fatos também provocaram fervor e esperava-se que, a partir dali, transformações

significativas acontecessem na indústria cinematográfica. Não foi o que ocorreu, pelo menos não como esperado.

O crítico de cinema Heitor Augusto, do blog Urso de Lata<sup>15</sup>, disse em entrevista ao Jornal "O povo"<sup>16</sup> na época do Oscar de 2017 que:

muito provavelmente não estamos vendo mudanças estruturais, apenas readaptações. Raramente as concessões vindas de espaços hegemônicos surgem de intenções genuínas de se repensar, colocar-se em crise. Utilizam a diversidade como se ela fosse uma commodity (mercadoria), não algo com lastro e luta histórica. [...] Segmentar opressões e minorias é uma estratégia histórica de quem detém poder e privilégio. Colocam-se uns contra os outros e se justifica com o discurso 'primeiro vamos aqui, depois ali. [...] Para de fato termos diversidade genuína, é incontornável a presença de outras raças, gêneros e sexualidades em postos de decisão e criação.

---

15 Vale destacar aqui que Heitor Augusto é negro e, além de crítico de cinema, é curador, professor e jornalista como exemplo de profissional em uma área que também tem pouca representatividade. Tem textos publicados em revistas eletrônicas de crítica, veículos da mídia impressa, além de catálogos de mostras de cinema e coletâneas. Mantém o site Urso de Lata, disponível em <<https://www.ursodelata.com>>

16 Oscar. Minorias ganham visibilidade, mas nem tanto. Disponível em <<https://www.opovo.com.br/jornal/dom/2017/02/oscar-minorias-ganham-visibilidade-mas-nem-tanto.html>> Acesso em 20 set. 2018.

A fala de Heitor nos remete imediatamente a outro caso, este mais recente, de grande repercussão midiática e comoção das pessoas. Lançado em 2017, o filme *Pantera Negra*, originado dos quadrinhos da Marvel, obteve recorde de bilheterias no mundo pelo seu enredo totalmente diferente do que os filmes de super-heróis estão acostumados a exibir. A produção traz, pela primeira vez, um super-herói negro, com elenco predominantemente negro e com mulheres de muita força e coragem, trilha sonora produzida pelo rapper Kendrick Lamar<sup>17</sup>, figurinos e ambientação que representam uma África futurista e detentora de conhecimento, destoando das representações estereotipadas de miséria que o cinema sempre transmitiu.

É inegável o impacto positivo que um filme com essa estrutura tem sobre a população negra, acostumada a não se ver representada de alguma forma nos mais diversos espaços. Contudo, a crescente demanda de produções audiovisuais (filmes, séries, comerciais, etc.) que fazem uso da diversidade étnica revela justamente o mecanismo que a Indústria Cultural instaurou. Ao negar espaço no cinema para a população negra, por exemplo, esse mecanismo provoca uma carência por representatividade dos sujeitos. Ao lançar um produto que atende a essa demanda, proporciona uma momentânea satisfação que gera lucros através de bilheterias, produtos relacionados, etc. É um jogo minucioso e cínico que nos envolve há muito tempo, sendo até difícil para a grande maioria das pessoas perceberem a sua ação moldada por subterfúgios capitalistas que fingem atender as necessidades que o próprio capital desperta nos sujeitos.

---

17 Kendrick Lamar é um rapper negro americano que também atua como produtor musical, compositor e ator, amplamente considerado como um dos mais relevantes da atualidade, e por muitos como o maior nome do Hip Hop atual.

## O que as pessoas pensam disso?

Os espaços midiáticos, cúmplices da Indústria Cultural, não estão interessados, em sua maioria, em abrir precedente para que as minorias se sintam representadas naquele pedestal inatingível onde a mídia é colocada pelos próprios sujeitos. O interesse é fazer com que essa pseudo-representação possa ser utilizada com todo seu poder de alienação, fazendo-os acreditar que o sistema capitalista realmente se importa com eles.

A indústria cultural não cessa de lograr seus consumidores quanto àquilo que está continuamente a lhes prometer. A promissória sobre o prazer, emitida pelo enredo e pela encenação, é prorrogada indefinidamente: maldosamente, a promessa a que afinal se reduz o espetáculo significa que jamais chegaremos à coisa mesma, que o convidado deve se contentar com a leitura do cardápio (ADORNO; HORKHEIMEIR, 1946, p. 66).

Estes exemplos citados anteriormente retratam casos de apoderamento de diversas causas sociais, porém não se limitam a somente alguns casos. Olhar e perceber como os discursos sociais são utilizados de modo mercadológico é uma tarefa que requer mais do que profunda análise, exige constante reflexão, pois, ao nos darmos conta das correntes que nos prendem, adquirimos uma percepção um tanto pessimista diante do mundo tortuoso que ajudamos a moldar com nossa passividade.

Na contramão dessa inércia, uma pesquisa divulgada de julho deste ano revelou um fator no mínimo interessante. Realizada pela empresa especialista em pesquisa de mercado

*MindMiners*, buscando responder questões relacionadas à percepção do consumidor a respeito das campanhas publicitárias, a pesquisa intitulada “Publicidade e Propaganda na Visão dos Consumidores” ouviu mais de mil pessoas, de todo o Brasil. O estudo pontuou, entre outros fatores, que 55% das pessoas acreditam que “marcas falam sobre diversidade e representatividade apenas para sair bem na foto”, como cita o texto do estudo.

Uma área dessa pesquisa foi dedicada especialmente à questão de diversidade e representatividade. A *MindMiners* questionou aos consumidores com que frequência eles se sentem representados pela publicidade brasileira. As respostas mostraram que as opiniões estão divididas: 46% declarou que se sente representado na maioria das vezes, enquanto 34% respondeu o contrário – que se sente representado na minoria das vezes em que assiste a comerciais. Ainda nessa questão, 11% responderam que se sentem sempre representados enquanto 7% disseram que nunca se sentem representados. Um percentual semelhante a esse foi obtido quando a pesquisa questiona se o consumidor acha que a população brasileira é representada pela propaganda (MINDMINERS, 2018).

No entanto, outro fator questionado na pesquisa revela que a desconfiança por parte dos consumidores pode até existir, mas não supera a manipulação que a publicidade e propaganda exercem sobre eles:

Apesar dessa desconfiança em relação ao propósito da marca, a publicidade ainda tem um impacto importante na decisão do consumidor: 77% dos entrevistados assumiram que já compraram algum produto depois de terem sido impactados por um anúncio. Quando questionados a respeito do impacto que a publicidade possui no papel de consumidor, a maior parte declarou que ele é positivo (48%). Para 31%, o impacto da publicidade para seu papel como consumidor é indiferente e apenas, 6% disseram que é negativo; 1% que é muito negativo enquanto 15% afirmaram que o impacto da publicidade é altamente positivo (MINDMINERS, 2018).

Desse modo notamos, mais uma vez, que tudo, inclusive as reações, acabam sendo predeterminadas, como um constante esforço em tornar os sujeitos marionetes sob a ação da Indústria Cultural, onde poucos enxergam as cordas que os dominam.

## **Considerações (in) findas**

A apropriação de questões sociais pela Indústria Cultural em discursos midiáticos, no intuito de adquirir alguma forma de lucro através da passividade dos sujeitos, nos coloca sob a perspectiva de Fairclough (2001) ao afirmar que “os discursos não apenas refletem ou representam entidades e relações sociais, eles a constroem ou as constituem” (p. 22), ou seja, os sujeitos sociais são posicionados conforme os efeitos dos discursos entre os quais se movimentam. Desse

modo, “é muito apropriado estender a noção de discurso a outras formas simbólicas” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 22-23).

Para Foucault (1996, p. 10) “por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder.” Ainda segundo o autor, esse poder é concedido ao discurso por quem o produz ao afirmar que “se lhe ocorre ter algum poder, é de nós, só de nós, que ele lhe advém” (FOUCAULT, 1996, p. 7). Partindo dessa afirmação, reforçamos a compreensão de que a referida apropriação adquire um poder de manipulação permitido pela passividade dos sujeitos que, mesmo detentores da racionalidade técnica concedida pelo esclarecimento, acabam caindo nas amarras capitalistas que o próprio esclarecimento ajudou a construir.

O escritor José Saramago<sup>18</sup> defendia que um dos maiores problemas do mundo moderno é a perda do valor humano, onde as pessoas valem mais pelas coisas que possuem do que pelos valores éticos e conduta correta, em consonância com o respeito ao próximo e a honestidade. Parece um tanto clichê afirmar isso, mas é a mais pura e cruel realidade. Ao detectarmos as falsas boas intenções que levam marcas/empresas a utilizarem questões sociais como trampolim midiático, ao mesmo tempo em que os sujeitos, envolvidos por essa lógica caminham cambaleantes para a própria deca-

---

18 Ideia presente em “Esse mundo de injustiça globalizada” é um texto de autoria de José Saramago, apresentado por ele no encerramento do V Fórum Social Mundial de 2002, realizado em Porto Alegre, e que faz uma crítica ao processo de “globalização”, afirmando que o poder do capital é que rege o “mundo globalizado” e que a democracia falhou em face de uma liberdade ilusória. Disponível em <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ph000302.pdf>> Acesso em 20 set. 2018.

dência, entendemos o quanto a ideia de Saramago faz sentido de modo tão óbvio, que se torna difícil crer que, apesar de todo esclarecimento, perpetuamos estas amarras indefinidamente.

## Referências

ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. O conceito de esclarecimento. In: *Dialética do Esclarecimento*. Alemanha, 1947.

\_\_\_\_\_. A indústria cultural – o esclarecimento como mistificação das massas. In: *Dialética do Esclarecimento*. Alemanha, 1947.

FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. Coord.de Trad. Izabel Magalhães. Brasília: Ed. UnB, 2001.

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. 3ª Ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

KANT, I. Resposta à pergunta: que é Esclarecimento? In: *Textos seletos*. Ed. bilíngue. Tradução de Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis: Vozes, 1974.

MINDMINERS. *Estudo original: Publicidade e Propaganda na visão dos consumidores*. 2018. Disponível em <[http://www.abcdacomunicacao.com.br/file/Mind-Miners\\_Estudo-Publicidade.pdf](http://www.abcdacomunicacao.com.br/file/Mind-Miners_Estudo-Publicidade.pdf)> Acesso em 20 set. 2018.

WOLF, N. *O mito da beleza*. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1992.

[Recebido: 28 dez. 2017 — Aceito: 12 abril. 2019]

## PROTAGONISTAS DE SI: REPRESENTATIVIDADE E INTELECTUALIDADE NEGRA NO *YOUTUBE*

Gisele Moreira Santos <sup>1</sup>

*Resumo:* O presente artigo busca debater o lugar dos *youtubers* negros no Brasil e de que forma estes legitimam a intelectualidade negra dentro de um espaço onde a intelectualidade branca é preterida. Para tanto, são analisados aqui quem são os maiores *youtubers* brasileiros, do que eles tratam e quais são as intelectualidades preconizadas dentro deste espaço, para então expor hipóteses que caracterizariam a falta de destaque do intelectual negro dentro do *YouTube*, e a presença do racismo de forma velada. Em contrapartida, também serão apresentados aqui quais são as iniciativas de resistência destes intelectuais negros, que buscam espaço para legitimar seu trabalho na busca de um diálogo plural entre as culturas que habitam o espaço digital. Para tanto, serão discutidas as ideias de bell hooks (1995), Cornell West (1999), Nilma Lino Gomes (2010) e Eduardo Prado Coelho (2004).

*Palavras-Chave:* Intelectualidade negra. YouTube. Influenciador digital. Representatividade

## SELF PROTAGONISTS: BLACK REPRESENTATIVENESS AND INTELLECTUALITY ON *YOUTUBE*

*Abstract:* This article aims to discuss the place of the black *youtubers* in Brazil and how they legitimize the black Intellectuality within a space where the white intellectuality is preferred. Therefore, are analyzed here who are the greatest Brazilian youtubers as well as what they treat. To then expose hypotheses that

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós Graduação em Literatura e Cultura da Universidade Federal da Bahia – UFBA. Endereço eletrônico: gisele\_jac@hotmail.com.

would characterize the lack of prominence of the black intellectual within YouTube, and the presence of racism in a veiled way. On the other hand, it will also be presented in this work what are the initiatives of resistance of these black intellectuals who seek space to legitimize their work in the search for a plural dialogue between the cultures that inhabit the digital space. The ideas of bell hooks (1995), Cornell West (1999) and Nilma Lino Gomes (2010) and Eduardo Prado Coelho (2004) will be brought into discussion.

Keywords: Black intellectuality. YouTube. Digital influencer. Representativeness.

## Introdução

O presente artigo pretende discutir a representatividade negra no *YouTube* assim como as formas de conhecimento que estão sendo produzidas pelos *youtubers* negros, considerados aqui como uma forma de intelectualidade, sua visibilidade e o que faz com que o espaço digital ainda pareça ser dominado pela voz do branco. Será importante ressaltar que o espaço digital segue sempre se metamorfoseando diante dos nossos olhos, o que aponta para as iniciativas de voz ao povo negro que serão aqui apontadas como iniciativas de resistência.

O *YouTube* vem se tornando um dos maiores meios de comunicação e difusão de massa ao qual temos acesso, dentro dele pessoas de várias partes do mundo compartilham suas experiências, habilidades e conhecimentos de forma direta e prática, pois o acesso pode ser feito em qualquer lugar que obtenha conexão com a internet e de diversos aparelhos portáteis a qualquer momento do dia. O *YouTube*, não apenas funciona como um *player* de vídeo, mas como um agregador da cultura popular, dentro dele encontramos tipos de vídeos variados e de todas as partes do mundo. O este é

mais global e mais interativo do que qualquer mídia tradicional já nos apresentada até agora. Eco Moliterno (2017) no blog *Think with Google* discorre sobre o sucesso do *YouTube* e sobre seu papel dentro da cultura popular:

Ao contrário do que muita gente (ainda) pensa, o *YouTube* não é apenas um player de vídeos. Ele nasceu assim mas, ao longo desses quase 12 anos de vida, foi se transformando em algo muito mais abrangente. Hoje ele é a maior "central de cultura popular" que existe. (MOLITERNO, 2017)

Portanto, o *YouTube* caracteriza um espaço propício para que projetos que envolvam uma interação e alcance significativo de público e de gêneros distintos, existem profissões, produções e toda uma logística de mercado por trás de alguém que monta um canal e se dispõe a ser um *Youtuber* e se tiver sucesso em sua empreitada pode ousar se auto intitular um *digital influencer*.

Um *digital influencer* ou *influenciador digital* é aquele que influencia outras pessoas pelos meios digitais, difundindo suas ideias e modo de vida, atingindo um grande público que de uma forma ou de outra ecoa as ideias desse influenciador no seu cotidiano. Esse efeito é o que mais se aproxima do que Coelho (2004) propõe em seu texto *As Novas Configurações da Função do Intelectual* ao tratar do lugar do intelectual na contemporaneidade, o autor propõe o uso das novas tecnologias como um meio de atualizar a função deste e fazer com que sua atividade dialogue em espaços não legitimados como exposto a seguir:

[...] as novas tecnologias em particular na criação de sites e no desenvolvimento desse fenômeno novo, porventura efêmero, que são blogs [ e porque não acrescentar os *vlogs* presentes no YouTube]. Há aqui novas formas de legitimação intelectual que permitem um outro uso da fala, mais desimpedida e menos responsável. (COELHO, 2004, p. 22)

Coelho (2004) também aponta para o que chama de “os novos espaços de circulação do discurso” (p. 22), locais esses que os intelectuais devem transitar na busca de exercer seus objetivos como tal. Seria o *YouTube* um desses novos locais? Ao meu ver sim, os influenciadores digitais, assim como os intelectuais, buscam se afastar das mídias tradicionais, nesse âmbito o *youtuber* quer transmitir sua mensagem de forma alternativa e personalizada com o âmbito de aumentar seu público com algo que possa dar a sensação e ineditismo e autenticidade. Mesmo que essas novas demandas do intelectual, como afirma Coelho (2004), “pareçam inaceitáveis para os intelectuais de formação tradicional” (p. 22). Dentro de uma sociedade extremamente midiática como a que vivemos, se faz profícua a discussão do lugar do intelectual e os meios que este pode influenciar e difundir suas ideias, assim como, no caso do *YouTube*, quem está movimentando conteúdo, para assim deduzir quais são os interesses que estão sendo priorizados dentro desse novo fazer intelectual. Para tanto é importante debater quem são os maiores influenciadores do Brasil e quem eles representam.

## Os maiores *youtubers* brasileiros e o que nos dizem

Na busca do encontro entre os termos influenciadores digitais e intelectuais é importante traçar uma linha muito tênue entre o que pode ser considerado um trabalho intelectual e o que não pode ser visto dessa forma, depende muito do conceito pessoal o qual é atribuído ao termo. O que busco nesse artigo é demonstrar que as potencialidades de um intelectual digital podem partir de motivações plurais, que interessam e atraem uma coletividade, assim, o ser protagonista de si pode ser ao mesmo tempo uma iniciativa individual e coletiva. A figura a seguir indica um ranking dos dez maiores canais do *YouTube* no Brasil segundo número de inscritos, ou seja, de público que se interessa pelo conteúdo do mesmo, com dados do dia 02 de março de 2018 obtidos por Fernanda Beling (2018). A partir de suas informações podemos inferir quem são as pessoas que estão influenciando com mais efetividade e quais são os interesses do público brasileiro dentro deste site.

**Canais no Youtube com maior número de inscritos no Brasil**

Nome do canal	Inscritos	Total de Visualizações
<a href="#">Canal KondZilla</a>	28,594,910	14,012,928,284
<a href="#">whinderssonnunes</a>	27,426,997	2,227,072,424
<a href="#">Felipe Neto</a>	19,500,076	2,929,286,557
<a href="#">CanalCanalha</a>	15,821,041	1,065,465,998
<a href="#">rezendeevil</a>	15,494,736	5,601,256,159
<a href="#">Porta dos Fundos</a>	14,013,640	3,779,627,596
<a href="#">AuthenticGames</a>	12,931,119	5,332,638,661
<a href="#">GR6 EXPLODE</a>	12,052,196	5,407,312,264
<a href="#">5incominutos</a>	11,092,374	918,981,188
<a href="#">Canal Nostalgia</a>	10,709,172	837,309,866

Imagem 1

Fonte: (BELING, 2018)

Da imagem acima as informações que usaremos serão aquelas que pertencem a canais onde temos um *youtuber* como protagonista, para tanto as informações referentes ao canal *Porta dos Fundos* que trabalha com esquetes humorísticos, e os canais *Canal Kondzilla*, no topo do ranking, e *GR6 Explode* não serão relevantes para esta discussão já que ambos são canais que lançam clipes de música de artistas de diversos estilos.

A partir dos nomes citados acima se observa que apenas um desses canais é protagonizado por um negro, no caso o *AuthenticGames* comandado pelo mineiro Marco Tulio onde este posta vídeos majoritariamente sobre vídeo games. Dentre os dez canais citados, me pergunto, onde estaria a voz da comunidade negra dentro do *YouTube*? Quais são as intelectualidades preteridas dentro deste recorte? E porque essa falta de destaque dentro de um local que se diz inclusivo e aberto a todo o tipo de conhecimento como a internet?

A presença de Marco Tulio nesse ranking é intrigante, resolvi apontar a presença dele como o único negro nessa lista, mesmo sem saber se ele mesmo assume esse lugar, pois dentro desse contexto se pode questionar uma das formas de mascarar o racismo da sociedade; “a presença do único negro” Essa é uma das “justificativas” para a falta de representatividade, não só no *YouTube*, mas geralmente acontece; por exemplo, se questionados podem dizer: “Claro que os negros estão em destaque no youtube, o *AuthenticGames* está lá.” O perigo do efeito da presença única é evidente, semelhante ao mito da “América pós-racial” onde a eleição de Barack Obama teria exterminado o problema do racismo nos EUA, esta generaliza toda uma cultura dentro da visão de um, dá a impressão de que a pauta da representatividade está esgotada e os problemas do reflexo do racismo estrutural no *YouTube* estão resolvidos. Nesse ponto não há construção de intelectualidade já que não há ideias que convirjam na busca de um espaço diversificado para que todos

possam discutir suas pautas e construir conteúdo que seja relevante para diferentes públicos.

Em 2017 a seguinte imagem foi muito comentada pelos usuários das redes sociais, a imagem teve repercussões inúmeras e no meio dos *chats* que a incluía levantou vários tipos de questionamentos em torno de um país de maioria negra onde seus principais influenciadores seguíam sendo brancos:

Imagem II



Fonte: (ID, 2017)

A imagem retrata mais um ponto da desigualdade racial dentro do *YouTube*, trazendo os *digital influencers* de mais destaque no período e o questionamento “porque nenhum deles é negro?” É importante compreendermos que a internet retrata uma extensão virtual da sociedade em que vivemos, portanto deflagra dentro dela os mesmos questionamentos e nesse caso, preconceitos que presenciamos fora da rede. Portanto, os *youtubers* negros tem menos alcance no *youtube* não porque não estejam participando, ou porque seus vídeos ou conteúdos sejam menos interessantes, mas porque o racismo estrutural da sociedade brasileira não permite que a imagem do negro possa ser desassociada do preconceito, da pobreza e da marginalidade.

O olhar do público para o *youtuber* negro é, primeiramente, carregado de estereótipos e preconceitos sobre o povo negro e a capacidade intelectual do mesmo, pois a imagem estereotipada do intelectual negro é daquele que vai estar sempre problematizando sobre sua situação desfavorecida, apontando o racismo e questões afins. O que não se pode deixar de lado é que a internet é um espaço aberto, muitas vezes utilizado como um local onde a mídia alternativa encontra caminho para divulgar suas pautas, mas também é um espaço de grande potencial de entretenimento e difusão de conhecimentos e que existem intelectuais que podem sim ser engajados nas pautas contra o racismo, já que é algo que os atravessa, mas que isso não o priva de se dedicar a outros assuntos, como afirma Gomes (2010):

São também sujeitos que não estão obrigados a somente produzir conhecimento sobre o negro, mas dentro de qualquer campo do conhecimento onde estiverem, indagam a sociedade, a universidade e a ciência do espaço/tempo racializado e até em um pensamento social racializado. (GOMES, 2010, p. 502)

Nesse espaço hostil que a internet se torna, é difícil para um jovem procurar se posicionar como um intelectual de seu tempo que busca o direito de estar presente e protagonizar de forma igualitária todo e qualquer meio o qual faça parte. Portanto procura-se que a raça seja um ponto de diferenciação que agregue para a busca de um pensamento indenitário plural e não um meio de segregação de ideias diferentes. Ou seja, há espaço para que o público aprecie tanto *youtubers* brancos quanto negros, falta por parte deste apenas a vontade de desafiar os arquétipos que se instituem.

## **Afinal, onde estão os *youtubers* negros?**

Online, com certeza! A falta de destaque em rankings como os citados anteriormente não apaga o fato que o *You-*

*Tube* é um agregador de conteúdo aberto para qualquer pessoa, e a comunidade negra está participando cada vez mais em busca de um espaço de destaque igualitário onde a sua intelectualidade possa ser legitimada. Ressalta-se aqui a importância da figura do intelectual negro dentro das pautas comuns a comunidade em busca de conhecimentos que não reproduzam os padrões do que é legitimado pelo público de *youtubers* brancos, mas que iniciem uma produção de conteúdo plural que possa abarcar as expectativas do público negro que busca ser representado.

A partir do momento que os *youtubers* negros reconhecem e vivem reflexos do racismo estrutural presente na sociedade se proliferando também no *youtube*, seja por parte do público ou por parte da falta de parcerias e oportunidades de crescimento dentro da plataforma, surge então um *digital influencer* que se posiciona politicamente e que busca produzir conhecimento conectando suas experiências pessoais, problematizando-as ao mesmo tempo em que busca seu espaço. Como cita Gomes (2010):

São intelectuais, mas um novo tipo de intelectual, pois produzem um conhecimento que tem como objetivo dar visibilidade a subjetividades, desigualdades, silenciamentos e omissões em relação a determinados grupos sociorraciais e suas vivências. (GOMES, 2010, p. 495)

De acordo com a afirmação da autora, podemos citar os canais *Afros e Afins* (500.844 mil inscritos<sup>2</sup>), *DePretas* (416.729 mil inscritos), e *Luci Gonçalves* (261.210 mil inscritos) que dentre outros temas tratam sobre questões raciais, neles as *influencers* Nátaly Neri, Gabi Oliveira, e Luci Gonçalves enfatizam as suas próprias vivências dentro daquilo que as atravessam. Os canais citados buscam ampliar a visão do público para um debate que represente a vivência do público

---

2 Quantidade referente ao número de inscritos de cada canal. Dados de acesso do dia 19 de abril de 2019.

negro que busca uma fala mais próxima da sua na qual possa se ver e se inspirar. *Influencers* que passem pelas mesmas, se não parecidas, experiências como mulheres negras que se arriscam a propor um diálogo que se configure como uma forma de ativismo.

Estas *Influencers* representam o que bell hooks (1995) endossa em seu ensaio *Intelectuais Negras*, estas constroem seus perfis de intelectuais negras incorporando as suas realidades, onde lidam com o espaço das mídias contemporâneas, dentro de um fazer individual que aponta para o coletivo; a construção da representatividade da mulher negra dentro do *YouTube*, assim como a busca pela diversidade de formas de ser uma intelectual negra. Pelas palavras de hooks: “O trabalho intelectual é uma parte necessária da luta pela libertação, fundamental para os esforços de todas as pessoas oprimidas e/ou exploradas que passaram de objeto a sujeito que descolonizaram e libertaram suas mentes.” (hooks, 1995, p. 466).

Para tanto, se faz profícuo citar aqui as estratégias de resistência ao quadro discriminatório dentro da rede. O *YouTube* Brasil, lançou em novembro de 2016 a semana “*YouTube Negro*”, onde eram lançados vídeos diários sobre diversos assuntos envolvendo *youtubers* negros e personalidades, como por exemplo, Elza Soares. No ano seguinte, na semana da consciência negra, o projeto “*YouTube Negro*” aconteceu novamente com a premissa “*Eu sou*” onde os principais *influencers* negros fizeram vídeos explicando quem eles são, o que eles propõem dentro da plataforma e quais seriam seus objetivos futuros.

Iniciativas como essa põem em foco que não há falta de produção dos negros na internet, e que há um público ávido para se sentir representado vide o grande número de inscritos nos canais e a iniciativa da própria plataforma de incentivar esse trabalho, mas talvez falte a vontade de quebrar paradigmas e estereótipos por certa parte do público e

do crescente grupo de *creators*<sup>3</sup> que ainda não valoriza produções que questionem os arquétipos vigentes.

O caminho que está sendo construído pelos *youtubers* negros para que seus canais possam ser valorizados se assemelha ao perfil do intelectual negro em busca da legitimação no campo acadêmico, como descrito por Nilma Lino Gomes (2010) em *Intelectuais Negros e produção do Conhecimento: algumas reflexões sobre a realidade brasileira*, nesse artigo a autora discute a construção do intelectual negro e seu posicionamento político e epistemológico diante dos desafios impostos a essa função. Dentro desse viés, vale destacar o trabalho de Egnalda Côrtes, que criou uma empresa de agenciamento para impulsionar o trabalho de *youtubers* negros, a *Côrtes Assessoria e Agenciamento*. Atendidos pela empresa dela estão os principais nomes de *youtubers* negros do site, a importância do trabalho dela vai além de apoiar *youtubers* para que sejam mais bem sucedidos na nova função, ademais Egnalda está estimulando que a intelectualidade desses *influencers* possa quebrar paradigmas do uso da raça como forma de apenas pontuar desigualdades, mas pelo contrário usar esse recorte como uma potencialidade intelectual na busca de diálogos plurais. Assim como debate Gomes (2010):

Ao tematizarem a raça como construção social, cultural, histórica e política, as discutirem que a incidência do racismo sobre os negros (pretos e Pardos) não se restringe a sua ascendência africana e nem a sua cultura, mas está vinculada as interpretações que recaem sobre os sinais diacríticos inscritos no corpo negro, os intelectuais negros repolitizam a raça e ressemantizam-na. (GOMES, 2010, p. 504)

É nessa busca pela ressemantização que a relevância do trabalho de Egnalda e de seus agenciados se faz profícua,

---

3 Nome dado a pessoas que se dedicam a criar conteúdos para a internet.

pois cabe a essa leva de *youtubers* negros o papel de abrir espaços que futuramente possam ser igualitários. É a busca pela equidade para que as pessoas possam valorizar a intelectualidade negra como forma de protagonismo não só dentro do *YouTube*, mas utilizando da potência deste, ampliando a perspectiva do público para além da raça, provando que suas demandas são relevantes quanto às de qualquer outro *creator*, é formar uma nova leva de *influencers* aberta ao diálogo intercultural onde o mercado compreenda que há lugar para todas as intelectualidades.

Assim como Gomes (2010) os agenciados de Egnalda partem do pressuposto que “existem diferentes maneiras de ser intelectual negra e negro.” (p. 498) pois estes tratam de assuntos diversos que vão além das questões raciais, por exemplo, o Canal De Mudança (67.157 mil inscritos), da Mari Ribeiro, trata sobre os dilemas da vida adulta. O canal da bailarina Ramana Borba (947.106 mil inscritos) se dedica a ensinar coreografias das músicas que estão em alta, Tati Sacramento (657.880 mil visualizações) sobre vida saudável. O que essas figuras negras fazem no *YouTube* tem um efeito mais próximo do que Cornel West (1999) chama de “infraestrutura intelectual”. Em *O Dilema do Intelectual Negro*, Cornel West (1999) debate os principais impasses que permeiam a função intelectual para o negro, dentre elas estaria à falta de infraestrutura intelectual, ou seja, de uma tradição, de vozes negras anteriores que também buscassem o meio intelectual como ocupação para assim deixar um legado a ser seguido. No entanto, dentro do *YouTube* essa infraestrutura começa a ser construída em uma perspectiva animadora, já que supomos que o trabalho de alguns dos *influencers* ainda é recente e já produz bons frutos.

## Considerações finais

Faz-se presente, a responsabilidade nesses *influencers* negros atuais de construir uma estrutura estável para que surjam ainda mais jovens negros, que inspirados pelos anteriores, comecem a ocupar os espaços na internet trazendo diálogos que representem a comunidade negra em diversos aspectos, tanto na problematização de problemas raciais como em assuntos corriqueiros, que independente de raça, possam ser relevantes para o público da internet.

É nesse ponto que a representatividade se mostra forte, o que os *youtubers* negros e o trabalho da agência Côrtes Assessoria estão construindo é um caminho igualitário onde mais esse espaço possa ser conquistado pela intelectualidade negra tendo sempre em mente a coragem de quem se dispõe a se dedicar ao trabalho intelectual tanto por ocupar novos espaços ainda não legitimados, quanto por enfrentar a dureza desse ofício, pois como afirma hooks (1995) “muitas vezes o trabalho intelectual leva ao confronto com duras realidades, pode nos lembrar que a dominação e a opressão continuam a moldar as vidas de todos, sobretudo das pessoas negras e mestiças.” (hooks, 1995, p. 478).

Por fim, sustento aqui que o confronto citado por hooks (1995) não deve de forma alguma repelir o trabalho intelectual que está sendo construído pelos *youtubers* negros, mas sim ressaltar a força dos que se põem nesse local que é ao mesmo tempo desconfortável e desafiador e revela a vontade destes de representarem-se como protagonistas de si e refletem esse desejo no seu público na busca por um diálogo que agregue demandas plurais que atravessam a construção da identidade do povo negro brasileiro ávido e competente o bastante para protagonizar todos os espaços os quais se propõem. Podendo ser estes virtuais ou não.

## Referências

GOMES, Nilma Lino. Intelectuais Negros e produção do conhecimento: algumas reflexões sobre a realidade brasileira. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Org.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez Editora, 2010. Cap. 14. p. 493-515.

hooks, bell. *Intelectuais negras*. Estudos Feministas, Rio de Janeiro, v.3, n.2, p. 464-478, 1995

BELING, Fernanda. *Os 10 maiores canais do YouTube: Organizamos algumas listas com os 10 maiores canais do YouTube por diferentes perspectivas. Atualizado dia 02 de março de 2018.. 2015*. Disponível em: <<https://www.oficinadanet.com.br/post/13911-os-10-maiores-canais-do-youtube>>. Acesso em: 2 mar. 2018.

ID, Criadores (Ed.). *Racismo no YouTube? Cartaz viraliza nas redes sociais e abre debate entre os youtubers!* 2017. Disponível em: <<http://criadoresid.com/racismo-no-youtube-cartaz-viraliza-nas-redes-sociais/>>. Acesso em: 10 mar. 2018.

ITO, Carol. *Egnalda Côrtes e a Representatividade no Youtube: A empresária, que trabalha para impulsionar a carreira de youtubers negros, dá dicas de quem não podemos deixar de assistir na rede*. 2018. Disponível em: <<https://revistatrip.uol.com.br/tpm/egnalda-cortes-da-dicas-de-youtubers-negros>>. Acesso em: 12 mar. 2018.

MOLITERNO, Eco. *Qual o Segredo do Sucesso no Youtube?* 2017. Disponível em: <<https://www.thinkwithgoogle.com/intl/pt-br/advertising-channels/v%C3%ADdeo/qual-o-segredo-do-sucesso-no-youtube/>>. Acesso em: 13 jan. 2019.

PRADO COLEHO, Eduardo. *As Novas Configurações Da Função Intelectual*. In: MARGATO, I.; GOMES, R. C. O papel do intelectual hoje. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004. P. 13-67.

WEST, Cornel. *O Dilema Do Intelectual Negro* In.: WEST, Cornel. "The dilemma of the Black Intellectual". In.: *The Cornel West: reader*. Basic Civitas Books, 1999, p. 302-315. (Tradução e notas de Braulino Pereira de Santana, Guacira Cavalcante e Marcos Aurélio Souza).

### Canais citados

Para ter acesso aos canais deve-se baixar no celular um aplicativo leitor de *QR code* e aproximar a câmera do celular dos códigos abaixo.

Afros e Afins



Luci Gonçalves



DePretas



De Mudança



Tati Sacramento



Ramana Borba



[Recebido: 22 nov. 2018 — Aceito: 15 fev. 2019]

## CULTURA E REPRESENTATIVIDADE NEGRA NO MUNDO DA CIBERCULTURA

Alesandra de Jesus Silva<sup>1</sup>

*Resumo:* Este artigo tematiza o conceito de cultura definido a partir do século XVIII. Procura compreender os diferentes significados atribuídos a palavra cultura ao longo da tradição, compreendendo o nascimento dos estudos culturais como a afirmação do caráter pluralista de cultura. Assim, no século XX, o foco não é mais a conciliação de todos nem a luta por uma cultura comum, mas a disputa entre identidades. A emergência de um novo paradigma tecnológico eclode com força por todo o mundo e é necessário considerar as novas formas de pensar e difundir cultura, sendo a cibercultura uma ferramenta que vem influenciando as relações sociais de imersões e significações culturais através da representatividade, do ativismo político, de construção de significados transgressores, e do favorecimento de intercâmbios culturais. Por fim, analiso dois espaços/plataformas de afinidades centrados na representatividade e afirmação do empoderamento negro.

*Palavras-Chave:* Cultura; Estudos culturais; cibercultura; representatividade negra; empoderamento negro.

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB), linha de pesquisa Letramento, Identidades e Formação de Educadores. Endereço eletrônico: cepa.alesandra@hotmail.com.

## **CULTURE AND BLACK REPRESENTATIVENESS IN THE CBERCULTURE WORLD**

*Abstract:* This article thematizes the concept of culture defined from the eighteenth century. It seeks to understand the different meanings attributed to the word culture throughout the tradition, including the rising of cultural studies as the affirmation of the pluralistic character of culture. Thereby, in the twentieth century the focus is no longer the reconciliation of all, nor the struggle for a common culture, but the dispute among identities. The emergence of a new technological paradigm erupts strongly throughout the world and it is necessary to consider the new ways of thinking and spreading culture, with Cyberculture being a tool that has been influencing the social relations of immersions and cultural significations through representativeness, political activism, the construction of transgressive meanings, and the fostering of cultural exchanges. Finally, we analyze two affinity spaces/platforms focused on the representativeness of black empowerment.

*Keywords:* Culture. Cultural studies. Cyberculture. Black representativeness. Black empowerment.

### **Sobre os conceitos de cultura**

As versões de cultura são definidas historicamente. É fundamental questionar o conceito proposto, procurando compreendê-lo a luz da sua história, seus modos de transformações e significados diversos, que perpassa épocas, não se prendendo a uma definição específica, principalmente em decorrência das viradas no pensamento cultural a partir do século XVIII. A palavra cultura, segundo Eagleton (2005) é considerada umas das mais complexas da língua inglesa e

deriva da palavra natureza. No sentido etimológico um dos significados originários de cultura é do latim *colere* que significa lavoura, cultivo, cuidado. Portanto, até o século XVI, cultura descreve as mais elevadas atividades humanas, do trabalho e da agricultura, da colheita e do cultivo. Cevasco relata que mudanças semânticas informam as intensas mudanças sociais no decorrer da história: As nuances de significado desses termos são vistas como um registro e uma reação às modificações sociais causadas pela Revolução Industrial e pela implantação de uma ordem capitalista hegemônica na Inglaterra a partir do século XVIII. (2008, p.14)

De acordo com Eagleton (2005) no âmbito dos seus diversos significados e desdobramentos semânticos, a palavra cultura fotografa a própria transição da humanidade de uma existência rural para uma existência urbana. Cultura passa a ser considerada civilização, civilidade, erudição, criação artística e modos de vida, designando o refinamento intelectual e espiritual de um grupo ou indivíduo num processo geral de progresso intelectual, espiritual, artístico e material, equiparados a bons costumes, boas maneiras e comportamento ético. Eis a primeira viragem cultural. A propósito dos significados de cultura, Eagleton refere:

Mas o desvio semântico é também paradoxal: são os habitantes da cidade que são “cultivados” e não os que vivem realmente da lavoura. Os que cultivam a terra são menos aptos para se cultivarem a si próprios. A agricultura não permite tempo livre para a cultura (2005, p.12).

Nesse sentido, as pessoas do campo e as que estavam ligadas diretamente ao trabalho e as atividades laborais, do

saber fazer, não estavam no rol dos civilizados, todas as pessoas que não eram civilizadas não tinham cultura, restringindo a cultura a uma minoria dominante que se considerava culta, pensante, erudita, especial. De acordo com Eagleton (2005), os franceses se julgavam detentores do monopólio da civilização, a qual incluía vida política, técnica e social enquanto a cultura alemã tinha uma conotação religiosa, artística e intelectual.

O fato é que ao longo do século XIX cultura passou a ter uma conotação imperialista. Eagleton (2005, p. 18) afirma que o Estado trabalha na sociedade através da cultura como uma espécie de pedagogia ética “libertando o eu individual ou coletivo que está dentro de cada um de nós, um eu que encontra a sua representação no domínio do Estado Universal”. Ainda segundo Eagleton (2005) a ideia de sermos homens primeiro para podermos ser cidadãos, considera a cultura superior que a política, significa que a política deve extrair recursos da cultura e formar indivíduos para serem cidadãos harmoniosos, responsáveis, éticos, domáveis, preparando homens e mulheres para a cidadania política, negando principalmente aos povos coloniais o direito a autodeterminação até serem civilizados para o exercício das suas responsabilidades.

Sobre esse respeito Cevasco assinala que:

“Cultura” e “civilização” são palavras a um só tempo descritivas (como em civilização asteca) e normativas: denotam o que é mais também o que devem ser (basta pensar no adjetivo civilizado e no seu posto “bárbaro”). No decorrer dos processos radicais de mudanças sociais da revolução industrial, foi ficando cada vez evidente que o tipo de desenvolvimento humano em curso em uma sociedade como a inglesa não era necessa-

riamente algo a ser recomendado. O fato de, em especial ao longo do século XIX, a palavra ter adquirido uma conotação imperialista (civilizar os bárbaros era um mote que justificava a conquista e exploração de outros povos) contribuiu para virada de sentido. (2008, p.10).

Na viragem do pensamento cultural no século XIX, cultura deixa de ser sinônimo e passa a ser antônimo de civilização. Cultura como posse de uma minoria, extremamente seletiva, para quais algumas culturas eram simplesmente superiores a outras, começa a desaparecer e a dar lugar ao seu uso no sentido antropológico da palavra, ou seja, cultura como modo de vida específico. De acordo com Eagleton (2005) a civilização é burguesa e a cultura é populista. Ocorre uma mudança no pensamento no final do século XIX e início do século XX, de cultura numa perspectiva singular para cultura numa lógica pluralizada, com a abertura das culturas não europeias em oposição ao eurocentrismo. O caráter crítico da idéia de cultura vai se reafirmando em um movimento encaixado por nacionalistas, esquerdistas e idealistas em nome da crítica romântica pré-marxista. Para Eagleton:

Nascido em pleno iluminismo, o conceito de cultura ataca agora, com edipiana ferocidade, os seus progenitores. A civilização era abstracta, alienada, fragmentada, mecânica, utilitária, escrava de uma fé cega no progresso material: a cultura em contrapartida, era considerada holística, orgânica, sensível, autotélica, evocativa. O conflito entre cultura e civilização fazia, assim, parte de um declarado debate entre tradição e modernidade (2005, p.23).

Os Estudos Culturais surgem na Inglaterra em 1950 no decorrer deste momento sócio-histórico, marcado pela consolidação do progresso científico e tecnológico, que se espalharam por outros países da Europa como França e Alemanha. Muitas descobertas forma importantes para alavancar esse progresso, entre elas os meios de comunicação (telégrafo, telefone, televisão, cinema e rádio). Esse conjunto de mudanças e invenções revolucionou a vida social e econômica das pessoas, ao mesmo tempo em que o progresso e o conforto se tornam favoráveis, por outro lado as condições de trabalho dos operários eram precárias, inseguras, injustas e desiguais, dando espaço para o surgimento de lutas e sindicatos em defesa aos direitos dos trabalhadores. Com efeito, os Estudos Culturais nascem desse conflito de classes e de consolidação do capitalismo industrial, e afirmam o caráter pluralista da cultura, seus percussores com respectivos livros fundantes da nova disciplina são Raymond Williams com *Culture and Society, 1780-1950* (1958), Richard Hoggart com *The Uses of Literacy* (1957) e Edward P. Thompson com *Making of the English Working Class* (1963). Sendo assim, incluem os estudos da cultura popular e os cotidianos de vida e um novo modo de perceber a considerada alta cultura.

Portanto, os estudos culturais surgem num movimento marginal, não dentro das universidades consagradas da época, mas, a partir da necessidade política de uma classe de trabalhadores recém saídos da Segunda Guerra Mundial, e, portanto, privados de oportunidades em educação e de participação dos diversos âmbitos sociais. Os criadores dos estudos culturais Raymond Williams, Richard Hoggart e Edward P. Thompson foram professores da *Workers' Educational Association* (WEA), uma organização de esquerda de educação para trabalhadores. De acordo com Cevalco (2008) foi neste ambiente muito mais de intervenção política do que de profissão que surge às primeiras concepções de cultura voltada para a solidariedade, para o bem comum da sociedade, para

inclusão da classe trabalhadora através de uma educação pública de qualidade e igualitária, em contraposição aos esforços elitistas da cultura da minoria que vigoravam nas grandes universidades do século XIX.

“A cultura é de todos”, assevera Raymond Williams (1958), que considera a cultura comum a toda sociedade, além das grandes obras que para ele deve ser difundida e facilitada o acesso através da educação a fim de abrir a possibilidade para que todos detenham o poder e interpretem os signos e significados e formas de organização da cultura, a cultura abrange os princípios de organização da vida social. Para Williams as ideias coletivas de desenvolvimento social como os sindicatos, partidos políticos, movimentos cooperativos são uma realização da criatividade humana, portanto é cultura.

Usamos a palavra cultura nesses dois sentidos: para designar todo um modo de vida – os significados comuns; e para designar as artes e o aprendizado – os processos especiais de descoberta e esforço criativo. Alguns escritores usam essa palavra para um ou para o outro sentido, mas insisto nos dois, e na importância de sua conjunção. As perguntas que faço sobre nossa cultura são perguntas referentes aos nossos propósitos gerais e comuns e, mesmo assim, são perguntas sobre sentidos pessoais profundos. A cultura é de todos, em todas as sociedades e em todos os modos de pensar (WILLIAMS, 1958, p.1).

De acordo com Cevasco (2008, p. 23), Raymond Williams traz ao debate a concepção materialista de cultura, em que os bens culturais são resultados dos meios materiais de produção, indo desde a linguagem até aos meios eletrônicos

de comunicação, que concretizam relações sociais complexas, envolvendo instituições, convenções e formas. Portanto, definir cultura é pronunciar-se sobre o significado de um modo de vida, é “ver como a cultura mais do que um mero efeito da superestrutura, é um elemento fundamental na organização da sociedade e, portanto, um campo importante na luta para modificar essa organização” (CEVASCO 2008, p. 111).

A partir da década de 60 ocorre outra viragem cultural, uma década que se apresentou com novas concepções de vida focada na importância da liberdade, no multiculturalismo, na teoria estruturalista e pós-estruturalista, na eclosão da reprodutibilidade técnica através do avanço dos processos eletrônicos digitais de produção de conhecimento científico, artístico, tecnológico e cultural, bem como um mundo conectado com os meios de comunicação de massa, que acabam como diz Cevasco (2008) por enfraquecer um projeto coletivo de mudança social, o foco não é mais a conciliação de todos nem a luta por uma cultura comum, mas a disputa entre identidades, reduzida agora a uma prática cultural em defesa do particularismo e diferenças culturais.

De acordo com Hall (2003), os estudos culturais tiveram inúmeras interrupções externas nos trabalhos teóricos do *Centre for Contemporary Cultural Studies* que abalaram, interromperam, criaram verdadeiras rupturas e contribuíram para o avanço teórico e político dos trabalhos culturalistas. O estruturalismo traz para o bojo das discussões uma teoria que põe em xeque a experiência sem mediação, o teórico mais influente foi o marxista Louis Althusser, que defendia que os seres humanos não são sujeitos dos processos sociais, mas efeitos ou sintomas de hierarquias estruturais. Hall (2003) elenca os avanços teóricos decorrentes dos encontros com o trabalho estruturalista, semiótico e pós-estruturalista:

A importância crucial da linguagem e da metáfora lingüística para qualquer estudo da cultura; a expansão da noção

do texto e da textualidade, quer como fonte de significado, quer como aquilo que escapa e adia o significado; o reconhecimento da heterogeneidade e da multiplicidade dos significados, do esforço envolvido no encerramento arbitrário da semiose infinita para além do significado; o reconhecimento da textualidade e do poder cultural, da própria representação, como local de poder e de regulamentação; do simbólico como fonte de identidade. (HALL, 2003, p. 211)

O multiculturalismo, explica Bordini (2006) é um fenômeno Centro que se estende pelo mundo ocidental de origem influente norte americana e nasce especialmente nos Estados Unidos, sua ascensão deriva das condições históricas da formação da sociedade norte-americana, tem como ideal difundir a cultura não como um todo unitário, mas com manifestações autônomas e específicas geradas por diversos grupos que formam a sociedade, capazes de ultrapassar fronteiras nacionais e regionais, ressalta as diferenças e a coexistência pacífica dessas diferenças sem perder sua identidade e características próprias. Para Mignolo (2008) o multiculturalismo fomenta políticas de identidade em busca de ações afirmativas, mas reforçam posições fundamentalistas e essencialistas na construção de uma identidade “natural” do mundo.

Hall (2003) elege duas importantes interrupções que na década de 70 e 80 foram específicas e decisivas para reorganizar o campo de maneira concreta, mudando o objeto de estudo nos estudos culturais de forma revolucionária em termos teóricos e práticos. Hall (2003, p. 208) diz que a intervenção feminista “chegou como um ladrão á noite, invadiu; interrompeu, fez um barulho inconveniente, aproveitou o

momento, cagou na mesa dos estudos culturais” e trouxe com ela a abertura da questão que o “pessoal é político”, a expansão radical da noção de poder até então aplicada ao domínio público, a centralidade das questões de gênero e sexualidade para a compreensão do próprio poder, o retorno das questões do sujeito e da subjetividade, a reabertura da fronteira fechada através da psicanálise.

A outra intervenção que invadiu os debates no Centro foi a das questões de raça mobilizada por um movimento negro insatisfeito com as suas condições estruturais, sociais, econômicas e com a ideologia racista dominante. Hall (2003, p.210) representou uma virada decisiva no trabalho intelectual e teórico, colocando na agenda questões críticas de raça e política cultural, a política racial, a resistência ao racismo, a importância de pensar a especificidade da opressão de raça no contexto da crise geral da sociedade que alteraria as outras relações.

Esse período histórico específico que explode a partir da década de 60, chamado de pós-modernidade, é caracterizado por Eagleton (1998, p. 7) como uma forma de cultura contemporânea que questiona as noções clássicas de verdade, razão, identidade e objetividade, progresso ou emancipação universal. Vê o mundo como diverso, instável, imprevisível, um conjunto de culturas ou interpretações desunidas, gerando um grau de ceticismo em relação à objetividade da verdade. Essa maneira de conceber o mundo emerge de uma nova forma de capitalismo, para um mundo efêmero e descentralizado da tecnologia, do consumismo e da indústria cultural. Triunfa a indústria de serviços, finanças e informação sobre a produção tradicional, há uma queda na política clássica de classe para as políticas de identidade, não existem fronteiras entre cultura elitista e cultura popular, entre arte e experiência. A arte é superficial, descentrada, divertida, eclética e pluralista.

## **A cibercultura e a nova forma da representatividade negra**

Considerando esse novo paradigma social que emerge gradualmente há duas décadas e toma forma na década de 60 eclodindo com força total por todo mundo é necessário considerar as novas formas de ser e difundir cultura. Associado por Castells (2013) como a emergência de um novo paradigma tecnológico, baseados na tecnologia de comunicação e informação, em que a comunicação em rede transcende fronteiras, a sociedade em rede é global, envolve e integra bens, serviços, capital, comunicação, informação, ciência, tecnologia, cultura, a um processo chamado de globalização, difundindo-se por todo o mundo, mas não incluindo todas as pessoas, excluindo maior parte da humanidade, embora sejamos afetados todos pela sua lógica e pelas relações de poder que interagem nas redes globais da organização social.

A cultura contemporânea está marcada pelas tecnologias digitais a chamada cultura digital ou cibercultura, uma nova ferramenta que vem se desenvolvendo nos últimos anos e está no cotidiano das pessoas influenciando as relações sociais, cheias de significações e imersões culturais. As comunidades alternativas de cultura circulam nas redes sociais as quais se tornam lugares de representatividade, de ativismo político, de construção de significados transgressores, e do favorecimento de intercâmbios culturais.

Para Levy (1999, p.17), o ciberespaço é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores, o termo abriga não apenas a infraestrutura material de comunicação digital, mas todo o universo de informações, assim como o mundo de pessoas que navega e alimenta esse universo em tempo real, a cibercultura abrange as práticas, atitudes, modos de pensar, valores, ideias que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço. Em complemento, Pierry Levi (2000) percebe o ciberespaço ou

cibercultura como um processo metaevolutivo, que integra todas as mídias como a escrita, o alfabeto, a televisão, o rádio, cinema, imprensa, assim como todas as melhorias de comunicação, todos os mecanismos que foram projetados e criados para reproduzir signos e significados, se constituindo em um metameio.

Dessa forma, o ciberespaço, de acordo com Levi (2000), ocasiona uma nova configuração de larga escala de comunicação possibilitando e intensificando a interatividade “muitos para muitos”, permitindo não apenas a comunicação “um para um”, ou “um para muitos”, mas a articulação entre os três modos comunicativos o que incentiva a formação da inteligência alternativa, que não é fixa ou automatizada, mas modificada, transformada, transgredida, estabelecida em tempo real e distribuída por toda parte em tempo real. As relações são estabelecidas através da informação e da capacidade de processamento e produção de conhecimentos e os mecanismos de interligação através da hipertextualidade proporcionam uma leitura não linear, permite a pluralidade, a quebra de fronteiras, abarca e integra todas as formas de expressão, as diversidades de interesses, valores e conflitos.

Para Lopes (2010) a cultura digital ou cibercultura envolve modos de ação e de pensar específicos que são colaborativos, participativos, interativos, dinâmicos, possibilitando discursos inovadores, desestruturadores e inesperados, discursos cruciais que podem colaborar para mudanças sociais futuras. Somos construtores dessa cultura digital, convivemos em uma geração de múltiplas interfaces digitais, com um *smartphone* na palma das mãos podemos sem cartão do banco sacar dinheiro em caixa eletrônico, usá-lo controlando a reprodução do conteúdo da TV sem o controle remoto, medir velocidades, controlar a saúde, monitorar atividades físicas, monitorar o deslocamento, medir distâncias, tudo isso através de aplicativos em que muitos deles são gratuito, podemos produzir vídeos, fazer marketing digital, acessar

redes sociais e manter relações virtuais, trocar informações, produzir conteúdos diversos nas páginas da internet.

A cibercultura, segundo Lopes (2010), configura-se como alternativas para a vida social como uma prática de ação sociopolítica, potencializa as relações, possibilita a participação do ativismo político sem precisar sair de casa, muitas vezes distantes da vigilância institucional e convida a co-participação da vida de pessoas desconhecidas, a representatividade cultural, desarticulando concepções de mundo e ideologias limitadas.

São inúmeras diferenças como identidades, culturas, raças, gêneros e orientações sexuais, diferentes formas de ser, estar, viver, representar, diferentes visões de mundo, de sonhos, desejos e imaginação que circulam nas redes sociais e ultrapassam os muros das instituições políticas, econômicas e sociais que em outra hora eram as principais responsáveis por abarcar e transmitir cultura. A internet deixa de ser vista como o lugar onde apenas se busca informações e passa a ser também um lugar de construção, disputa, contestação, nos colocando frente a frente com a alteridade e a politização da vida social, funcionando como linha de fuga para os discursos e representações homogeneizadoras.

Portanto, a tecnologia não está a favor apenas das grandes empresas e instituições, ela também está a serviço politicamente dos sujeitos, que estão às margens sociais, os quais de acordo com Lopes (2010) podem transgredir significados compreendidos como legítimos e cristalizados, construindo contra-narrativas, intensificando as relações sociais, num espaço de afinidades comuns, em que não há separação entre produtor e consumidor, a ação é conjunta, em que cada indivíduo defende seu ponto de vista, se sente representado, apresenta modos de ser e agir no mundo e constroem colaborativamente significados. Assim, a cibercultura instaura um novo *locus* às chamadas subpolíticas por meio da representatividade e do ativismo político em que temas são discu-

tidos nas redes sociais ultrapassando os movimentos sociais, e se multiplicam nas telas do computador mediados por instrumentos multimodais como textos, imagens, vídeos, sons, ultrapassando os limites da política oficial tradicional.

Em se tratando de representatividade negra, é reduzido o espaço dado aos negros na TV, na mídia e no mercado publicitário, os negros são procurados para fazer comerciais pontuais, a ausência dessa representação se deve a rejeição de uma sociedade com padrões eurocêntricos enraizados, em que a TV reforça estereótipos brancos comprovando a sensação do não pertencimento da população negra que não é representada. A não representatividade negra na mídia ainda é justificada pela falta de profissionais capacitados, o que diferentemente é visto no teatro, que conta com uma grande representatividade de negros atuando ativamente.

Ao analisar alguns espaços de afinidade que retratam a representatividade negra em suas páginas de entretenimento e conversação percebe-se que muitas pessoas negras se reconhecem, se encontram, se identificam, estão sendo lidas, ouvidas e vistas, reforçando lutas de existência e resistência, pessoas negras seguem pessoas negras, ampliando a discussão para a sociedade como um todo, tendo como objetivo atacar o cerne do racismo estrutural, como num movimento intitulado de “*black twitter*”.

No blog *Negra Rosa*, os mais variados assuntos são debatidos, criado em 2010 pela blogueira Rosângela J. Silva com o objetivo de compartilhar com mulheres negras itens e dicas de beleza específica para tom de pele e cabelos, possibilitando o crescimento da autoestima de mulheres negras. Neste blog é comercializado produtos de cabelo e maquiagem para os diversos tons de pele negra e cabelos crespos, inclusive com criação exclusiva da marca *Negra Rosa*, ampliando as possibilidades de empreendedorismo. O *blog* esclarece sobre o uso desses cosméticos, dá dicas de penteados, cores de esmaltes, *looks*, tranças africanas, cabelo sintético,

turbantes. Além disso, propõe uma discussão sobre cultura negra, negritude, empoderamento da mulher negra, disponíveis em outras plataformas digitais como o *Facebook* e *Instagram*. A comunidade negra ao se identificar e se reconhecer no conteúdo que é vinculado e abordado assume fidelidade com as discussões e os produtos que são comercializados na página.

O *Blogueiras Negras* é um site colaborativo cujo principal interesse é ser uma plataforma de publicação para autoras negras, coordenado por mulheres em que atualmente estão à frente Charô Nunes e Larissa Santiago ambas feministas negras, interseccional, militantes, e trabalham com comunicação em espaços virtuais principalmente com o *Blogueiras Negras*. O grupo de escritoras e criadoras do *blog* é composta exclusivamente por mulheres negras em que o foco esta na criação de conteúdos direcionado ao empoderamento e a visibilidade de historias que não são contadas em outros espaços. As blogueiras negras de definem como um espaço onde mulheres negras são acolhidas por outras mulheres negras para difundir sua historia ao mundo visando a emancipação através também de parcerias com empresas que não veiculam propagandas machistas, racistas, sexistas ou LGBTfóbicas. Nesse espaço é possível participar de grupo de discussão, contar com uma equipe dinâmica de autoras e facilitadoras privilegiando o feminismo negro e assuntos que dizem respeito a negritude e seu desdobramento. A agenda é aberta para discussão e publicação, bastando enviar o tema escolhido e e-mail e o texto acompanhado de uma breve descrição pessoal. Vários temas são discutidos no *blog* como cotidiano, identidade, preconceito, infância, juventude, religião, educação, violência, política, resistência, feminismo, saúde, beleza, corpo, sexualidade, relações interpessoais, moda, esporte, urbanidade, trabalho e cultura.

Assim, nas redes sociais essa invisibilidade negra está sendo substituída fortemente pela representatividade, nela

não cabe o padrão dominante da distribuição de informação, há uma maior representatividade estética, artística, corporal e cultural, bem como uma variedade de sites e espaços de afinidades que discutem e transformam as redes sociais em arenas de conflitos nas quais se divergem opiniões, ideologias extremas, crenças diversas e valorização e encontros de pontos de vista em comum.

## Considerações finais

O conceito de cultura sofre modificações e significações históricas em decorrência das transformações sociais, políticas, econômicas e culturais na sociedade mundial. Os estudos culturais ao nascer dos conflitos de classe gerados principalmente pela consolidação do capitalismo industrial, seus críticos que defendiam cultura como um bem comum da sociedade avançam nos estudos a partir das intervenções feministas e do movimento negro para a luta e defesa das identidades e diferenças culturais de gênero, raça, sexualidade e a compreensão do discurso e das relações e estruturas de poder.

Na cultura contemporânea, marcada principalmente pelas tecnologias digitais, a representatividade negra é difundida na cibercultura e contribui para romper com as imagens negativas criadas por diferentes meios de comunicação contra os negros. As plataformas digitais de representatividade negra e os conteúdos informacionais vinculados através de textos, imagens, vídeos e produtos são também letramentos digitais que ampliam o acesso a informações sobre a cultura afro-brasileira desmitificando equívocos e favorecendo as relações étnico-raciais, bem como o ativismo político, o fortalecimento e o empoderamento da população negra através do levantamento das suas pautas e do uso da tecnologia a seu favor.

## Referências

ROSANGELA. *Blog negra rosa*. Disponível em: [www.negrarosa.com.br](http://www.negrarosa.com.br). Acesso em 20/08/2018.

RAVELLI, Alexandra et al. *Blogueiras negras*. Informação para fazer a cabeça. Disponível em: <http://blogueirasnegras.org/>. Acesso em 20/08/2018.

BORDINI, Maria da Glória. Estudos culturais e estudos literários. *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v.41, p.11-22, 2006.

CASTELLS, Manuel. *A era da informação - economia, sociedade e cultura*. Vol. I. A sociedade em rede. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CEVASCO, Maria Eliza. *Para ler Raymond Williams*. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

\_\_\_\_\_. *As dez lições sobre os estudos culturais*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2008.

EAGLEATON, Terry. *Depois da teoria: um olhar sobre os Estudos Culturais e o pós-modernismo*. Tradução de Maria Lucia Oliveira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

\_\_\_\_\_. *As ilusões do pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

\_\_\_\_\_. *A idéia de cultura*. São Paulo, UNESP, 2005.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 8ª.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

LEVY, Pierre. *As Tecnologias da Inteligência*. O futuro do pensamento da Era da Informática. São Paulo: Ed.34, 1993.

\_\_\_\_\_. *O ciberespaço como um passo metaevolutivo*. Revista Famecos. Porto Alegre. n.13. dezembro, 2000, semestral. Disponível em <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/download/3081/2357>.

MIGNOLO, Walter. *Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política*. In: Cadernos de letras da UFF – dossiê: literatura, língua e identidade, n.34, p.287-324, 2008.

LOPES, Luiz Paulo da Moita. Os novos letramentos digitais como lugares de construção de ativismo político sobre sexualidade e gênero. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, 49(2), 393-417, 2010.

SIMÕES, Isabela de Araujo Garcia. *A Sociedade em Rede e a Cibercultura*: dialogando com o pensamento de Manuel Castells e de Pierre Lévy na era das novas tecnologias de comunicação. *Revista Eletrônica Temática*. Ano V, n. 05 – Maio 2009. Acesso em 14 jul. 2018.

WILLIAMS, Raymond. *A cultura é de todos* (Culture is ordinary) 1958. Trad. Maria Elisa Cevalco, disponível em: <https://artenocampo.files.wordpress.com/2014/10/a-cultura-c3a9-de-todos-r-williams.doc>. Acesso em 25/08/2018.

\_\_\_\_\_. *Cultura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.

\_\_\_\_\_. *Cultura e Sociedade*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978.

[Recebido: 17 nov. 2018 — Aceito: 06 jun. 2019]

## **HOMEM E SOCIEDADE - DO PÓS-CRÍTICA À CULTURA: ENTENDENDO A VIOLÊNCIA IMPRESSA CONTRA OS LGBTQI+**

Renato Silveira<sup>1</sup>

*Resumo:* O presente artigo propõe-se o estudo sob o viés do método crítico cultural, o homem e sua relação com a comunidade LGBTQI+ associados à violência nos periódicos impressos (Zero Hora - RS, A Tarde e Correio da Bahia – BA) focando o comportamento social para entender e até mesmo quebrar os paradigmas culturais. Como fundamento de uma teoria discursiva de leitura sobre a violência no mundo dos periódicos, nos pautamos nas investigações do campo das ciências sociais e como estratégica se utilizou autores que respaldam a crítica cultural: Deleuze & Guatarri (1995), Eagleton (2005), Agamben (2005), Derrida (2001), Foucault (1988), Felix (2005), Preciado (2014), Butler (2003), indicando a praxiologia do referido tema. As leituras em conjunto com as produções bibliográficas positivaram a cultura das margens viabilizando a difusão da linguagem escrita facilitando a compreensão das identidades de gênero e sexualidade.

*Palavras-chave:* LGBTQI+. Periódicos. Rede cultural.

### **MEN AND SOCIETY - FROM POST-CRITICAL TO CULTURE: UNDERSTANDING VIOLENCE IM- PRESSED AGAINST LGBTQI +**

*Abstract:* The present article proposes the study under the bias of the critical cultural method, the man and his relation with the community LGBTQI + asso-

---

1 Renato Silveira - Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural da Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB). Endereço eletrônico: rsg Higgi@gmail.com

ciated to violence in the printed periodicals (Zero Hora - RS, A Tarde e Correio da Bahia - BA) focusing on social behavior to understand and even break cultural paradigms. As a basis for a discursive theory of reading on violence in the world of periodicals, we have been guided by investigations in the field of social sciences, and as strategic authors have been used to support cultural criticism: Deleuze & Guatarri (1995), Eagleton (2005), Agamben (2005), Derrida (2001), Foucault (1988), Felix (2005), Preciado (2014), Butler (2003), indicating the praxiology of this theme. The readings together with the bibliographical productions positivated the culture of the margins allowing the diffusion of the written language facilitating the understanding of the identities of gender and sexuality.

*Key words:* LGBTQI+. Periodicals Cultural Network.

## Situando a discussão

Para entender o paradigma das comunicações, foi sugerido como proposta de investigação laboratorial acadêmica uma espécie de limpeza mental, por isso, precisei “esvaziar a casa” (LISPECTOR, 1977) e recomeçar como uma página em branco refletindo os novos caminhos que a epistemologia indicaria. Diante de tais desafios, surgiu uma realidade com propostas inovadoras para mim e, através dos estudos em sala de aula e das pesquisas até o momento, apresento este trabalho como ferramenta afim de reforçar meus estudos associados aos elementos linguísticos culturais dentro do campo da crítica cultural como uma nova realidade.

O sujeito dentro das teorias culturais é ditado por elementos como os signos e os sentidos, não há como desassociá-lo disso, por isso no meu objeto de estudo estruturalista e pós-estruturalista analisarei a configuração do homem como um paradigma contemporâneo e a relação como os LGBT-

QI+. Neste universo de conhecimentos, dois autores se destacaram em meus estudos, Butler e Agamben. Butler (2005) diz que o desempenho é visto como aquele que traz a significância do discurso com a questão da diferença; a herança cultural dos LGBTQI+ e as formas como a representatividade de seus corpos se fazem presentes, fortalecem sua presença ao tempo que lutam como forma de resistência para se defender e pleitear mais direitos sociais, justificando assim, a performance de seus corpos.

Segundo Agamben (2005, p. 26): “a experiência é incompatível com a certeza, e se se tornar calculável certamente perderá sua autoridade”, assim o desejo funciona como um desmonte das ideias transcendentais que passam a ser condição de linguagem, neste caso ao questionar a língua, ele abre possibilidades de comunicabilidade, essa mesma forma de comunicar é investigada nesse trabalho pela maneira como os jornais se utilizam dessa linguagem ao noticiar as violências contra os LGBTQI+ de forma ofensiva.

Drummond (2013) por sua vez afirma que há várias maneiras de ver esse cenário, de um lado há os LGBTQI+ que numa perspectiva maior olham de cima para todos, almejando a coletividade, e na ótica dos periódicos impressos esse olhar se volta para dentro, revestindo e viabilizando a disparidade. As diferenças dos corpos construídas de uma forma ordinária, dão uma expressão onde o sujeito sem o objeto proporciona a interpretação de um corpo que não deseja ser cópia, imagem ou similaridade determinado pelo sistema, mas ser o que é e não imposições da sociedade. A cultura servirá como experiência para que os LGBTQI+ sejam ouvidos. Benjamim (2000) na sua *A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica* (e) trazendo para o tema presente, diz que, nesse sentido a arte dos movimentos LGBTQI+ agora, abrange as outras classes sociais fazendo desaparecer a forma como acontecia do ritual, essa nova forma de arte através da manifestação. Ainda sobre o tema, o processo

contemporâneo de adaptação, há uma noção errônea da cultura, ela atua desestabilizando, mas o faz como elemento essencial sem desconsiderá-la. A cultura é um poderoso elemento para a experiência do homem, ela se manifesta pela linguagem e, ao pensar, o homem se constitui enquanto sujeito. Eagleton (2000) diz que a cultura deriva dos conceitos relativos a natureza e suas formas de “cultivar” referindo-se a maneira de progredir do conhecimento, para isso, sugere a desconstrução do sujeito e da natureza, despindo-nos do conhecimento ocidental, articulando o conflito entre produzir e o que deve ser feito como um trunfo de conhecimento, de um novo modo de viver. O homem moderno teria perdido essa experiência, para isso voltaria à infância, nessa fase, todo aprendizado, conhecimento e experiência começariam a preencher esse “eu oco”.

Compreender o sujeito sob o aspecto cultural não foi uma tarefa fácil, falar de seu meio associado a seu modo de vida é mais difícil ainda e ao fazê-lo na produção do discurso e práticas, percebi um desarticulamento e quebra das ideias, para isso tive que reorganizá-las, foi uma tarefa incomum, afinal, desarticulando é que as ideias começaram a fazer sentido; o tempo despendido na confecção deste trabalho foi gratificante e elucidativo, pois, para entender como funciona o pensamento do Pós-Crítica<sup>2</sup> e principalmente no que diz respeito à crítica cultural, tive que redescobrir a forma de pensar, para tal, desprender o sujeito de padrões e convenções, ele passa a ser visto como ele é e através dele mesmo, na sua busca, contínua como objeto de desejo, de estudo e

---

2 O Programa de Pós-graduação em Crítica Cultural, localizado no Campus II da UNEB - Alagoinhas, pertence à e área de Linguística, Letras e Artes e em nível de mestrado, busca formar pessoal qualificado para as atividades de ensino e pesquisa no campo da cultura, atentando para as contribuições linguístico-literárias, para as ciências humanas, nos últimos cem anos, e ao mesmo tempo para as novas exigências do campo cultural para os estudos de crítica, teoria e historiografia literárias.

de se fazer presente. Tal entendimento só foi possível quando da reinterpretção desses estudos.

Todo novo causa aflição e por mais conflituosos ideologicamente e didaticamente, tais entraves serviram para encorajar e fortalecer os desígnios de fazer a diferença não só em sala de aula, mas ao dar visibilidade às vítimas da violência pelos periódicos, entender esse indivíduo na coletividade política deixando de ser abjeto para ser sujeito, mudando a ideia de objeto para alguém.

### **O objeto de estudo e o contexto social**

Tomando como base Butler (2003) e respaldado pelo discurso de Agamben (2005), procurei entender as relações entre os LGBTQI+, os periódicos e a violência publicado de maneira irresponsável e os efeitos do binarismo no gênero. Desde o início desta jornada acadêmica, sempre vislumbrei a maneira como ocorre à violência contra os “abjetos” e nas pesquisas, entender o porquê de tanta cólera, por isso investiguei a teoria queer, entendendo a forma como as vítimas resistem, fui além da zona de conforto, utilizei autores pós-estruturalistas, não deixando que a denominação homem/mulher (cis) interferissem nesse estudo.

O binarismo nas últimas décadas começou a sofrer ataques por causa de seus conceitos nos quais dita quem é homem e quem é mulher. De modo que somente aos que não se enquadram nessa “forma” atuariam de maneira performativa, ou seja, um produto da sociedade dita o comportamento através de convenções e conceitos, criando um novo modo cultural de agir. Para quebrar esse paradigma, o homem/mulher cis deve pensar além de categorias onde o revolucionário se firme como apreciação. Quando Butler (2003) fala da questão performativa, ela acena o processo de construção linguístico abordando o sistema como uma declaração do discurso limitado por essa forma. Ao proble-

matizar o gênero como construção social em relação à masculinidade ou feminilidade da cultura social, não se pode negar o domínio da heterossexualidade compulsória e como tal normatizar as relações sociais e individuais entre as pessoas. Comparando o vínculo da pessoa com o que gostaria de ser, o macho seria uma cópia, isso é ser performático. A teoria queer rompe com esse binarismo, na forma de metáfora “curir” do sistema normatizador que se diz “dar” sentido das coisas, o fato de não parecer gay, implica no universo binarista. Tornar-se um sujeito no campo da performatividade é construir o gênero no mundo cultural homossexual, no estado devir deste sujeito, ele flui, não precisa estar estático.

A estrutura de linguagem não se altera, o fato de assumir-se gay é uma performance, nesse sentido a linguagem que normatiza diz o que deve ou não ser; a violência de gênero mostra a discriminação, e pessoas morrem por que outras pessoas têm ira dos “diferentes”, ao matar física e simbolicamente essas pessoas, intentam para o desaparecimento delas sociedade. Nesse embate, os LGBTQI+ se utilizam dessas mesmas armas utilizadas contra eles e ressignificam seu signo agora a favor deles. Nesta direção a arte se coloca como arma política que viraliza o contexto social, sob formas de acontecimentos que ocorrem quando os LGBTQI+ tem sua imagem distorcida pelos jornais sensacionalistas bancados pelo capitalismo com uma “imparcialidade velada”, assim os movimentos sociais atuam como resistência desfazendo esse sujeito denegrado, colocando-o como um ser ordinário, confirmando o discurso de que ele/ela devem ser de acordo com suas orientações, preferencias, por exemplo, é inadmissível não dar trabalho a uma “trans” pelo fato de nunca ter conhecido uma. A nossa vida é de fluências, nesse sentido o devir das pessoas reivindica seu lugar, os que permanecem sob a penumbra social não aceitam mais ficar em guetos ou em subterfúgios.

As pessoas que transgridem seus limites público/privado fazem parte dessa cena, por isso o incômodo da figura do agressor não enxergar a congregação das pessoas num espaço tido como “normais” em relação aos “diferentes”, para tal, desconstrói-se o sujeito em relação ao seu corpo; o queer no Brasil problematiza esses discursos com cópias de um sujeito. Quando Butler (2003) e Preciado (2014) discutem a performatividade, eles entram nesse campo, o sentido não é mais como ele se apresentava.

A subjetividade agora não ocorre mais em torno de si, assim, o sujeito dentro da experiência estética é ressignificado. A língua é o que caracteriza o homem na sociedade e culturalmente como ele se comunica, se por ventura ele se perder com o excesso de simulacro, ele se firmará como sujeito impossibilitando-o de fazer a história e, neste caso, o simulacro se realizará acima das grandes narrativas que levam apenas a reprodução.

De acordo com Felix e Salvadori no artigo intitulado *A mortificação do corpo em é isto um homem? De Primo Levi*, indica-se que o corpo ao se converter em algo parecido com os outros corpos narrados, as vozes desses corpos falam como se fossem uma escrita onde o pecado, a reflexão, as transformações fortalecem as experiências de vida dessas pessoas, tal como o nazismo, o fascismo atual da mídia controladora:

não se recusa a pensar o processo de degradação humana erigido pelo projeto nazista de extermínio de seres entendidos como inu- ou sub-humanos, em suas Ilha do Desterro” [...] isto é, pensar as demais e nem sempre explicitadas razões de como essa degradação consubstanciou-se, sobretudo, na instância corpórea. [...]. (FELIX; SALVADORI, 2015, p. 45)

Dialogando com as pesquisas sobre violência nos jornais referente ao publicado sobre os LGBTQI+, percebi que não era mais uma reprodução e sim uma terrível inovação na propaganda comunicativa, o contrário do que as novidades da linguagem e a forma como essa comunicação oferecem, neste caso, infelizmente as publicações são doentias, pois, aludem a violência e a forma como ocorre vai de encontro a dignidade dessas pessoas. São assertivas que poderiam ser usados quando nos referirmos ao entendimento do porque noticiar os fatos não respeitando essas pessoas. O discurso funde-se com a subjetividade ao estado-devir no processo de enunciação pelo canal de comunicação contemporâneo; por essa subjetividade há possibilidade de se trabalhar a literatura com os periódicos ensejando resultados. Para Eagleton (2005, p. 33): “a literatura, no sentido que herdamos a palavra, é uma ideologia. Ela guarda as relações mais estreitas com questões mais estreitas de poder social.”, assim, de acordo com o autor, a ideologia associada a ideologia marxista determinará o pensamento exigindo da palavra à coletividade perpetuada nos movimentos das ruas, nas redes sociais, na web como formas de combater e romper os fascistas das grandes mídias, através da força não só dos LGBTQI+, mas também dos índios, os negros, as mulheres que se identificam com o verdadeiro e articulado pensamento revolucionário, indo de encontro com os moldes sociais impostos e pelo esclarecimento justamente desses debates e embates teóricos, as pessoas reafirmem com dignidade o ser e não o estar.

## A discussão em torno do objeto, jornais impressos.

Neste estudo, primei pela relação sujeito e cultura, por isso esta jornada literária baseia-se nas ideias rizomáticas<sup>3</sup> como arborescência dos apontamentos de diferentes campos do discurso, para tal, utilizei o método avaliativo, partindo do princípio de que é preciso dar um passo a frente e entender o real significado de gênero no sentido significado e significante, permitindo ao significante produzir outros sentidos. A maneira como a crítica acontece não fica somente no plano das ideias, do pensamento, procura resistir, exaurir e, impor ideologicamente a sociedade esses conjuntos transformadores do pensamento.

Deleuze (1995)<sup>4</sup> assinala que a forma como a comunicação acontece anuncia o diferencial, isto pode ser observado na proposta dos periódicos e seu conteúdo, ou seja, há uma reconfiguração a ser contextualizada pela plataforma rompendo com os paradigmas comunicacionais, agregando outras formas de pensar a cultura e, como um rizoma, explora e amplia o mapa a nova investida da crítica cultural associada a crítica literária, amplia os ângulos que se voltam para esta parte da pesquisa. Assim afirmo que o significado do gênero está associado a condição do texto e suas definições.

Derrida (2001) postula acerca da possibilidade desse discurso referente ao pensamento estrutural no sentido do significado/significante e quando ocorre a separação entre esses lugares, o sujeito (significante) se encontra na possibilidade da fala, ela não é de um *locus*, não é uma essência única do pensamento e sim uma possibilidade de desconstrução. São processos desconstrutivos imprescindíveis para a elabo-

---

3 Deleuze: Gilles Deleuze (1925 – 1995), é considerado um dos maiores filósofos do século passado. Vindo de uma família de classe média, passou a maior parte de sua vida em Paris; estudo filosofia na Universidade de Sorbonne, foi professor em liceus, Lyon, Paris VIII e Vincennes.

ração do método e para a feitura deste estudo. Quando o autor diz que o texto deve ser visto em outra dimensão (ele é pragmático) cultural, cognoscitiva e discursiva, ele capta enunciações e modos de vida que podem revelar processos analíticos em torno das subjetividades.

Quando a dialética é questionada por ele, sob o viés da subjetividade dos pesquisadores, ele desconstrói o discurso, muda as oposições ao descrever os fundamentos de modo linear que transcendam a hierarquia do saber. Segundo Derida (2001, p. 72),

o significado transcendental não é tão somente o recurso do idealismo no sentido estrito. Ele pode sempre acabar por reafirmar um materialismo metafísico. Ele se torna, pois, um referente último, de acordo com a lógica clássica implicada por esse valor referente, ou uma "realidade objetiva", absolutamente "anterior" a todo trabalho da marca, um conteúdo semântico ou uma forma de presença que garanta, a partir do exterior, o movimento do texto geral.

Para o autor, a transcendentalidade é um conceito metafísico que depende do trabalho e é vista como possível resposta na forma de entender como a linguagem simples e compreensível a todos normatiza o diálogo e aproxima a realidade vivida pelo público alvo, ou seja, uma vez que nos permite estabelecer a relação entre o sujeito e a sociedade, cogitando os efeitos das afinidades estabelecidas na construção dessas identidades. Para isso o foco principal do problema em questão que neste caso é a violência dos jornais e como combatê-los, integra e resiste como possível resposta às demandas do público LGBTQI+.

Ainda de acordo com Derrida (2001), quando se fundamenta a compreensão das materialidades, processa-se a língua falada ou escrita, compreendemos outros elementos como a forma de pensar e sua gestualidade, ou seja, constituem os sentidos e influenciam o meio social. Neste caso, quando se desconstrói essa linguagem, a vítima passa a ter controle da situação passando de passivo para ativo no sentido de combater uma física dualista, desconstruindo o objeto, deixando registros que norteará novos significados. O método de observação vai além da imposição social que sufoca os costumes e tradições, ela destrói polos opostos, recriando, para isso é preciso desfazer o que está feito.

As dissidências publicadas pelos periódicos produzirão formas de resistências culturais, os resultados desses embates serão salutares para a sociedade, por isso evoca-se estudos linguísticos da semiologia e ciência para qualquer espécie de signos, caso não sejam suficientes para entender os aspectos discursivos que se apresentam na comunicação. Os jornais deveriam trabalhar em sintonia com os signos linguísticos e não linguísticos com dinâmica própria, interagindo as exigências com conceitos mais abertos para entender um corpo artístico que fala de uma performance cultural.

Na jornada do pensamento crítico, a arborescência de Deleuze e Guattari (1995) ressignificam o sentido proporcionando alternativas do pensamento não mais como uma via única, mas sim com várias possibilidades de fuga ao pensamento tradicional e unidimensional, enriquecendo o conhecimento sem desfazer-se dessas vias, nem as ignorando. A concepção deste elemento pensado pelos autores é a representatividade de algo que pode haver, mas de todo modo, ao fazer, não há como confeccionar sem desejar, é algo que existe sem ter começado, é a multiplicidade de sentidos. O rizoma permite a clareza do pensamento de forma simples, ele coloca através da diversidade a definição de clareza, desmistificando o não entendimento.

Visto dessa forma, os objetos não têm início nem fim, por isso o método em Crítica cultural permite vislumbrar possibilidades através de suas conexões, significações, representações, afinal tudo esta inacabado e com o tempo se finaliza, a relevância da variedade, pluralidade e multiplicidade de sentidos se fazem presentes com novas formas de reinvenção que funcionam como respostas e servem para proteção, são formas de resistências através da cena investigativa e serial de práticas.

Segundo Ginzburg (1989, p. 151), “o homem durante milênios foi um caçador, ele aprendeu a reconstruir as formas e movimentos das presas invisíveis”, ele refere-se a experiência adquirida, evidenciando a cena do crime, isso só é possível graças as análises e as marcas metodológicas utilizados caracterizado por traços, signos que identificam, transformando a interpretação da realidade numa cena investigativa, trabalha-se as lacunas. Existe a possibilidade e probabilidade de complementar ou preencher o vazio com o conhecimento, mesmo limitado graças a herança cultural.

Em *Sinais de um paradigma indiciário*, o autor trabalha a semiótica frente às investigações que remontam ao homem primata, tais conhecimentos só enriqueceram a forma dele atuar diante dos problemas, e tais técnicas embora arcaicas, serviram para que ele se resguardasse e ao fazer isso, evoluiu o processo indiciário através de registros; séculos depois serviriam como método disciplinar auxiliar na evolução da medicina. Foram métodos criados a partir da periferia, dos marginalizados, dos esquecidos baseados nos indícios da linguagem de vivências, de fato investiga-se a singularidade desses objetos, mas agora tudo poderia ser medido e determinado. Quando Ginzburg (1990) compara o pesquisador ao detetive que investiga o responsável pelo ato ilícito, ou seja, a cena do crime, ele o faz baseado em evidencias que aparentemente não fariam sentido para a maioria das pessoas, mas

que carregam inúmeras informações investigativas e cheias de significados.

A investigação metodológica do objeto vai além do que o signo revela, o que seria relegado sem importância nesse ínterim faz a diferença sobre informações desprezíveis, ou aparentemente sem importância, o fato é o de que esses elementos são essências para as ciências humanas. A crítica cultural permite que se utilize o método indiciário nas análises, pois valoriza aquilo tudo considerado menor e ou ignorado, buscando entender sentidos nas pequenas coisas. Para Ginzburg (1990, p. 177): “o paradigma indiciário mostra-se ineliminável. Trata-se de formas de saber tendencialmente mudas – no sentido que, [...], suas regras não se prestam a ser formalizadas por ninguém.” De acordo com o autor, o método indiciário caracteriza-se pela maneira indireta que induz ao método, assim, reconhece a circunstância e projetando o apagamento do que se considera circunstâncias particulares de algo relativo à influência sensorial do pesquisador. Seu procedimento é peculiar por se apresentar e por ter uma identidade própria que fortalece possíveis resultados e significâncias. É imprescindível para o método ter elementos que fortaleçam os saberes em todos os sentidos, e que nesta investigação descubra os objetos ligados pela simetria do pensamento pungente emocional de quem observa. São pistas deixadas para o entendimento dessa contextualização complexa e desigual.

Quando trazemos a crítica cultural para o desempenho dos corpos, Preciado (2014) diz que o corpo sustenta o corpo como objeto, ele constrói esse corpo como via para fluir, no sentido performático e nesse contexto só há uma saída que permite decorrer o trânsito. Nesse sentido, o gênero não é performativo, há o foco da imagem onde ele é fabricado acima da linguística na produção de corpos sexuais. A todo o momento se destitui o lugar apenas como um espaço para viver, por isso o modo não fica sempre no mesmo cam-

po no processo de construção dele sobre a linguagem de um determinado sentido, nesse retrato do discurso há uma reprodução de um estado que não parece.

Nesse sentido, Preciado ratifica que:

há questionamentos sobre os espaços errôneos "a contrassexualidade que tem como tarefa identificar os espaços errôneos e as falhas da estrutura social-discursiva, considerando a importância dos lugares ocupados pelos corpos dos "intersexuais, hermafroditas, loucas, caminhoneiras, bichas, sapas, bibas, fanchas, butchs, históricas, saídas ou frígidas, hermafrodykes, reforçando o poder dos desvios e derivações em relação ao sistema heterocentrado". (2014, p. 27)

De acordo com o autor, tanto o sexo quanto o gênero e sexualidade seriam resultados de dispositivos inscritos em um sistema tecnológico e sociopolítico complexo: "homem", "mulher", "homossexual", "heterossexual", "transexual" não passam de máquinas, produtos, instrumentos, redes, conexões, fluxos de energia e de informação, usos e desvios que incidem sobre o corpo. Nesse caso, os avanços tecnológicos e sociais foram imprescindíveis para entender os esboços deste trabalho, tanto pelo modo de agir quanto a compreensão das diferenças biológicas sexuais, tidas como construções sociais oriundas dos moldes impostos através da heterossexualidade bem como o binarismo de uma cultura homofóbica, racista e preconceituosa defensora de um discurso e práticas sociais baseados no patriarcalismo que comanda a grande mídia impressa sob a mão de ferro de famílias tradicionais.

O método cultural, na sua posição vanguardista, fortalecer e auxilia os modos da descoberta da sexualidade e o

sentido que isso significa para cara membro LGBTQI+ no sentido de que surjam com elementos formadores para a defesa e demanda de direitos, isso ressignifica suas posições. É importante ressaltar que as críticas ao estruturalismo acontecem como uma forma de cercear, inibir os direitos de expressar-se, limitando os LGBTQI+ de todas as formas possíveis, portanto, este estudo ressalta a importância do modo da linguagem (verbal e impressa) se faz presente para novas perspectivas baseados no signo.

### **Considerações finais**

Sempre que os modos de vida sofrerem imposições de cerceamento no que tange a sua liberdade de expressão, os estudos culturais visam maior participação no sentido de tornar clara essa linguagem, e no caso dos LGBTQI+ garantir sua segurança pela experiência cultural adquirida, com isso, impor na sociedade seus reveses ao tempo que corrigem erros praticados pela sociedade que ofende os que pensam diferentes deles. A proposta deste trabalho relacionado a maneira como os jornais publicam as violências contra os LGBTQI+ se fez presente no sentido de dar aos envolvidos novas formas de interagir com os meios para que eles reconhecessem esses indivíduos não só por eles pensarem diferentes dos modelos sociais, mas para inseri-los na sociedade, protegendo-os, noticiando os fatos de acordo com sua realidade, trabalhando como uma imprensa correta, voltada para o bem e a publicação da verdade ao seu público que não pode ser mais ignorado. As pessoas que aparecem nesses jornais sensacionalistas são acima de tudo dignas de sentimentos, são corpos com signos e experiências de vida. O sujeito não perde a capacidade de transformar aquilo que lhe é usual, pelo contrário, o sofrimento transforma-se em linguagem, tal fato pode ser vivenciado na obra: "A microfísica do poder" (FOUCAULT, 1979) pode ser utilizada nesse contexto, analogamente, quando o autor fala discute o sujeito com o auxílio

de profissionais, no caso da discriminação da imprensa imparcial, esta deveria honrar os ditames que a profissão exige, ser, ou seja, uma imprensa séria que retrata a verdade, não fatos distorcidos, a verdadeira mídia retrata os fatos verdadeiros e de forma clara, visto que, nesse espaço, o oprimido terá voz contra os preconceitos, onde sua dor será usada como armas para fortalecer a si e ao coletivo.

É notório o papel da linguagem e sua importância, porém é preciso ter cautela para não transformar o discurso em uma armadilha de gênero; como aluno do mestrado em Pós-Crítica e na posição de pesquisador imagino que este estudo servirá de referência para edificar novos caminhos às pessoas que não respeitam seus próximos como irmãos e principalmente por colidirem com suas orientações sexuais, seu modo de agir, sua maneira de se fazer presente não valorizando o espírito do indivíduo socialmente.

Após analisar os discursos comparando-os com os estudos já produzidos e por abordagens identitárias, de gênero e sexualidades associados as novas plataformas digitais até o momento, concluo que este trabalho, apresenta avanços sociais aos LGBTQI+; o pensamento de Foucault (1998) indica o caminho de que ser diferente da maioria, não é algo ofensivo, algo que agrida o que pensa diferente e sim abrir possibilidades frente à sociedade sem ser agressivo, e sim esclarecer um modo de ver a vida com alegria de acordo com sua obra de vida, assim, as transformações sociais reportadas pela mídia séria que se importa com a verdade são demandas que envolvem os considerados abjetos, nesse caso, é preciso que parta dela, a imprensa novas formas inovar na forma, ou pelos menos, ser mais imparcial, como é a relação da imprensa e a história das comunicações. A verdade dos fatos transforma e diminui distancia graças aos dispositivos impressos e on-line quando usados de forma verdadeira.

A cultura transforma a maneira das pessoas interagirem, indicam comportamentos na sociedade, para isso, impres-

cindível a defesa de seus direitos e visibilidade, somando aos interesses sociais. A cultura das identidades LGBTQI+, vai além de sua complexidade múltipla do lugar, o modo, a maneira dessas pessoas coexistir, são alimentados por características pessoais, sexuais, com um pensamento abrangente a todos marcados pelo pensamento ocidental racista e preconceituoso. A grandiosidade do trabalho é positivar essas identidades a partir de estruturas sociais associadas as praticas culturais. A expectativa é que a cultura transforme o homem e a sociedade mais construtiva e menos centralizadora, tocando frentes que compreendam as identidades de gênero e de sexualidades no fórum local e global.

## Referências

AGAMBEN, Giorgio. *Infância e história: destruição da experiência e origem da história*. Belo Horizonte: Editora UFMG; 2005. 188p.

BENTO, Berenice. *Transviadas: gênero, sexualidade e direitos humanos*. Salvador: EDUFBA, 2017.

BENJAMIN, Walter. Obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica. In: N et al. *Teoria da Cultura de massa*. Trad. Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

DELEUZE, Gilles. *Corpo, Arte e Clínica!* Rio Grande do Sul, jun. 2012. Disponível em: <[https://www.ufrgs.br/corpoarteclinica/?page\\_id=62](https://www.ufrgs.br/corpoarteclinica/?page_id=62)>. Acesso em 25 abr. 2019

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Introdução: Rizoma. In: *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Trad. Ana Lúcia Oliveira. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995, pp. 7 – 37.

DELEUZE, Gilles. Em que se pode reconhecer o estruturalismo? In: *O Século XX*. Zahar Editores: Rio de Janeiro - RJ. (s/d). DERRIDA,

Jacques. *Posições* / Jacques Derrida; tradução de Tomaz Tadeu da Silva. – Belo Horizonte: Autêntica, 2001. Pp; 23 – 99

DERRIDA, Jacques. Semiologia e gramatologia – Entrevista a Julia Kristeva. In: *Posições*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

DRUMMOND, Washington. *Sacrifício das formas*: da estética ao sujeito. Revista *Ideação*, n. 31, Jan./Jun. 2015.

EAGLETON, Terry. *A ideia de cultura*. São Paulo: Ed. Unesp, 2005.

FELIX, José Carlos; SALVADORI, Juliana Cristina. *A mortificação do corpo em é isto um homem?* De Primo Levi. *Ilha do Desterro: A Journal of English Language, Literatures in English and Cultural Studies*, vol. 68, núm. 3, septiembre-diciembre, 2015, pp. 43-53

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. São Paulo: Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

GINZBURG, Carlo. *Sinais*: raízes de um paradigma indiciário. In: *Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e História*. 1ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 143-179

LISPECTOR, Clarice. *A paixão segundo G.H.* 5.ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1977.

PRECIADO, Beatriz. *Manifesto Contrassexual*. Políticas subversivas de identidade sexual. São Paulo: n-1 edições, 2014.

[Recebido: 20 dez. 2018 — Aceito: 06 mar. 2019]

## PONTOS DE CULTURA DO LITORAL NORTE E AGRESTE BAIANO: PRODUÇÃO E CONEXÕES ESTÉTICO-POLÍTICAS

Tárcio Leonardo Santos Mota<sup>1</sup>

Resumo: Em sua contribuição para o debate, essa pesquisa propõe investigar a cadeia produtiva e as conexões estético-políticas no âmbito dos Pontos de Cultura implantados pelo Programa Cultura Viva (2014) em comunidades de Alagoinhas, Esplanada, Pedrão e Aramari, localizadas no território de identidade Litoral Norte e Agreste Baiano. Como estratégias metodológicas, faremos um mapeamento dos impactos socioculturais das ações do Programa nessas comunidades de atuação, além de avaliação das ações que permeiam os Pontos de Cultura. A pesquisa utiliza um método empírico, mediado por entrevistas e teórico, pautado em pesquisa bibliográfica que versa sobre política cultural brasileira, versões de cultura, desenvolvimento e territórios de identidade. Os resultados parciais evidenciam a difusão dos territórios de identidade sob a perspectiva de popularização da ciência no imbricamento com os Pontos de Cultura, sendo ferramentas de participação e controle social das políticas públicas de Cultura.

*Palavras-chave:* Programa Cultura Viva. Pontos de Cultura. Popularização da ciência. Política Cultural. Territórios de identidade.

---

1 Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB), linha de pesquisa Literatura, Produção Cultural e Modos de Vida. Orientador: Prof. Dr. Osmar Moreira dos Santos. Endereço eletrônico: [tarciomota@hotmail.com](mailto:tarciomota@hotmail.com).

## **CULTURE POINTS FROM NORTH COAST AND AGRESTE BAIANO: PRODUCTION AND AESTHETICAL POLICY CONNECTIONS**

*Abstract:* In its contribution to the debate, this research proposes to investigate the productive chain and the aesthetic-political connections within the Culture Points, implemented by the Culture Live Program (2014) in communities of Alagoinhas, Esplanada, Pedrão and Aramari, located in the territory of identity North Coast and Agreste Baiano. As methodological strategies, we will map the sociocultural impacts of the Program's actions in these communities, as well as assess the actions that permeate the Culture Points. The research uses an empirical method, mediated by interviews, and theoretical, based on bibliographical research that deals with Brazilian cultural policy, culture versions, development and identity territories. The partial results show the diffusion of the territories of identity under the perspective of popularization of science in the overlap with the Culture Points, being tools of participation and social control of the public policies of Culture.

*Keywords:* Culture Program. Culture Points. Popularization of science. Cultural policy. Identity territories.

### **Introdução**

O papel do Estado no gerenciamento instrutivo e normativo da sociedade visando o bem-estar social e desenvolvimento econômico é um tema muito discutido e trabalhado por pesquisadores. A preocupação com a igualitária distribuição de renda e as diversas tentativas de tornar cada vez mais acessível os recursos destinados ao fomento e incentivo a produção cultural têm reacendido a chama para reflexão a

respeito de como haver uma correta implementação das políticas culturais, mas, para isso, é preciso primeiro entender o que seria Política Cultural e como ela se aplica nesse contexto de desenvolvimento, sustentabilidade e transformação do mercado cultural.

Coelho (2004, p. 292) afirma:

A política cultural é entendida habitualmente como programa de intervenções realizadas pelo Estado, instituições civis, entidades privadas ou grupos comunitários com o objetivo de satisfazer as necessidades culturais da população e promover o desenvolvimento de suas representações simbólicas.

A partir dessa citação observa-se uma divisão de responsabilidades que envolvem, além dos programas e ações desenvolvidas pelo Estado, as instituições e entidades privadas e grupos comunitários. A preocupação com o desenvolvimento das representações simbólicas da população deixa evidente que a utilização das ferramentas econômicas, nesse contexto, tange para uma finalidade social. Seguindo essa mesma linha de raciocínio, Coelho (2004, p. 292) destaca:

Sob este entendimento imediato, a política cultural apresenta-se assim como o conjunto de iniciativas, tomadas por esses agentes, visando promover a produção, a distribuição e o uso da cultura, a preservação e divulgação do patrimônio histórico e o ordenamento do aparelho burocrático por elas responsável.

A carência histórica de recursos e investimentos para a cultura faz com que ainda não se tenha no Brasil, principalmente para os agentes e empreendedores de cultura popular, um mercado completamente consolidado. E se essa ca-

rência é notada nos grandes centros e nos interiores, onde a situação é bem mais complexa, somente com essa problemática sendo colocada como prioridade é que o quadro pode começar a ter alterações positivas.

Em se tratando dos Pontos de Cultura, objeto de reflexão deste artigo, é importante destacar que uma das primeiras perguntas que surge quando se fala sobre o projeto é se essas ações não seriam de responsabilidade do Estado, mas, é no fato dessas ações não serem tuteladas pelo Estado que reside sua principal característica e poder de transformação, pois o Estado não decide o que deve ser feito. Seu papel é garantir um pequeno aporte financeiro para grupos, ou associações, que já desenvolviam ações sociais; e facilitar a construção de uma rede de relacionamento entre tais grupos. É justamente a não interferência do Estado nas escolhas de quais ações podem ou devem ser desenvolvidas nos Pontos de Cultura, que possibilita a legitimação das práticas locais e do empoderamento de atores sociais historicamente marginalizados.

Para melhor compreensão e discussão acerca das conexões estético-políticas dos Pontos de Cultura do Litoral Norte e Agreste Baiano é importante também destacar alguns dos fundamentos teóricos da política territorial, já que para esta pesquisa pretende-se um recorte nos municípios que compõem um dos territórios de identidade da Bahia. O Estado da Bahia é, indubitavelmente, um dos mais plurais da nossa federação. Sob os múltiplos aspectos que se analisa um território, a Bahia apresenta um mosaico de variedades sociais, culturais, econômicas e ambientais. Temos um Estado com o maior número de biomas e com um rico e variado processo de formação de seu povo, oriundo da miscigenação dos povos tradicionais do Brasil pré-colonial com os escravos das nações africanas e imigrantes advindos dos diversos países do mundo em momentos diferentes da nossa história (portugueses, espanhóis, italianos, japoneses, entre outros).

Na base física heterogênea sobre a qual atuaram estes grupos humanos variados, com habilidades individuais e coletivas distintas, cristalizaram ao longo do tempo diferentes formas e padrões de uso e ocupação. Estas diferenças são um grande ativo que o Estado da Bahia possui, ampliando as nossas oportunidades para o desenvolvimento do Estado. Todavia, o histórico de políticas públicas especialmente discriminatórias resultou na conformação de um Estado desigual, segundo dados da Secretaria da Cultura e Turismo da Bahia (2014, p. 01)

Com forte concentração econômica e social na Região Metropolitana de Salvador (responde por 50% do PIB e 25% da população) e algumas “ilhas de prosperidades” no Litoral Sul, Oeste Baiano e Norte do estado. Em resumo, convertemos a nossa diversidade, que é uma riqueza, em desigualdade, que expressa pobreza.

A promoção do desenvolvimento do Estado da Bahia perpassa pela redução de suas desigualdades regionais, portanto é preciso pensar em políticas públicas que respeitem e valorizem a diversidade do estado. A adoção dos Territórios de Identidade, segundo a SEPLAN, “foi um grande avanço para o planejamento público na Bahia” (BAHIA, 2010), pois, não apenas, revela e considera toda a diversidade (cultural, ambiental, econômica e social) existente no estado, como também estabelece um novo paradigma na formulação das políticas públicas: em vez de o Governo planejar para a sociedade, este passa a fazer isto em conjunto com a sociedade. E para tanto, precisa respeitar a organização espacial que a população se sente pertencer e naturalmente estabelece seus vínculos e inter-relações.

Desta forma, adotam-se instrumentos que articulam as políticas públicas do Governo Estadual com os territórios,

promovendo uma maior aderência às distintas necessidades territoriais e ampliando assim a efetividade das suas ações governamentais, além de promover o fortalecimento de uma democracia mais participativa. Ferramentas como o Colegiado de Desenvolvimento Territorial (CODETER), o Plano Plurianual Participativo (PPA) e o Conselho de Acompanhamento do Plano Plurianual Participativo (CAPPA), revelam o caráter compartilhado da política de desenvolvimento territorial na Bahia. No âmbito das políticas culturais, tais instrumentos devem ser levados em consideração, sobretudo os Pontos de Cultura, que têm sido implantados respeitando o recorte territorial do estado.

Voltando à temática central deste artigo, não se pode deixar de mencionar o histórico dos Pontos de Cultura em nosso país. Criado em 2004 e transformado em Política Nacional em 2014, o Programa Cultura Viva é considerado um marco divisório no que se refere à forma como as Políticas Culturais passaram a ser implementadas no Brasil. Tendo como base os Pontos de Cultura selecionados por meio de editais públicos, o Programa possibilitou maior transparência e seriedade às ações no campo cultural, fazendo surgir novas perspectivas para entidades culturais que buscavam reconhecimento e apoio para as atividades desenvolvidas em suas comunidades.

O programa que inicialmente contemplava ações como: Escola Viva, Cultura Digital, Agente Cultura Viva e Ação Griô, obtiveram nos Pontos de Cultura a maior expressão de sucesso e eficiência, atingindo mais de mil municípios em todas as regiões do Brasil. No território de identidade Litoral Norte e Agreste Baiano, objeto desta análise, as entidades beneficiadas são: Fundação do Caminho (Alagoinhas), Banda Marcial Cultural Estudantil de Aramari (Aramari), Associação de Desenvolvimento Comunitário do Assentamento Boa Vista II (Esplanada), Associação Beneficente Rural de Pedrão (Pedrão), Associação Beneficente Cultural *Ilê Asé Oyání* do Ilê

*Asé Oyáni* (Alagoinhas) e Associação Cultural Euterpe Alago-  
inhense (Alagoinhas).

## **Pontos de Cultura: Ferramentas de Participação e Controle Social**

A mudança no paradigma das políticas culturais brasileiras é um indicativo de uma discussão global e transnacional e o Programa Cultura Viva, responsável pela criação dos Pontos de Cultura, marca um novo momento de nossas políticas. O termo “Ponto de Cultura” foi esboçado no final da década de 1980, pelo antropólogo Antônio Augusto Arantes, na época Secretário de Cultura em Campinas-SP (Turino, 2009). A ideia inicial era de reconhecer e potencializar as produções culturais de grupos e comunidades. O projeto foi interrompido com a mudança de governo e, criou-se posteriormente um programa denominado “Casas de Cultura”, no qual o governo respondia às necessidades das comunidades. Entretanto, a proposta dos Pontos de Cultura era justamente inversa. Os Pontos não deveriam ser construídos pelo governo, o foco não era na ausência ou carência de benefícios, mas um protagonismo social a partir de um modelo de gestão compartilhada. Ao invés de conceber, o governo deveria reconhecer e potencializar as produções culturais dos grupos.

Com a gestão de Gilberto Gil no Ministério da Cultura - MinC (2003-2008), o projeto inicial dos Pontos de Cultura foi retomado. Atualmente, Ponto de Cultura pode ser sumariamente definido como um convênio imbricado de responsabilidades e direitos entre governo e sociedade civil. Os Pontos de Cultura são espaços de manifestações culturais dos grupos e localidades. “Há Pontos de Cultura de grupos e escolas de samba, de *rap*, de teatro, de música, de dança, de museus, de associações de moradores, de aldeias indígenas, de quilombolas, de assentamentos rurais, de núcleos de extensão universitária, dentre outros” (TURINO, 2009, p. 74). Trata-se

de um local aberto às manifestações artístico-culturais de uma localidade. Por sua vez, a gestão do Ponto é realizada pelos próprios membros da comunidade.

Nesta reflexão, os Pontos de Cultura serão observados como módulos de uma trama, como um programa que pode ser potencializado se acionarmos a gestão compartilhada articulada em rede, operando rizomaticamente. Isto, porque, cada Ponto possui sua particularidade, mas é na operação em rede que podemos compreender os Pontos como um modelo de política pública cultural nacional. Agindo como rizomas, os Pontos de Cultura conectam níveis de integração local e nacional.

A especificidade dos Pontos de Cultura corresponde a uma figura fundamental de negociação das políticas culturais: o gestor: estes indivíduos são capazes de atuar tanto para a comunidade quanto para a nação. Os gestores dos Pontos de Cultura são membros da sociedade civil que administram a captação e aplicação de recursos. Trata-se da gestão compartilhada; um modelo que marca a participação ativa da sociedade na construção de políticas culturais.

Os gestores dos Pontos de Cultura, como indivíduos “intermediários” são importantes sujeitos relacionais entre o local e o nacional. São eles o elo da gestão compartilhada. Esta interação exercita um novo modelo de Estado, um protagonismo social nas políticas públicas. Os “intermediários controlariam as articulações ou sinapses cruciais das relações que ligam o sistema local ao todo mais amplo” (Cf. Wolf, 1956). O intermediário constitui uma instância de poder tanto para atender benefícios pessoais, de sua comunidade, ou ainda a interesses externos. Uma microanálise a partir dos Pontos de Cultura nos permite observar o impacto e atribuição dos macros fenômenos em pequenos contextos.

Consideramos, portanto, que os Pontos de Cultura surgem em um momento de mudanças conceituais e estrutu-

rais no MinC. Estas mudanças por sua vez, estão articuladas em uma discussão supranacional e transnacional. Podemos observar a partir dos Pontos (e, portanto, de nossos novos paradigmas políticos), uma transformação na esfera local, nacional e global. Partindo desse pressuposto, entende-se as políticas públicas culturais brasileiras num contexto mais amplo. As sociedades e grupos podem ser analisados a partir das mediações políticas, econômicas, culturais e históricas de pequena escala. Estas mediações compartilham situações de mudança e conflito. Sendo assim, a análise entre macro e micro dimensões privilegia o movimento transnacional. É exatamente na relação, no *intermezzo* (Deleuze e Guattari, 1996), que podemos traçar a análise entre macro e micropolíticas, neste espaço fronteiro de contradições e conflitos.

Também são nestes espaços de mudança e conflito que se cristalizariam as posições e grupos sociais. Enfatizar este aspecto de conflito e variação é o que Van Velsen (1987) define como “análise situacional” ou “caso do estudo detalhado”. Este modelo de análise utiliza registros de situações de conflito agregado ao comportamento de indivíduos específicos como parte da análise dos processos sociais. Assim, o pesquisador pode observar uma situação social para então relacioná-la à sua totalidade. Uma análise minuciosa contextualizada e relacionada a uma totalidade pode detectar padrões de relações, e de instituições. Assim, este tipo de etnografia relaciona o comportamento dos grupos a outros processos sociais mais amplos.

Nos Pontos de Cultura as “análises situacionais” podem ser acionadas como estratégias de observação dos gestores. Isto implica em uma observação participante atenta ao discurso, às ações e às interações que se estabelecem com estes indivíduos, uma maneira de aprofundar a análise sobre estas contradições. A posição de “intermediário” constitui uma instância de poder que pode inclusive, facilitar a ascen-

são social de alguns indivíduos. Este tipo de “análise situacional” é próximo da noção de micropolítica da qual pretendo aqui desdobrar. Essas estratégias de pesquisa “mostraram-se fundamentais para o estudo da antropologia da política e, em especial da política em nível local e suas articulações em rede” (Ribeiro, 1994, p. 29). A análise micropolítica também é atenta aos anseios das comunidades junto à “realidade” da implantação dos Pontos. Se as políticas culturais atendem aos desejos e às identidades culturais locais.

Alguns autores (Calabre, 2009; Rubim, 2000 e Turino, 2009) apontam que os entraves burocráticos, as diferenças de entendimento e a má vontade política são os principais impasses para a implantação de novas políticas públicas culturais, como os Pontos de Cultura. Até porque, uma entidade quando é selecionada como um Ponto de Cultura provoca uma quebra na hierarquia política. É como se o reconhecimento dos grupos desencadeasse um “empoderamento social”, [no qual] “muitos poderes constituídos não toleram” (Turino, 2009 p. 43). Produzir uma política pública “de baixo para cima” ainda incomodaria algumas estruturas de poder.

A tensão entre permanência e mudança, repetição e transformação são aspectos intrínsecos de qualquer sociedade (Balandier, 2005). Mas no caso das políticas públicas culturais, a análise das continuidades e descontinuidades reflete os modos como os indivíduos convivem e resolvem estas ambiguidades no campo da cultura. Se há contradições, conflitos e permanências entre as Políticas Públicas Culturais e os Pontos de Cultura, as análises podem provocar diálogos entre ambas. Os caminhos e obstáculos permitem o exercício das relações entre a pesquisa, o pesquisador e o nativo, dentro daquilo que Da Matta (1978) definiu de “caráter extraordinário do pesquisador”. O aspecto mais rotineiro e humano da Antropologia (Da Matta, 1975, p. 35).

## **Produção e conexões estético-políticas nos Pontos de Cultura**

Situados em 04 diferentes municípios, como mencionado, os Pontos de Cultura do Litoral Norte e Agreste Baiano representam uma nova forma de implementação das políticas públicas culturais, rompendo paradigmas até então cristalizados, configurando-se como ferramentas potentes de participação popular e controle social, na medida em que democratizam o acesso aos bens culturais, como previsto na Constituição Federal de 1988.

As atividades nas distintas associações, vão desde o resgate das manifestações da cultura popular do município de Pedro, no Ponto de Cultura ABRUPE, à criação de um estúdio musical e cinematográfico que funciona de forma colaborativa no bairro periférico de Santa Terezinha, em Alagoinhas, onde está localizado o Ponto de Cultura Fundação do Caminho. É exatamente da diversidade e multiplicidade de ações que está a riqueza dos pontos, que desde a sua implementação, já beneficiou mais de 300 crianças apenas na Associação Beneficente Cultural *Ilê Asé OyáNi* do *Ilê Asé OyáNi*, em Alagoinhas. (Secretaria de Cultura da Bahia, 2016). Coordenado pela yalorixá Ana Rita Araújo, o projeto “Yacamim-Pai de Muitas Estrelas” realiza, no *Ilê Asé OyáNi*, cursos inclusivos de informática, oficinas de percussão e cântico *yorubá*, rodas de capoeira e samba de roda. Segundo a yalorixá, “são atividades de resgate da cultura afro-brasileira e que contribuíram para a criação de um grupo de capoeira e um grupo de samba de roda formado exclusivamente por crianças da comunidade”. (Secretaria de Cultura da Bahia, 2016, p. 43).

Na zona rural do município de Esplanada, em meio aos assentamentos de integrantes do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), acontece o projeto “Diversidade Cultural no Meio Rural”, desenvolvido pelo Ponto de Cultura Associação de Desenvolvimento Comunitário do Assentamento Boa Vista III desde 2014. Entre as atividades desenvol-

vidas estão aulas de dança, música, informática e oficinas de “contação de histórias”. O projeto é liderado pelo trabalhador rural João Bosco de Souza, que embora tenha cursado apenas o Ensino Fundamental I, vislumbra no projeto a oportunidade de desenvolvimento para a comunidade local:

O pouco estudo não foi impedimento para buscar melhorias para o nosso assentamento. Nossas crianças não tinham opções e alternativas, para além da escola. Agora, com o Ponto de Cultura, temos muito o que comemorar. Além das atividades, as monitoras são da nossa comunidade e recebem uma bolsa. Além de promover cultura, o projeto promove geração de renda. (SECRETARIA DE CULTURA DA BAHIA, 2016, p 38)

O aporte financeiro dado pelo Estado, por meio da Secretaria de Cultura e do Ministério da Cultura prevê a contratação de monitores, que são escolhidos na própria comunidade, fomentando o caráter inovador e de protagonismo comunitário dos Pontos de Cultura, que como já destacado, não é um equipamento cultural do governo nem um serviço. Seu foco não está na carência, na ausência de bens e serviços, e sim na potência, na capacidade de agir de pessoas e grupos. Ponto de Cultura é cultura em processo, desenvolvida com autonomia e protagonismo social.

Ainda no Litoral Norte e Agreste Baiano estão os pontos de cultura Associação Cultural Euterpe Alagoinhense e Banda Marcial Cultural Estudantil de Aramari, localizados respectivamente nos municípios de Alagoinhas e Aramari. Em ambas associações o foco das atividades é a música, com os projetos “Tocando em Frente” e “Ecoar Linguagens”. O

projeto desenvolvido em Aramari, por exemplo, contribuiu para a retomada das atividades da banda marcial da cidade, que embora já existisse há mais de 40 anos, nunca contou com incentivo e estava prestes a ser desativada. O empoderamento social nos Pontos de Cultura pode provocar transformações que vão além da cultura em um sentido estrito e desencadear mudanças nos campos social, econômico, de poder e valores. Ao concentrar sua atuação nos grupos historicamente alijados das políticas públicas -seja por recorte socioeconômico ou no campo da pesquisa e experimentação estética-, o Ponto de Cultura potencializa iniciativas já em andamento, criando condições para um desenvolvimento alternativo e autônomo, a fim de garantir sustentabilidade na produção da cultura. É a cultura entendida como processo e não mais como produto.

### **Considerações Finais**

É notório que, ao longo da história, os recursos destinados às políticas culturais no Brasil são resultado de uma ação exclusivamente governamental e mais voltada às elites. Era o governo que construía ou adaptava espaços e que decidia sua localização, programação e atividades a serem desenvolvidas. Com o Ponto de Cultura, o processo é inverso, cabendo ao governo reconhecer e potencializar as iniciativas culturais da comunidade no território em que elas acontecem. No âmbito dos Pontos de Cultura do Litoral Norte e Agreste Baiano, essa é uma realidade que já pode ser constatada e que resulta no fortalecimento da dimensão cidadã da cultura. Fazer cultural e território estão intrinsecamente vinculados, quer seja no Assentamento Boa Vista III, espaço historicamente subalternizado, quer seja na Filarmônica Euterpe Alagoinhense, espaço em que no passado apenas homens brancos podiam frequentar.

Outra questão recorrente é o fato de o Ponto de Cultura substituir a necessidade de outros equipamentos e associações culturais. Pelo contrário, o Ponto de Cultura cria condições favoráveis para a consolidação de uma base social da cultura, assegurando meios mais perenes para a conquista de melhores bibliotecas, teatros bem equipados, centros culturais dinâmicos, museus vivos e políticas de fomento à formação, produção e difusão cultural e a realidade dos pontos de cultura em questão comprova isso. São novos grupos de música, teatro, dança, além de associações e instituições que se inspiram na experiência do projeto em questão.

A partir das análises e reflexões apresentadas, é importante compreender que o entendimento da cultura como processo pressupõe entrelaçar as diversas dimensões da vida. Com a posse do ministro Gil, o ministério adotou um conceito ampliado de cultura como produção simbólica, cidadania e economia. A dimensão da arte não pode ficar restrita ao campo do simbólico. Para além da produção de símbolos, a arte envolve habilidades, todas as habilidades humanas e a apreensão dos significados por meio dos sentidos, de uma percepção sensorial.

O Ponto de Cultura envolve uma quebra nas narrativas tradicionais, monopolizadas por poucos. Não se trata aqui da defesa do “belo universal” ou da “arte gratuita”, metafísica, e sim da própria realização da estética (Turino, 2009, p. 176). A arte reflete aspirações e contradições do seu contexto histórico e é, ao mesmo tempo, produto e vetor das transformações sociais. Para além da preocupação exclusiva com a beleza, busca-se tudo aquilo que permita a afirmação cultural da subjetividade das pessoas, grupos e classes sociais. E essa busca deve ser feita com encantamento, beleza e qualidade, pois sem esses atributos não se rompem barreiras e os estereótipos permanecem.

O mesmo ocorre com a dimensão cidadã. A conquista plena de direitos e a inclusão no diálogo cultural são essenciais.

ais; mas circunscrever Ponto de Cultura à dimensão de cidadania ou da cultura popular é uma redução. Mais grave ainda são os discursos fáceis da inclusão cultural ou da inclusão social por meio da cultura. Ponto de Cultura atua com cultura popular, inclusão social, e tem um papel atuante na cidadania, mas ele é, sobretudo, um programa de cultura. Cultura como interpretação do mundo, expressão de valores e sentimentos. Cultura como intercompreensão e aproximação.

Ante todas as produções e conexões desenvolvidas nos diversos projetos, grupos e associações contempladas pelo projeto, que estão para além da dimensão estética, como se viu, pode-se evidenciar que Ponto de Cultura é integração na diversidade. “A parte está no todo, o todo está na parte” (Turino, 2009, p. 177). A aproximação e confluência entre as dimensões simbólica, cidadã e autônoma são essenciais para a organização da vida humana e podem cimentar uma nova significação para a cultura e para a própria sociedade. O Brasil já experimenta essa realidade desde 2004 e no território de identidade Litoral Norte e Agreste Baiano, apesar dos retrocessos recentes, a rede de pontos de cultura segue sendo uma experiência de protagonismo, reinvenção política, estética e revolucionária.

## Referências

BALANDIER, Georges. *Antropologia Política*. Trad. Carina C. Battaglia. Buenos Aires: Ed. Del Sol, 2005.

CALABRE, Lia. Desafios à construção de políticas culturais: balanço da gestão Gilberto Gil. In: *Proa - Revista de Antropologia e Arte [online]*. Ano 01, vol. 01, n. 01, ago. 2009. Disponível em: <<http://www.ifch.unicamp.br/proa/debates/debatelia.html>>.

COELHO, Teixeira. *Dicionário Crítico de Política Cultural*. São Paulo: Iluminuras/FAPESB, 2004.

DA MATTA, Roberto. *O Ofício do etnólogo ou como ter o Anthropological Blues*. Cadernos PPGAS. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 1978.

DELEUZE Gilles. *Diferença e Repetição*. Trad. Luís Orlandia e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal Ltda., 2011.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Os Mil Platôs*. Vol. 3. Trad. de Luís Orlandi. São Paulo: Editora 34, 1996.

Secretaria da Cultura e Turismo da bahia. *Guia Cultural da Bahia: Litoral Norte e Agreste*. Salvador: Ed. SCT, 1999.

\_\_\_\_\_. *Base de Dados dos Pontos de Cultura da Bahia – 2008 a 2016*. Salvador: EGBA, 2016.

TURINO, Célio. *Ponto de Cultura: o Brasil de baixo para cima*. São Paulo: Editora Anita Garibaldi, 2009.

VAN VELSEN, Jaap. Análise situacional e o método de estudo de caso detalhado In: Feldman-Bianco, Bela (org.). *Antropologia das Sociedades Contemporâneas - Métodos*. São Paulo: Editora Global Universitário, 1987.

[Recebido: 29 dez. 2018 — Aceito: 06. abril 2019]

## RESENHA

### MARIA DA GLÓRIA GOHN - MOVIMENTOS SOCIAIS E REDES DE MOBILIZAÇÕES CIVIS NO BRASIL CONTEMPORÂNEO

GOHN, Maria da Glória. *Movimentos sociais e redes de mobilizações civis no Brasil contemporâneo*. Petrópolis: Vozes, 2010. 190 p.

Rogério da Silva de Jesus<sup>1</sup>

Maria da Glória Gohn, trilhou na vida acadêmica enquanto professora e pesquisadora, estudos baseados nos distintos movimentos sociais e, a cada publicação, apresenta dados atuais e análises incisivas sobre o assunto.

A obra *Movimentos sociais e redes de mobilizações civis no Brasil contemporâneo*, aborda o tema categorizando a conjuntura e os debates atuais relacionados às redes e a mobilização social. Apresenta ao leitor os aportes teóricos e históricos, mapeando os modos de ação e as principais disputas relacionadas a direitos e conquistas sociais.

Com efeito, Gohn sintetiza na apresentação da obra de forma pragmática que:

---

1 Mestrando em Modelagem em *Ciências da Terra* e do Ambiente pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), bolsista CAPES. Especialista em Gestão Pública Municipal pela Universidade Federal da Bahia. (UFBA) Endereço eletrônico: rogersilva\_2@yahoo.com.br

O mapeamento focalizará quais são as áreas temáticas e seus eixos de manifestação como problema social, um breve perfil desses problemas, onde se localizam as demandas e lutas, quais são os sujeitos sociopolíticos e culturais que estão envolvidos, em que territórios estão situados, que ações protagonizam, como são tematizadas, suas ações, como constroem as redes por onde circulam etc. (p.7)

Seguindo essa linha, a autora descreve no percurso de escrita da obra, as dificuldades apresentadas pelos atores e agentes sociais bem como as suas redes de mobilização de acordo com as áreas temáticas de atuação, faz análises importantes para a compreensão da desigualdade existente entre os movimentos sociais contemporâneos, vez que trata do tema de maneira mais abrangente e complexa, não apenas listando os movimentos que se transformam e se recriam, mas mapeia as formas gerais de demanda e lutas sociopolíticas, suas articulações e modo de ação, apresentando assim os recíprocos pontos divergentes e por vezes convergentes.

O livro *Movimentos sociais e redes de mobilizações civis no Brasil contemporâneo*, apresenta dados advindos de pesquisas e produções de quatro décadas de esforços e estudos dos movimentos sociais no Brasil. Visa contribuir para o debate voltado para a organização e transformação social, ressaltando as questões de emancipação, autonomia e justiça social, de atores e o controle social regulatório estabelecido para limitar as ações desses.

A autora traz o propósito “[...] de que se possa fazer um balanço das formas das ações coletivas expressas em

movimentos sociais e nas redes de mobilizações, e demonstrar que a sociedade civil não é massa amorfa inerte” (p. 8).

Gohn ressalta que, a grande diferença no comportamento e organização dos movimentos sociais entre as décadas de 1990 e 2000, forma o rompimento da fragmentação da sociedade que se mantinha amorfa, e alinhando-se à tendência de formação de grupos associativos, organizados e com articulação em rede de mobilização e construção de fóruns temáticos.

A mesma propõe que essas articulações promoveram transformação nas relações, disputas de interesse e diálogo com o Estado. Assim, a tendência de formação de redes trouxe a ideia de que as proposições seriam mais efetivas, fortalecidas e como modo de sobrevivência. Nesse cenário surgem ONGs e entidades do terceiro setor, configurando um novo cenário de divisão das demandas seguindo critérios de cor, raça, idade, gênero, questões ambientais, religiosas e etc.

O livro é apresentado em duas partes distintas. Na primeira, intitulada “Redes de mobilizações no Brasil contemporâneo: as conjunturas e as categorias que se destacam”, a autora pontua cinco fatores que distinguem os movimentos sociais contemporâneos nos prismas econômico, político, social e cultural no passado e no presente. Também aborda categorias utilizadas para distinguir o associativo atual, sobretudo as categorias “redes sociais” e “mobilização social”.

Na primeira distinção elaborada pela autora, a mesma defende que ocorreu a resignificação na natureza dos movimentos sociais e o modo de agir para consecução dos objetivos. Esses não se configuram apenas enquanto reativos e movidos por necessidades a serem supridas. Essa resignificação diz respeito inclusive à reflexão sobre a sua existência, a ideia de um novo pacto civilizatório de uma nova sociedade

democrática, porém voltada para a sustentabilidade e não somente pelo autodesenvolvimento.

Portanto, há a resignificação das ideais clássicas de igualdade, liberdade e fraternidade. Traz um caráter educativo de autoanálise e aprendizado para seus atores, tematizando as ações prioritárias do Estado, promovendo parcerias públicas e privadas, participação e deliberação nas políticas públicas.

No segundo ponto de destaque, Gohn apresenta os movimentos históricos, esses expunham demandas de participação e lutas pela necessidade básica de conquista da democracia participativa e pelo “direito a ter direitos” (p. 17). A partir dos movimentos operários e revolucionários do final do século XIX e início do século XX. Portanto eram demandas abrangentes, que desdobravam em diversas camadas da sociedade. Porém na atualidade o que se busca é o respeito às diferenças e pautas de reparação, conquistas de novos direitos, cidadania participativa, ascensão do controle social e participação dos movimentos com intervenção deliberativa no Estado e nas políticas públicas.

Gohn destaca que:

A grande mudança observada nos estudos sobre a as políticas de parceria do Estado com a sociedade civil organizada está na direção do foco central da análise: do agente para a demanda a ser atendida. Reconhecem-se as carências e busca-se superá-las de forma holística. Olhares multifocais que contemplam raça, etnia, gênero, idade, etc. passam a ser privilegiados. (p. 22)

Nesse cenário o foco reativo e de luta por direitos se amplia num processo de organização e conscientização da sociedade para impulsionar a importância de suas demandas. Assume um perfil de democratização, promoção da justiça social, solidariedade e autonomia, promovendo vínculos com a esfera pública na e para consecução de políticas públicas e controle social, integrando-se em parcerias.

A autora caracteriza a força dos movimentos coletivos organizados estrategicamente, a capacidade de transformar realidades históricas e tensões entre Estado e grupos específicos marginalizados ao longo do tempo. Destaca que “o sujeito coletivo se dilacera, fragmenta-se em múltiplos campos isolados. Sozinhos, esses múltiplos sujeitos não têm força coletiva, e o ponto de convergência entre eles é o próprio Estado” (p. 22).

No terceiro ponto, a autora considera que o Estado ressignifica o modo de atuação e relacionamento com os movimentos sociais. Estabelece a inclusão desses no processo político e decisório com caráter consultivo, reconhece as suas lutas e gradativamente divide a responsabilidade na promoção de políticas públicas sociais. Nesse processo de inclusão o Estado torna-se controlador e exerce uma influência política reduzindo as pressões e estabelecendo um controle com viés conciliatório, transformando a pauta política dos movimentos. Portanto essas pautas são transformadas em programas de governos, controladas por agentes políticas e parceiros do terceiro setor como ONG’s.

Compreende-se na leitura que há fragmentação no atendimento de demandas específicas, reduzindo a força coletiva e o Estado passa a ser tutor, provedor e o único ponto de convergência entre os movimentos sociais.

No quarto ponto de análise, a autora esclarece que ocorreram alterações e a ampliação dos sujeitos participantes dos movimentos sociais, que se organizam agora em redes asso-

ciativas. Isso se explica através da difusão de novas tecnologias de comunicação. Ocorreram ainda “alargamento das fronteiras dos conflitos, tomando como ponto central a migração e a imigração, a luta por disposição de recursos estratégicos, como água, energia, terra, etc.” (p. 25)

Esses conflitos, por sua vez, deixam de ter somente como eixo os Movimentos Sociais x Estado, e referenciam-se em novos eixos, incluindo corporações e outros agentes econômicos interessados em tais recursos para exploração econômica.

No quinto e último ponto de destaque, Gonh levanta lacunas que a produção acadêmica tem deixado sem tratamento devido, relacionando as questões centrais que devem ser debatidas e aprofundadas para evitar equívocos nas pesquisas produzidas.

Essas lacunas apresentadas trazem questões como a necessidade de apresentação do conceito de movimento social, e os pontos que os qualificam como novos no contexto social, como se distinguem nas ações coletivas ou organizações sociais, como as ONGs; os desdobramentos que ocorrem com a sua institucionalização; e a sua missão na contemporaneidade.

Segundo Gonh, as lacunas apresentadas interferem na compreensão e mapeamento da categoria movimentos sociais, a qual se vê uma substituição constante por outra categoria, a mobilização social, que pode ser entendida como simples participação e cooperação.

Na segunda parte do livro, Gohn intitulou “Mapeando a cena: movimentos sociais e associações civis”. Traz ao leitor um mapeamento analítico das categorias de associativismo no Brasil que se destacam no cenário urbano e rural, tais como: os movimentos sociais, as ONGs, as associações civis e fóruns com ação nacional ou com integração e engajamento entre outras nações e conselhos gestores. A autora dividiu

essas instâncias em três grandes blocos, que vai das redes de mobilização que se compõe por associações de natureza diversa, as ONG's e os conselhos institucionalizados na esfera pública.

Além de categorizar a autora faz uma análise profunda dos movimentos sociais seccionados e traz um aparato teórico que remete a análise e reflexão em cada eixo apresentado. Ao levantar o cenário dos movimentos sociais na atualidade brasileira, destacam-se na obra dez eixos temáticos, que são apresentados no processo de mapeamento proposto enquanto metodologia, que transitam em diversos segmentos da sociedade, e se desdobram em subeixos que se convergem.

Os eixos apresentados são: Movimentos sociais ao redor da questão urbana; Movimentos em torno da questão do meio ambiente: urbano e rural; Movimentos identitários e culturais: gênero, etnia, gerações; Movimentos de demandas na área do direito; Movimentos ao redor da questão da fome; Mobilizações e movimentos sociais na área do trabalho; Movimentos decorrentes das questões religiosas; Mobilizações e movimentos rurais; Movimentos sociais no setor das comunicações; Movimentos sociais globais;

Assim, o livro mostra-se como uma bússola para entender e conhecer profundamente as ações prévias e o contexto inserido na construção da participação social; faz uma retrospectiva dos principais movimentos sociais que participaram da trajetória de lutas por direitos e pela construção da cidadania no Brasil. Configura-se como um aporte teórico seguro e aprofundado para estudantes, pesquisadores e todos aqueles que desejam entender como se estabeleceu e como de desenvolveu as relações entre sociedade organizada e mobilizada para a conquista e manutenção de direitos, bem como a crescente participação na definição de políticas públicas e atuação do Estado.

[Recebido: 17 nov. 2018 — Aceito: 06 jul. 2019]

## ENTREVISTA

### ENTRANDO NO BOSQUE #LEIAMAISMULHERES: ENTREVISTA COM JULIANA CRISTINA SALVADORI

Entrevistada Profa. Dra. Juliana Cristina Salvadori  
Entrevista concedida a Jailda Passos Alves<sup>1</sup>



Juliana Cristina Salvadori é uma das idealizadoras e criadoras do projeto “Entrando no bosque/sertão: mapeamento e formação de redes de leitores”, bem como da sua extensão “Entrando no bosque #LEIAMAISMULHERES”. Salvadori possui graduação em Letras Português Inglês Licenciatura Plena pela Faculdade Estadual de Ciências e Letras de Campo Mourão (2002), Mestrado em Letras (Inglês e Literatura Correspondente) pela Universidade Federal de Santa Catarina (2005) e Doutorado em Letras da Pontifícia

---

1 Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, possui graduação em Letras Língua Inglesa e Literaturas pela Universidade do Estado da Bahia (2018). Endereço eletrônico: jailda.alves@outlook.com.

Universidade Católica, PUC Minas (2013). Atualmente é Professora Adjunta da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), como docente da graduação e professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade (PPED), UNEB Departamento de Ciências Humanas (DCH) do Campus IV, Jacobina. É membro do Grupo de estudos em Educação Inclusiva e Especial (GEEDICE) e coordenadora do Grupo de Pesquisa Desleitura em série, cujas principais áreas de atuação e interesse são literatura comparada, teoria e crítica literária, tradução como leitura-escritura. É a esse último grupo que o projeto “Entrando no bosque #LEIAMAIS-MULHERES” está associado.

Sabe-se que a campanha do leia mais mulheres iniciou-se com a escritora e ilustradora britânica Joanna Walsh, em 2014, com a *hashtag* #ReadWomen2014 no Twitter, e, desde então, tem se propagado por vários lugares do mundo. Na revista online literária *Berfrois*<sup>2</sup>, Walsh (2014) relata que começou a *hashtag* a partir de alguns *Cartes de Voeux* que fez, relacionando a tradição francesa de enviar cartões de ano novo com a palavra *Voeux* que significa bons desejos, mas também "voto" [vow]. Ela conta ainda que, nesse período, acompanhou alguns projetos nos quais leitores se comprometeram, por um certo tempo, ler somente livros escritos por mulheres, sendo assim, os cartões foram produzidos em apoio e encorajamento a essa iniciativa, e, por conseguinte, postados no Twitter sob a justificativa de que essa seria a melhor maneira de entrar em contato com qualquer pessoa que ela gostaria de mandá-los, dado que a maioria dos seus amigos e colegas estariam nessa plataforma. Walsh (2014) salienta que sua motivação pessoal para #ReadWomen2014 foi impulsionada pelo fato de que embora as mulheres leiam

---

2 WALSH, Joanna. #readmorewomen. *Berfrois*. 2014. Disponível em: <<https://www.berfrois.com/2014/01/joanna-walsh-the-year-of-reading-women/>>. Acesso em: 27 jan. 2019.

mais livros do que os homens e as mulheres autoras sejam publicadas em números comparáveis, elas são mais facilmente esquecidas, isto é, dispõem menor presença em revistas literárias, tanto como revisoras quanto como revisadas, ademais, elas possuem menor número de traduções literárias. Assim, divulgar e ler livros escritos por mulheres seria uma medida contra essa desigualdade.

**Alves:** Como surgiu a ideia do projeto “Entrando no bosque/sertão: mapeamento e formação de redes de leitores” e por que “Entrando no bosque”?

**Salvadori:** A proposta surgiu em 2013, como projeto de extensão, a partir de uma experiência de sala de aula na graduação em Letras Língua Inglesa. Cheguei em Jacobina para trabalhar no campus da UNEB EM 2012 e um dos componentes curriculares que me foi alocado foi um chamado Panorama da literatura de língua inglesa: da origem à modernidade, que é uma coisa louca, porque em 60 horas você tem que condensar cerca de 1000 anos de literatura, e é um componente ministrado logo no terceiro semestre. Como todo professor, precisei definir um recorte, e optei por abordar ficção, visto que poesia tem menor trânsito de leitores. Mesmo com os recortes e foco em ficção, inclusive em diálogo com adaptações filmicas, houve dificuldade de aprofundamento da discussão – nossas alunas não eram leitoras e não tinham repertório de leitura em língua portuguesa para mobilizar e comparar com os textos e escritores em língua inglesa. Duas alunas então me procuraram porque gostariam de propor a partir de suas experiências com textos de língua inglesa momentos de diálogo com os colegas que estavam entrando no curso e que iriam se deparar com panorama: a proposta então era construir um repertório de leitura ao longo do processo. Pensamos então em transformar essa ação em um projeto de extensão e para isso me inspirei no projeto de Rede de leitores da PUC Minas, onde cursei o doutorado, coordenado pela professora Jane Quintiliano, que tinha como

foco expansão de rede de leitores. Daí surgiu a ideia de formação de rede de leitores e de criar espaço para vivências de leitura que a sala de aula, por sua abordagem crítica, não permitir – um espaço para os gostos e desgostos e para as experiências de vida, mas também para criação de repertório que serviria de base para discussão crítica e teórica. A metáfora é da obra de Eco, *Seis passeios pelo bosque da ficção*, que toma de Borges a definição do texto ficcional como um “jardim de caminhos que se bifurcam”. Logo, a formação de redes assumiu essa imagem de entrando no bosque, considerando também nosso território de identidade, que o bosque pode ser o sertão.

**Alves:** No Brasil, a campanha do #ReadWomen2014 adquiriu forma em 2015, por meio de Juliana Gomes, Juliana Leuenroth e Michelle Henriques, através da iniciativa Leia Mulheres, com a configuração de clube de leitura. A seleção da proposta do projeto “Entrando no bosque #LEIAMAIS-MULHERES” vai ao encontro dessa iniciativa? A quais tipos de leitores esse ele se destina e quais são os seus objetivos?

**Salvadori:** O entrando no bosque em 2018 emergiu justamente da convergência da proposta de formação de leitores que começou a se desenhar em 2013 e que foi tomando corpo nos projetos e objetos de pesquisa do Grupo Desleitura sob minha coordenação em conjunto com professor Felix – pensamos, por que não ler mais, juntas, mulheres, as mulheres que pesquisamos? Por que não criar, mesmo que em esfera micro, essa demanda pela leitura da escrita de mulheres, que são, inclusive, menos traduzidas (sendo a tradução literária um dos meus objetos de investigação)?

**Alves:** Temos uma grande quantidade de livros escritos por mulheres. As opções tornam-se ainda mais vastas ao ampliarmos as produções realizadas por nações. No entanto, sabemos também da dificuldade de acesso a certos livros, seja por meio da sua não tradução ou até mesmo por ques-

tões financeiras para a sua aquisição. Destarte, de qual forma acontece as escolhas dos livros? Há parcerias com bibliotecas e/ou livrarias?

**Salvadori:** A escolha da programação leva em conta a acessibilidade aos textos- essa é uma das questões que consideramos com cuidado – o texto precisa ser traduzido, caso seja de escritora de língua inglesa, e o acesso físico ou online é garantido. Temos parceria com a livraria SerTão aqui em Jacobina, de modo informal, mas o diálogo com as bibliotecas precisa ser desenvolvido, inclusive com biblioteca setorial da UNEB e demais. No momento, o acesso tem sido garantido daquela forma antiga atualizada pela tecnologia – quem tem, empresta, repassa, lê junto, num movimento coletivo.

**Alves:** Como se organiza metodologicamente o projeto e os encontros?

**Salvadori:** A edição de 2018 se organizou a partir de encontros quinzenais em que mediadores do grupo disparavam a discussão na roda. Em algumas rodas trouxemos trechos dos textos para serem lidos e compartilhados porque entendemos que a proposta é aberta e que a leitura do texto pode preceder o encontro ou ser por ele desencadeada – e essa é a graça da coisa, várias pessoas em níveis diferentes de leitura. A dinâmica de 2019 se estruturou a partir de encontros mensais pois percebemos que o encontro quinzenal não nos permitia ler, de fato, os textos. Apesar dos encontros abertos, percebemos resistência da comunidade em chegar ao espaço da UNEB em Jacobina e a mesma dificuldade em fazer a roda girar e jogar conversa, texto, impressões, experiências para dentro. Por isso, em 2019, estamos em um espaço cultural da cidade chamado Galpão Payayá – a primeira roda abriu com bell hooks e roda de samba – a chamada sendo “feminismo dá samba?”. Pudemos perceber que deu. Samba e público.

**Alves:** Na UNEB, Campus IV, há o Núcleo de Traduções (NUTS), cogita-se alguma parceria com #LEIAMAIS-MULHERES e o Grupo de Pesquisa Desleituradas em Série para a tradução de romances e/ou outros textos de autoria feminina para uma possível publicação?

**Salvadori:** Cogita-se, sonha-se, imagina-se, deseja-se. Ainda não aconteceu, mas está no nosso horizonte de expectativas. Começamos a tornar realidade. Em 2018, durante a execução das atividades do #LEIAMAISMULHERES tivemos, em parceria com o NUTS, uma oficina de tradução do texto "Of Human Bondage" ministrada pela pesquisadora e tradutora Julia Seixas Romeu, que trabalha na área há mais de dez anos e já traduziu obras de autores como Jane Austen, Charlotte Brontë, Chimamanda N. Adichie, William Faulkner, Rodyard Kipling e J.M. Barrie. A iniciativa teve como objetivo viabilizar o acesso à leitura e ao texto literário de modo mediado, por meio de práticas de socialização da leitura, além de fomentar a prática tradutória por alguém que possui experiência no campo.

**Alves:** Após o início do "Entrando no bosque #LEIAMAISMULHERES", houve maior interesse dos discentes em desenvolver na área? Quais outros resultados você pode elencar?

**Salvadori:** No "Entrando no bosque/sertão: mapeamento e formação de redes de leitores", um dos nossos objetivos voltava-se ao incentivo de criação de grupos de pesquisas e conseguimos, a partir de então, dar início ao grupo Desleituradas em Série que agregam os discentes que almejam desenvolver pesquisa neste campo. Com o "Entrando no bosque #LEIAMAISMULHERES" visou/visa-se tanto o fomento à leitura de textos literários escritos por mulheres, quanto o fortalecimento de pesquisas em andamento ou já realizadas por meio da socialização dos resultados de pesquisa em leitura, literatura, tradução, postas em diálogo com outras formas narrativas – cinema, música, séries etc., além

de operar como um estímulo a novos pesquisadores na comunidade acadêmica e local. Ademais, conseguimos ampliar o projeto para o Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias do Campus XXIII da UNEB, localizado na cidade de Seabra, que avalia-se como um resultado positivo pela viabilização em outros espaços e pela ampliação do diálogo quanto à formação de leitores e práticas de leitura.

**Alves:** Quais foram as maiores dificuldades para a execução do projeto?

**Salvadori:** Financiamento para trazer convidados e mediadores. Participação da comunidade externa, muito reticente quanto ao espaço da UNEB. Falta de apoio da comunidade interna – colegas, professores, colegas da educação básica concretizada em ações. 2019 traz os mesmos problemas quanto à apoio e financiamento, mas não quanto ao espaço – estamos desenvolvendo atividades em espaço cultural e a entrada da comunidade externa foi melhor. Aguardamos os capítulos das próximas rodas.

**Alves:** No que diz respeito ao incentivo à leitura, qual o papel das instituições e das políticas públicas no apoio para com esse tipo de iniciativa?

**Salvadori:** Pode-se apontar a relevância de projetos sobre leitura chamando a atenção para o fato de que este tema, bem como suas práticas, tornou-se objeto de várias políticas estaduais, federais e mesmo internacionais, como as iniciativas fomentadas pela UNESCO (vide Cátedras de Leitura) e o próprio Plano Nacional do Livro e da Leitura (PNLL, 2010), estruturado em quatro eixos, a saber: 1) Democratização do acesso; 2) Fomento à leitura e à formação de mediadores; 3) Valorização institucional da leitura e incremento de seu valor simbólico e; 4) Desenvolvimento da economia do livro. As ações propostas nesse projeto de extensão, em consonância com as pesquisas realizadas pelos membros do Grupo de Pesquisa, vão diretamente ao encontro dos dois

primeiros eixos de ação propostos pelo PNLL, visto que partimos do pressuposto de que cabe à universidade papel central na formulação e fomento a essas políticas bem como na avaliação de seus impactos, particularmente no ensino básico, suprido pelos cursos de licenciatura, não somente com professores, mas também com encaminhamentos teórico-metodológicos. Destarte, ao identificar a pouca a pouca familiaridade com textos literários e com as estratégias e propostas de leitura e interpretação nos discentes em alguns componentes curriculares do Curso de Licenciatura em Letras Língua Inglesa e Literaturas, articulamos um projeto, em parceria com os próprios discentes e a Universidade como um modo de fomentar formação de leitores e capacitar agentes de leitura, nesse caso, futuros professores.

**Alves:** Por fim, como você avalia o “Entrando no bosque #LEIAMAISMULHERES”? Dará continuidade no ano de 2019 ou há outros desdobramentos em vista?

**Salvadori:** No final de 2018 centramos nossas leituras nas obras escritas por mulheres negras e assim se dará nossas atividades em 2019, com o #LEIAMAISMULHERESNEGRAS. Finalizaremos a programação do projeto de extensão propondo rodas de leitura mensais com mediação de parceiras e parceiros, e a culminância se dará no III Colóquio Desleituradas, evento que acontecerá no mês de outubro deste ano, organizado pelo grupo de Pesquisa Desleituradas em Série, contando com presença das escritoras e poetas Lívia Natália, Jarid Arraes e Tatiana Nascimento, que também é tradutora e editora da Padê Editorial.

**Alves:** Muito obrigada, professora Juliana, pela solicitude e prestimosidade.

## ENTREVISTA

### IMPASSES COM O ARTEFATO LITERÁRIO: TEORIA, ACADEMIZAÇÃO DA LITERATURA E OS CRITÉRIOS DE VALOR

Entrevistado Prof. Dr. Fabio Akcelrud Durão  
Entrevista concedida a José Carlos Felix<sup>1</sup> e Felipe Santos da Silva<sup>2</sup>



- 
- 1 Professor permanente do programa de Pós-graduação em Crítica Cultural, possui graduação em Letras pela Faculdade Estadual de Ciências e Letras de Campo Mourão (1998), mestrado em Letras (Inglês e Literatura Correspondente) pela Universidade Federal de Santa Catarina (2004), Doutor em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas- UNICAMP. Docente Adjunto da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, Campus IV, Jacobina. Pesquisador do grupo Pós-Teoria UNEB/PÓS-CRÍTICA. Endereço eletrônico: jcfelixjuranda@gmail.com
  - 2 Mestrando do programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, possui graduação em Letras Língua Portuguesa e Literaturas pela Universidade do Estado da Bahia (2018). Endereço eletrônico: felipe\_ssilva@outlook.com.

Fabio Akcelrud Durão é professor de Teoria Literária na Unicamp e autor de *O que é crítica literária* (Parábola/Nankin, 2016), *Essays Brazilian* (Global South Press, 2016), *Fragmentos Reunidos* (Nankin, 2015), *Modernism and Coherence* (Peter Lang, 2008) e *Teoria (literária) americana*. Foi presidente de 2014 a 2016 da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL). Atualmente é membro do Comitê de Assessoramento (AC) da área de Letras do CNPq. Nessa entrevista, o professor Fabio Durão discute o *status* do artefato literário e sua relação com o campo da teoria, estética, bem como os critérios de valor e a institucionalização da literatura na universidade. Durão propõe reflexões dos impasses entre leitor-texto-crítico e que, por vezes, impossibilita lidar com o objeto literário adequadamente, isto é, apreendendo-o de modo mais autogerado e convertido nele mesmo. O professor defende o argumento de que é no processo de interpretação e com uma certa ingenuidade do leitor diante do texto literário que este último pode revelar sua potencialidade promovendo, assim, o funcionamento interno e efetivo deste.

**Felix:** O senhor considera que os critérios de avaliação das artes contemporâneas devem ainda permanecer os mesmos adotados pelos críticos do modernismo, ou acredita que a própria função da arte em geral e da literatura em particular, na sociedade, pode mudar?

**Durão:** Eu creio que o problema com o qual temos que lidar hoje não se refere exatamente aos critérios de avaliação da arte, ou seja, quais os parâmetros utilizados para julgar obras específicas, mas sobre a própria possibilidade de se julgar algo adequadamente. Essa é uma questão muito complexa, que obviamente não pode ser abordada profundamente aqui. Gostaria somente de apontar para três linhas norteadoras de investigação. Primeiro, a dificuldade de avaliar está objetivamente enraizada na arte contemporânea, uma vez

que, por seu desenvolvimento interno, ela converteu-se em uma espécie de monstro questionador que coloca tudo na berlinda. Qualquer coisa que você possa pensar foi posta em questão, a ideia de belo, os materiais artísticos, o próprio sentido, o espaço do museu, a relação entre arte e vida, e por aí vai... Por isso se torna extremamente complicado obter parâmetros eficazes; no limite, é como se o crítico tivesse que inventar as suas próprias categorias para lidar individualmente com cada artefato, o que, é óbvio, não apenas exige um esforço tremendo, como também tem muito mais chance de dar errado – com efeito, essa falta de garantia e o desafio que ela traz consigo talvez sejam o que há de mais interessante na arte contemporânea. Por outro lado, essa resistência a uma apreensão já codificada responde apenas em parte pela recusa da crítica atual a lidar com a questão do valor, sem o qual é impossível emitir juízos contundentes. Essa é a segunda linha norteadora. A crise do valor atinge a própria forma com que a formulamos. Como categoria *a priori* para a interpretação, o valor é nocivo. Se você vai ler o Shakespeare imbuído de reverência, você vai travar a sua imaginação (e o seu prazer); agora, se você de antemão achar que ele é opressor, um homem branco, que teve um papel importante no imperialismo britânico (o que é verdade), você simplesmente não vai conseguir ler. O valor deveria surgir normalmente como resultado da interpretação, mas no presente não conseguimos esquecê-lo e é por isso que tantos críticos se voltam contra ele, desvalorizando o valor, e praticamente proibindo que se diga: “isso aqui é bom”, ou “isso aqui é ruim”; tudo vira simplesmente diferente. O resultado é uma perda em objetividade por parte do objeto, que agora fica diluído na geleia geral do dialogismo e do hibridismo, da intertextualidade e transculturalidade, do multi e do pluri. Haveria vários fatores a levar em conta aqui, como o processo de institucionalização e academização da literatura e da crítica, sobre o qual tenho me voltado nos últimos anos – e que com tudo que tem de problemático pode estar em risco ago-

ra, o que obriga uma mudança da pegada crítica. Seja como for, a terceira linha de força não é mais artística, porém gera uma tensão curiosa com ela. Refiro-me aqui ao fato de que na sociedade em geral o valor é mais forte que nunca. Por exemplo, decidir quais bandas de rock são as melhores, quais fazem sentido, torna-se algo tão decisivo que chega a interferir na própria auto definição das pessoas, no modo como veem a si mesmas. O mesmo vale para os seriados, os tipos de roupa, a comida, enfim, todo o espectro da cultura tomada em seu sentido mais amplo, antropológico. Isso não deveria espantar, se nos damos conta de que a lógica do discurso das mercadorias envolve a produção de identidades. Ao dizer “eu tenho o poder de gerar x” (e esse “x” pode ser puramente simbólico, não ter nada a ver com a concretude do objeto, e.g. cigarro e cavalos no campo), a mercadoria também deixa implícito “você deve desejar x”, “você será mais você se obtiver x”. Esse contraste imenso entre a relutância, no âmbito da crítica literária, a julgar e o império absoluto do julgamento fora da esfera estética dá bastante o que pensar. Incidentalmente, dá para perceber como é possível colocar no mesmo horizonte a arte e a sociedade sem ferir nenhuma das duas.

**Silva:** No caso de os critérios de avaliação não estarem mais pautados puramente na forma estética quais parâmetros poderiam seguir, como eles se estabeleceriam e se sustentariam?

**Durão:** Talvez eu possa aqui esmiuçar rapidamente algo que disse antes. A liberdade que a arte e a literatura obtiveram para questionar tudo pode ser encarada sob a égide da destruição. Muito do avanço da arte no século XX esteve ligado àquilo que há de produtivo em destruir o que estava estabelecido como norma ou convenção. O desdobramento dessa lógica levou a um processo de busca de alguma regra que pudesse ser rompida. Em outras palavras, se em um primeiro momento – como na cena do *Ulisses*, do Joyce, na qual

se descreve o Sr. Bloom fazendo cocô – a destruição almejava o interdito, o que feria o decoro, com o tempo ela passou a atingir também aquilo que nem sabíamos estar de acordo com algum preceito, como no ataque de John Cage à sintaxe como princípio estruturador da língua. É como se houvesse uma caça às bruxas a qualquer padrão de *ordem*, uma palavra que tem uma conotação tanto organizacional, técnico-matemática, quanto proto-militar, como na nossa bandeira.

Diante disso, como a crítica pode portar-se, uma vez que sua fala deve necessariamente ser construtora? Acho que aqui os opostos se encontram: justamente porque há um questionamento tão forte dos princípios de composição, é que o crítico deve investir ao máximo em seus próprios. Uma outra maneira de dizer a mesma coisa é observar que em uma época tão saturada de mensagens, na qual as obras passam a incorporar dentro de si um aspecto conceitual (mais uma vítima da destruição: a própria concepção de que a arte é apenas mimesis), o crítico deve tentar, ao se deparar com um novo objeto, esquecer todos os milhares de textos que leu e encarar a obra com a máxima ingenuidade que conseguir produzir. A dificuldade está nesse paradoxo de construir a ingenuidade. Ou se você quiser uma outra formulação, trata-se de destruir essa destruição, não de fora, como querem os moralistas, mas a partir dela mesma, entendendo seu princípio constitutivo. Mas um adendo: onde acima se lê crítico, leia-se também espectador, leitor ou público.

**Felix:** O senhor concorda que, nessas últimas décadas, a literatura aparece atrelada quase que exclusivamente à uma forma de crítica mais interessada em imprimir uma abordagem política e social ao campo das humanidades?

**Durão:** Esse é um tema espinhoso. Embora ela esteja candente hoje, a questão da politização da arte é antiga, principalmente se a inserirmos dentro da discussão sobre a autonomia estética, se a arte pode existir por si mesma, ou se deve estar ligada ao Bem ou servir a uma função didática. Eu

gostaria de deslocar um pouco a pergunta e dizer que aquilo que comumente se entende por arte política amiúde tem muito pouco de político. Via de regra, o que está em jogo aqui é a inserção de algum *conteúdo* político ou social na obra. Se esse conteúdo ajuda, ou pelo menos não atrapalha, seu funcionamento interno, ou seja, se a obra é interessante com esse conteúdo, se ela se sustenta como objeto, se ela dá o que pensar, se ela estimula a inteligência, enfim, se você consegue se entregar a ela sem ter que fazer nenhuma espécie de concessão, então não há porque designar a obra como política; ela é simplesmente uma obra bem-sucedida. O problema é que a inserção de conteúdos políticos geralmente ocorre junto com uma simplificação formal, eu diria um conformismo formal, se a expressão não fosse tão estranha. Isso não faz bem para ninguém. Como leitor, você acaba tendo que violentar a sua inteligência, você está vendo a repetição de algo já batido, uma fórmula já usada, mas tem que fingir que não vê. E esse preço é alto demais, porque do jeito que a sociedade está organizada a literatura é necessariamente restrita. A mensagem política não chega a quem importa, não tem alcance nenhum. O grosso da população oprimida e explorada não vai ter acesso à literatura ou à crítica politizada. Não é culpa da literatura; é da sociedade, que é excludente. O resultado acaba sendo uma pregação para os convertidos.

Além disso, a politização da literatura ajuda que ela seja atacada politicamente, porque ao deixar de reivindicar a universalidade ela apresenta-se como uma prática interessada, que defende um grupo, que tem um partido, e que assim pode ser perseguida mais facilmente. Se a teoria e a crítica não abrissem mão do universal, poderiam mais facilmente mostrar como ele não é realizado na sociedade. Em suma, ao mesmo tempo que não se ganha força política, contribui-se potencialmente para o desmanche institucional da literatura.

O último aspecto do problema para o qual gostaria de chamar a atenção reside na cegueira em diante do que há de político na literatura quando considerada do ponto de vista de si mesma, como objeto auto-regido e auto-constituído. Alguém que entende uma estrutura complexa, que já sentiu o prazer que uma composição sofisticada oferece, não tem paciência para a insuportável repetição da indústria cultural (quantas vezes na vida é possível ouvir o “eu te amo” das canções sem derreter o cérebro?); alguém que se dá conta da liberdade materialmente presente em uma obra interessante não terá dificuldade para perceber a imensa falta de liberdade que molda grande parte da vida das pessoas. Ou sob um outro ângulo: por que tanta gente expressa raiva da literatura dizendo que ela não serve para nada? O *servir-para-nada* da literatura chama a atenção para o quanto a sociedade está toda ela estruturada de modo a só permitir a existência de coisas que sirvam para algo, a saber, ganhar dinheiro; por isso ela incomoda. E isso também do ponto de vista do sujeito: como é que pode alguém ficar lendo no final de semana? Como é que pode se dedicar a um trabalho que dá prazer? E se as pessoas começarem a exigir que o trabalho dê prazer? Resumindo, a literatura é política já em sua existência. (E olha que nem mencionei todas as *ideias* que alimentam a história da literatura e que por si só já abrem a cabeça das pessoas, questionando dogmas religiosos, imposições morais etc...)

**Silva:** Diante desse contexto, como o senhor avalia o lugar da disciplina autônoma literatura no âmbito da universidade, seja nos cursos de graduação ou nos programas de pós-graduação, que por vezes centram-se em abordagens homoeróticas, feministas ou pós-coloniais?

**Durão:** Creio que seria equivocado estabelecer uma oposição entre “literatura autônoma” e as diversas abordagens disponíveis hoje na teoria literária. No processo interpretativo qualquer tipo de preocupação pode ser bastante

produtivo. O problema não é a ferramenta que você vai usar – e seria bem equivocado pensar que para a “literatura autônoma” não haveria um conteúdo conceitual próprio trazido pelo crítico para a análise; o problema está no resultado do uso. O meu foco no feminismo permite que a obra me diga algo de novo, *algo que eu não sabia antes*? Ou ele leva simplesmente à reiteração de algo já conhecido? Porque neste último caso o que se produz é só uma boa perda de tempo.

Note que isso vale não somente para crítica, mas para a própria literatura: o fato de que esse personagem é gay contribui para o sentido do texto, é algo de pouca relevância, ou é um item mercadológico, chamariz para um público-alvo? – Porque na literatura contemporânea é muitas vezes possível perceber que o texto se concebe como uma espécie de adendo, um apêndice da teoria, algo feito explicitamente para confirmá-la, o que é bem entediante.

**Felix:** Grandes nomes como Joyce, Burroughs, Faulkner e, aqui, no Brasil, Mário de Andrade, João Guimarães Rosa, Graciliano Ramos e Clarice Lispector renovaram a prosa literária/Literatura a partir de um certo experimentalismo estético/estilístico nos seus textos. Suas narrativas mais ousadas primavam pela própria composição literária e seus procedimentos estilísticos. O senhor avalia que forma de crítica feita sobretudo pela academia pode ter engessado as obras desses escritores ao circunscrevê-las a abordagens fortemente teóricas? De que modo a subsunção da literatura à Teoria teria retirado a autonomia do texto literário e impedido novos *insights* interpretativos?

**Durão:** Em *Teoria (literária) americana*, eu tentei lidar com essa questão. A situação na qual nos encontramos hoje é de impasse, pois se não é possível ignorar a teoria, sob pena de diletantismo, também não se deve abraçá-la acriticamente. Uma forma produtiva de lidar com esse estado de coisas e virar de cabeça para baixo os termos, fazendo o que parecia ser um fim estático tornar-se um princípio de movimento. O

modernismo não precisa só relacionar-se com a teoria como uma matéria inerte a ser moldada por conceitos; ele pode também questioná-la. Gosto de dar o exemplo de uma meleca que Stephen Dedalus coloca em uma pedra no final do terceiro capítulo de *Ulisses*. Essa meleca somente resiste à interpretação a partir do momento em que se acredite que tudo no texto deve ter sentido e relevância teórica. Sem a pressão da teoria, a meleca ficaria lá feliz no canto dela; mas no instante em que é colocada a obrigatoriedade do conceito, ela diz: “tem certeza que você vai querer desenvolver uma teoria a partir de mim? Vai correr esse risco de ridículo?”

Por outro lado, a teoria merece ser vista como um objeto específico. Não há como negar que a teoria hoje traz em si um princípio de criatividade que por vezes é difícil de encontrar na literatura contemporânea. Há uma imaginação dos conceitos, que proporciona um tipo de prazer intelectual talvez não muito diferente da experiência estética, uma vez que em ambos os casos se está *propondo* algo, um convite a imaginar, uma espécie de “considere isso daqui”. Nessa mesma linha, e *en passant*, eu costumo dizer que a teoria recuperou o épico em uma época na qual ele não mais é possível na literatura. Em suma, a teoria está aí e melhor lidar com ela também como objeto do que apenas como instrumento.

**Silva:** Em seu ensaio “Da Obra ao Texto”, Barthes apresenta algo de novo. Os textos não deveriam mais ser observados a partir de “critérios de conteúdo, substância, referencialidade”, mas, passariam e sê-lo pelos seus graus de produtividade significante. Assim, tudo seria texto, bastando que oferecesse sentido e, uma vez, diluído seus critérios de valor seria um lugar-comum para qualquer área. No seu livro, *Do Texto à Obra* o senhor não nega que os ganhos para o texto foram significativos para lidar com o objeto literário; “libertar os romances, poemas da necessidade de serem coerentes em relação ao mesmo autor, novas práticas culturais a

partir do texto, reservou um papel mais ativo ao leitor, permitindo articular sentidos ao invés apenas de decodificar” seu objeto de crítica parece residir mais no fato de que qualquer fenômeno cultural pode/passaria ser um texto; Logo, autor, leitor, leitura e escrita também se dissolveriam. O que você tem a dizer sobre isso?

**Durão:** Essa é uma pergunta interessante. Eu diria que o que há de mais criticável no conceito de texto, ou melhor, de textualidade, ou seja, a possibilidade de ler qualquer coisa como texto, desde os cardápios e roupas, sistema de transporte, mapas, comícios até as brigas amorosas – o que há de mais criticável reside na separação entre objeto e investigador (algo que não é resolvido quando o último Barthes começa a tematizar a si mesmo: isso é um espelhamento, uma reduplicação que mantém a distância do pesquisador do sentido, que olha para si mesmo como objeto). Na noção de textualidade não há espaço para o observador; o texto não olha de volta para você. O que me parece mais instigante no conceito de obra é o quanto ele permite essa inserção do sujeito, como aquele investimento interpretativo que você faz para explicar uma obra, pode ser incorporado por ela como seu material. O sujeito interpretante torna-se um dos momentos da obra, como tentei desenvolver em *Modernismo e Coerência*, e com isso todo um aspecto temporal é inserido na interpretação. Isso não invalida a textualidade como tecnologia de decifração, mas a submete a uma instância reflexiva superior.

## **SOBRE AS AUTORAS E OS AUTORES**

**Adriana Ferreira de Souza:** Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural da UNEB. Graduada em Letras Língua Portuguesa e Literaturas pela Universidade Estadual da Bahia (UNEB), especialista em Gestão escolar pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) e ensino a pesquisa extensão em educação pela UNEB. Endereço eletrônico: afsadriana73@gmail.com

**Alesandra de Jesus Silva:** Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural da UNEB. Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), especialista em Política do Planejamento: currículo, didática e avaliação pela Universidade Estadual da Bahia (UNEB). Endereço eletrônico: cepa.alesandra@hotmail.com.

**Felipe Santos da Silva:** Mestrando do programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural da UNEB. Graduado em Letras Língua Portuguesa e Literaturas pela mesma universidade. Desenvolve pesquisas relacionadas à Literatura brasileira, adaptação cinematográfica; metodologia do trabalho científico. Faz parte do corpo editorial da Fábrica de Letras (Crítica Cultural, UNEB - Campus II). Endereço eletrônico: felipe\_ssilva@outlook.com

**Gisele Moreira Santos:** Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Graduada em Letras Língua Inglesa e Literaturas pela Universidade Estadual da Bahia (UNEB). Endereço eletrônico: gisele\_jac@hotmail.com.

**Jailda Passos Alves:** Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural da UNEB. Graduada em Letras Língua Inglesa e Literaturas pela mesma universidade. Integra o grupo de pesquisa "Desleitura em série: da tradução como interpretação, adaptação e deslocamento" (UNEB). Faz parte do corpo editorial da Fábrica de Letras (Crítica Cul-

tural, UNEB - Campus II). Endereço eletrônico: [jail-da.alves@outlook.com](mailto:jail-da.alves@outlook.com)

**José Carlos Felix:** Professor permanente do programa de Pós-graduação em Crítica Cultural, graduado em Letras pela Faculdade Estadual de Ciências e Letras de Campo Mourão (FECILCAM), mestrado em Letras (Inglês e Literatura Correspondente) pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Doutor em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas- UNICAMP. Docente Adjunto da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Endereço eletrônico: [jcfelixjuranda@gmail.com](mailto:jcfelixjuranda@gmail.com)

**Júlia dos Anjos Costa:** Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural da Universidade Estadual da Bahia (UNEB). Graduada em Comunicação social pela Unidade de Ensino Superior de Feira de Santana (UNEF). Endereço eletrônico: [julia.anjoscosta@hotmail.com](mailto:julia.anjoscosta@hotmail.com)

**Lúcia Magalhães Torres Bueno:** Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Viçosa (UFV). Graduada em Ciências Sociais pela Faculdade INESP e Endereço eletrônico: [luciatbueno@gmail.com](mailto:luciatbueno@gmail.com)

**Mônica Santos de Souza Melo:** Professora Titular da Universidade Federal de Viçosa, onde atua na Graduação e no Programa de Pós-Graduação em Letras. Doutora em Estudos Linguísticos, Pós-Doutorado em Estudos Linguísticos, mestra em Estudos Linguísticos e graduada em Letras pela mesma universidade. Endereço eletrônico: [monicamelo@ufv.br](mailto:monicamelo@ufv.br)

**Renato Silveira:** Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural Universidade Estadual da Bahia (UNEB). Possui graduação em Direito e em História, ambas pela pontifícia Universidade Católica do Salvador (UCSAL). Endereço eletrônico: [rsghiggi@gmail.com](mailto:rsghiggi@gmail.com)

**Rogério da Silva de Jesus:** Professor adjunto da Faculdade Integradas de Sergipe (FISE). Mestrando em Modelagem em

Ciências da Terra e do Ambiente (PPGM) pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Possui graduação em Administração pela Faculdade Santíssimo Sacramento, com especialização em Gestão Pública Municipal pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Endereço eletrônico: rogersilva\_2@yahoo.com.br

**Tárcio Leonardo Santos Mota:** Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural da Universidade Estadual da Bahia (UNEB). Graduado em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), especialista em Gestão do Desenvolvimento Territorial pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Tem desenvolvido estudos relacionados à Cultura, Política, Gestão Pública, Comunicação e Sociedade. Participa do grupo de pesquisa: Cultura, Mídia e Política - Baianidade: possibilidades e limites da identidade cultural. Atualmente, é coordenador do Centro de Cultura de Alagoinhas. Endereço eletrônico: tarciomota@hotmail.com



## POLÍTICA DE PUBLICAÇÃO

A *Grau Zero: Revista de Crítica Cultural* publica textos escritos por mestrandos e doutorandos regularmente matriculados em programas de pós-graduação *stricto sensu* do Brasil ou do exterior, após aprovação dos pareceristas permanentes e/ou convidados, considerando o perfil do público abaixo:

Estudantes regularmente matriculados em programas de pós-graduação *stricto sensu* em Letras, Linguística e/ou áreas afins condizentes com o perfil da revista; bem como autores que tenham concluído o curso de mestrado ou doutorado nos últimos dois anos, mediante a comprovação de conclusão.

Estudantes que cursaram disciplinas na condição de aluno especial nos programas de pós-graduação *stricto sensu* que dialogam com o perfil do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural da Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB), nos últimos dois anos, mediante comprovação;

A coautoria entre orientando e orientador (mestre e doutor) também é aceita, mas os autores devem submeter apenas um artigo inédito para avaliação;

A convite do Conselho Editorial, em caráter meramente excepcional, podem ser convidados professores, mestres e doutores, vinculados aos programas de pós-graduação ou graduação, desde que tenham importância nas discussões do dossiê temático.

### Normas para submissão de textos

A *Grau Zero: Revista de Crítica Cultural* recebe semestralmente artigos, resenhas e entrevistas inéditos em português, inglês, francês ou espanhol, que devem ser submetidos pelo *site* <http://www.revistas.uneb.br/index.php/grauzero>,

em duas vias, no formato Word; uma contendo texto completo e informações sobre o autor (nome, formação, e-mail, instituição, país, cidade); outra, contendo texto completo, porém, sem nenhum dado que identifique o autor. No assunto deve vir o título do texto submetido à revista.

*Artigos:* Os artigos devem ter entre dez e vinte páginas, incluindo referências bibliográficas, resumo, palavras-chave e qualquer outro elemento que componha o trabalho (gráficos, figuras etc.). O título deve estar centralizado, em negrito e caixa alta, com sua respectiva tradução em inglês, francês ou espanhol. Abaixo do título deve ser indicado o nome do(s) autor(es) e as suas coordenadas devem estar alinhadas no rodapé da página. O texto deve iniciar duas linhas abaixo das palavras-chave, também em fonte Times New Roman, tamanho 12, espaçamento 1,5 entre linhas, justificado. As dimensões das margens da página devem ser de 3 cm nas margens superior e esquerda e de 2 cm nas margens inferior e direita. Os subtítulos ao longo do texto devem estar em negrito e centralizados. As citações com menos de quarto linha devem ser mantidas no corpo do texto; ultrapassado este limite, devem ser alinhadas à direita com recuo de 4 cm da margem esquerda, espaçamento simples e fonte tamanho 10, texto justificado. Todas as obras citadas ao longo do texto devem aparecer na lista de referências, ao final do artigo, em ordem alfabética, alinhadas à esquerda de acordo com a norma NBR-6023.

*Resumo:* O resumo, bem como o abstract (O abstract deve estar prioritariamente em inglês. Para trabalhos que foram escritos em inglês, a tradução deve vir em francês, português ou espanhol), não deve exceder o número máximo de 140 palavras, digitadas em fonte Times New Roman, fonte tamanho 10, com espaçamento simples. Logo abaixo, devem ser indicadas três palavras-chave que identifiquem o conteúdo do texto, também traduzidas e inseridas abaixo do abstract.

*Resenhas:* As resenhas devem ser realizadas a partir de obras com no máximo vinte e quatro meses de publicação da sua primeira edição, com no máximo 2500 palavras, espaço 1,5. A referência bibliográfica completa da obra comentada vem no início do texto e, ao final, devem ser apresentadas as coordenadas do resenhista (nome, instituição etc.). Sugerimos que sejam evitadas citações de outras obras, quando isso for imprescindível, incluí-las no corpo do texto.

*Entrevistas:* As entrevistas devem apresentar um número máximo de quinze páginas. A pessoa a ser entrevistada precisa ser necessariamente um(a) pesquisador(a) ou ser significativo na perspectiva do eixo temático da atual edição da revista. A entrevista deve conter entre 5 e 10 blocos temáticos, com título. O primeiro bloco deve ser uma introdução explicitando a relevância do entrevistado e suas contribuições para o cenário político-cultural atual; e o último deve apresentar uma ficha técnica, com uma sinopse curricular do entrevistado e do entrevistador, local e data da entrevista e toda informação complementar que se faça necessária.

*Atenção:* Os textos enviados à *Grau Zero* não deverão estar em processo de avaliação em outras revistas acadêmicas; textos submetidos fora das normas de formatação não serão enviados ao Conselho Científico para avaliação.

### **Transferência de direitos autorais — Autorização para publicação**

Caso o artigo submetido para a avaliação seja aprovado para publicação, já fica acordado que o autor autoriza a UNEB a reprodução e publicação na *Grau Zero: Revista de Crítica Cultural*, conforme os incisos VI e I do artigo 5º da lei 9610/98.

O artigo poderá ser acessado pela rede mundial de computadores e/ou pela versão impressa, sendo permitidas a consulta e a reprodução de exemplar do artigo para uso próprio de quem a consulta de forma gratuita. Essa autorização de publicação não tem limitação de tempo, ficando a UNEB responsável pela manutenção da identificação do autor do artigo.



**MASS MÍDIA**

---

DEMOCRACIA  
E POLÍTICAS  
DA CULTURA

**Grau  
Zero**

REVISTA DE CRÍTICA CULTURAL

Volume 7, número 1, jan./Jun. 2019 ISSN 2318-7085